

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**  
**TERRITÓRIO, CULTURA E REPRESENTAÇÃO**

**GEOGRAFIA DO COTIDIANO: REPRESENTAÇÃO ESPACIAL E  
RESISTÊNCIA CULTURAL NA ZONA PESSOAL COTIDIANA (ZPC)  
DE IMIGRANTES EM CASTRO-PR**

CURITIBA  
2011

KELTON GABRIEL

GEOGRAFIA DO COTIDIANO: REPRESENTAÇÃO ESPACIAL E  
RESISTÊNCIA CULTURAL NA ZONA PESSOAL COTIDIANA (ZPC)  
DE IMIGRANTES EM CASTRO-PR

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Geografia, pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia do Setor das Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Orientador: Prof. Dr. Wolf-Dietrich Sahr

CURITIBA  
2011



### PARECER

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Curso de Pós-Graduação em Geografia reuniram-se para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado, apresentada pelo candidato **KELTON LUIZ GABRIEL DE OLIVEIRA**, intitulada: **"Geografia do cotidiano, representação espacial e resistência cultural na Zona Pessoal Cotidiana (ZPC) de imigrantes em Castro-PR"**, para obtenção do grau de **Mestre** em Geografia, do Setor de Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná Área de Concentração **Espaço, Sociedade e Ambiente**, Linha de Pesquisa **Território, cultura e representação**.

Após haver analisado o referido trabalho e arguido o candidato, são de parecer pela aprovação da Dissertação.

Curitiba, 05 de abril de 2011

Nome e assinatura da Banca Examinadora:

Prof. Dr. Wolf Dietrich Sahr – UFPR (Orientador)

Prof. Dr. Joseli Maria Silva -UEPG

Prof. Dr. Sívio Fausto Gil Filho - UFPR

*A constituição do mundo material e do “espaço” é assim ligada com o “eu” que experimenta, se move e age. Separado da experiência da espacialidade do mundo físico-material, o sujeito também experimenta as qualidades dos diversos objetos em relação ao seu próprio corpo, verificando-as com significados correspondentes às suas ações.*

*Benno Werlen*

Dedico esse trabalho aos geógrafos, que sirva como uma pequena contribuição na conquista do entendimento do espaço geográfico, que é o maior desafio de nossa ciência, pois hoje ainda cientificamente não a conquistamos.

## AGRADECIMENTOS

Aos contribuintes da República Federativa do Brasil, que ajudaram a financiar o presente estudo e possibilitaram essa pequena contribuição ao desenvolvimento da Geografia.

Aos meus pais e a minha família que sempre foram balizas orientadoras para o bom caminho e aos valores da vida.

Aos colegas da UFPR que sempre estavam dispostos a discutir e evoluir o pensamento geográfico dentro de nossas possibilidades.

Aos professores e ao secretário Zem do programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPR extremamente qualificados e sempre dispostos a opinar e levantar questões e subsídios fundamentais para o desenvolvimento dos estudos.

Ao tio Moacir e a tia Lacy que me ajudaram muito no tempo que passei em Curitiba para estudar e pesquisar.

Ao orientador Woody, que me ajudou a estruturar todo o sentido da pesquisa e as suas justificativas e objetivos finais, colaborando com bibliografias fundamentais e principalmente levantando questões que sozinho não teria jamais ousadia de se perguntar, simplesmente por parecer óbvias, no entanto descobri que não eram e ainda assim permanecem mais como respostas passageiras do que definitivas.

Finalmente agradeço aos amigos de Castro e aos pesquisados que foram de ímpar importância ao contato entre uma Geografia Acadêmica e uma Geografia Cotidiana.

OBRIGADO.

## SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	viii
RESUMO.....	ix
ABSTRACT.....	x
YOUYAKU.....	xi
SAMENVATTING.....	xii
 INTRODUÇÃO.....	 1
 1. EPISTEMOLOGIA DO COTIDIANO.....	 4
1.1. Correntes do “Cotidiano” nas Ciências Humanas.....	5
1.1.1. <i>Interacionismo Simbólico</i> .....	5
1.1.2. <i>Abordagens Marxistas</i> .....	8
1.1.3. <i>Formismo e acionismo</i> .....	13
1.1.4. <i>Fenomenologia do Cotidiano</i> .....	17
 2. O COTIDIANO ENTRE AS CULTURAS E O IMPACTO DA IMIGRAÇÃO.....	 21
2.1. As Culturas e a Subjetividade.....	23
2.2. A Subjetividade e a Espacialidade.....	28
2.3. O Cotidiano e a Espacialidade Subjetividade.....	35
2.4. A Sobreposição Mnemônica na Matéria Cotidiana.....	38
2.4.1. <i>Ativação da Memória</i> .....	39
2.4.2. <i>Sobreposição Mnemônica na Subjetividade</i> .....	40
2.4.3. <i>Memória em Si e Ligações de Recordação</i> .....	41
2.4.4. <i>O Cotidiano como Processo de Individuação</i> .....	43
2.4.5. <i>A Posição Solipsista como Problema Metodológico</i> .....	45
2.4.6. <i>A Interpretação e a Realidade do Mundo-Mente</i> .....	48
 3. O MÉTODO DA ZONA PESSOAL COTIDIANA E A CARTOGRAFIA DO MUNDO - MENTE .....	 50
3.1. A Zona Pessoal Cotidiana como Representação Psicológica.....	51
3.2. O Modelo da Psicologia Analítica de Jung e sua Importância para o Imigrante.....	53

3.3. O Modelo Neural e o Princípio do Prazer.....	55
3.4. O Modelo da ZPC e o Caminho Cotidiano Geográfico.....	57
4. O CONTEXTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO DE CASTRO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA AS SUBJETIVIDADES DA REGIÃO .....	61
4.1. A Instalação do Sistema Colonial através do Tropeirismo.....	62
4.2. A Imigração Européia no século XIX e XX no Processo de Reorganização do Território de Castro – PR.....	67
4.2.1. <i>Holandeses em Castro</i> .....	68
4.2.2. <i>Os Japoneses em Castro</i> .....	76
4.3.3. <i>A Organização Espacial de Japoneses e Holandeses em Castro</i> .....	81
5. ZONAS PESSOAIS COTIDIANAS DE CASTRO: 5 CASOS E SUAS INTERPRETAÇÕES.....	86
5.1. A Apresentação dos 5 Casos.....	88
5.2. O Caso da Gaijin: Uma Pessoa de Fora.....	90
5.3. O Caso da Senhora X: Relato Holandês.....	96
5.4. O Caso do Senhor W: Relato Holandês.....	101
5.5. O Caso do Senhor Senshu: Relato Japonês.....	106
5.6. O Caso da Senhora Sensei: Relato Japonês.....	110
5.7. Os Mapas das ZPC e os Pontos de Resistência Cultural.....	115
CONCLUSÃO.....	120
ANEXOS.....	123
ANEXO 1 – O CASO DE GAIJIN.....	124
ANEXO 2 – O CASO DA SENHORA X.....	139
ANEXO 3 – O CASO DO SENHOR W.....	144
ANEXO 4 – O CASO DO SENHOR SENSU.....	152
ANEXO 5 - O CASO DA SENHORA SENSEI.....	158
BIBLIOGRAFIA.....	165
Documentos.....	174



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1. Rede.....	32
2. Rizoma.....	33
3. ZPC - Solipsismo.....	34
4. Modelo da Psicologia Analítica.....	54
5. Modelo Neural.....	56
6. O Caminho do Cotidiano.....	57
7. Modelo da ZPC.....	59
8. Mapa de Castro Século XVIII (sesmarias).....	63
9. Mapa da Freguesia de Santa Ana do Iapó.....	64
10. Mapa de Vila Nova de Castro no Paraná.....	65
11. Mapa do Paraná em 1889.....	66
12. Mapa dos Registros de Terras de 1854.....	67
13. Project Castro – Mapa do Sr. Biesheuvel de 1949.....	72
14. Foto dos Fundadores de Castrolândia em 1949.....	73
15. Instituições Japonesas em Castro.....	82
16. Memorial dos 50 anos de imigração em Castro.....	83
17. Memorial dos 50 anos de imigração holandesa em Castro.....	84

## RESUMO

### **GEOGRAFIA DO COTIDIANO: REPRESENTAÇÃO ESPACIAL E RESISTÊNCIA CULTURAL NA ZONA PESSOAL COTIDIANA (ZPC) DE IMIGRANTES EM CASTRO-PR**

O trabalho se baseia na concepção metodológica denominada “Zona Pessoal Cotidiana (ZPC)”, proposta por Gabriel (2005), a qual é aqui ampliada para o caso de imigrantes. A ZPC é o espaço onde a pessoa vive o seu cotidiano. Se divide na sua representação espacial em *pontos de consistência* (Casa, Trabalho, Escola, etc.), *trilhas psicológicas* (caminhadas urbanas) e fragmentos espaciais promovidos pelos *módulos de ligação* (carros, metrô, ônibus, etc.). Em casos de imigrantes, observa-se ainda a inserção de *pontos de resistência*, sendo estes os lugares onde os estrangeiros interagem com uma organização espacial e social similar ao país ou à cultura de origem. Na pesquisa procuram-se *padrões espaciais* cotidianos de japoneses e holandeses no município de Castro, uma cidade no Interior do Paraná com um forte impacto de imigração durante o século XX. Esta cidade, por ser antiga, conservadora e pequena evidencia assim o tradicional local, se confrontando com as resistências culturais de holandeses e japoneses, o que *a priori* são grupos de imigrantes espacialmente antagônicos: enquanto os holandeses mostram certa resistência cultural-geográfica na comunidade de Castrolanda, os japoneses ficam dispersos no espaço geográfico castrense, evidenciando para fora uma ausência dessa resistência, mas por dentro uma ligação ainda maior com suas origens do que os holandeses. Entendemos que a construção das ZPC's dos imigrantes se explica bem pela epistemologia do solipsismo, no qual a consciência do pesquisado é o referencial principal da realidade investigada.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Cotidiano, imigrantes, solipsismo, Zona Pessoal de Cotidiano, resistência cultural.

## ABSTRACT

### EVERYDAY GEOGRAPHIES: SPATIAL REPRESENTATION AND CULTURAL RESISTANCE IN THE PERSONAL EVERYDAY ZONE (PEZ) OF IMMIGRANTS IN CASTRO, PARANÁ, BRAZIL

This research is based on the methodological conception of a “Personal Everyday Zone” (PEZ), as proposed by Gabriel (2005) and extended to the case of immigrants. The PEZ is a space where a person lives in his everyday world. In its spatial representation, the Zone is divided in *consistence points* (home, work, school, etc.), *psychological paths* (urban trails) and spatial fragments moved around *connection modules* (cars, metro, bus, etc). In the case of immigrants, also the insertion of *resistance points* can be observed. Resistance points are places where strangers interact with a spatial and social organization similar to their countries of origin. This research is dedicated to the spatial patterns of Japanese and Dutch people in the Castro municipality, a city in the Interior of Paraná (Brazil) with a high impact of immigration throughout the 20<sup>th</sup> century. This city, as being old, conservative, and small, has been evidenced as a local traditional place that is now confronted with the cultural resistance of Dutch and Japanese people, both groups being *a priori* spatially antagonistic groups: while the Dutch can evidence their cultural-geographical resistance through the existence of the Castrolanda community, the Japanese are dispersed into the geographical space of Castro, without any sign of a resistance to the outside. Internally, however, they are showing even stronger ties with their origins than the Dutch. We propose that the construction of a PEZ of the immigrants can be well interpreted with the epistemology of solipsism, where the consciousness of the researched person is the principal reference of the investigated reality.

#### Keywords

Everyday life, immigrants, solipsim, Personal Everyday Zone, cultural resistance.

ようやく  
要約

この作品は日常の個人的ゾーン(ZPC)の理論を使用して、その 2005 年にガブリエルによって起草された。ZPC は人の日常生活に住んでいる空間だ。これは、一貫性の点の空間表現(家、職場、学校など)と心理コース(ハイキング都市)と結合モジュールが空間の断片を推進(車、地下鉄、バスなど)の事になって。何の方法論で新しく追加さ我々が"抵抗ポイント"と呼んで、これは、外国人が原産地のような生活の場所だ。論文では、毎日のカスト口の街で日本人の空間パターンを目指して、カスト口の町は古く、ここでは、明らかに外国の文化を見ることができる。カスト口の都市には日本からの移民、オランダ移民の生活を調査した。これらの移民グループは空間的に異なって、これはために植民地で唯一の 1 つのグループの住んでいる。オランダ人が植民地カストロランダに住んで、日本人はカスト口の都市に散在住んでいる。ZPC の移民の建設は認識論的唯我論によって実施された。

キーワード

日常生活

移民

独我論

ZPC

文化抵抗

## SAMENVATTING\*

Het werk wordt gedefinieerd als een pragmatische implementatie methodologie genaamd "Dagelyks leven"(ZPC), voorgesteld door Gabriel (2005). De ZPC is de ruimte waar de persoon leeftzijn dagelijks leven. Het zou de ruimtelijke weergave moetenzyn van de punten van de samenhang (thuis, werk, school, enz.), psychologische routes (wandel-gebieden) en ruimtelijke fragmenten bevorderd door het aansluiten van modules (auto, metro, bus, enz.). Wat is nieuw in de methodologie is de opname van wat wij noemen "punten van de weerstand, die zou kumen voorkomen van het op plaatsen waar vreemden interageren met een sociale en ruimtelijke organisatie die vergelijkbaar is met de cultuur land der herkomst. En het probeert te komen tot pragmatische alledaagse ruimtelijke patroon van enkele leden van de Japanse en de Nederlandse in Castro, dit is een herkomst gunstige plaats om dexe manifestatie van post-moderniteit, omdat het oud is, conservatieve en weinig bewijs van de traditionele. In Castro zullen wy gaan werken aan de culturele tegenstand van de holanders en de japanners. Deze groepen zyn elkaars tegenpolen. De Holanders wonen in Castrolanda, terwijl de japanners geografisch uerdeeld zyn over Castro, zyr dus culturele gezien zwakker omdatzy verspreid zyn over Castro en niet geconcentreerd zoals de Hollanders in Castrolanda. De opbouw van immigrainter in het dagelyks leven wordt bepaald door chauvinistisch gedrag. Waar alleen het bewustzijn van de ondervraagden zei dat de realiteit zal moeten worden vertegenwoordigd.

## KEYWORDS

- Dagelyks
- Immigranten;
- Solipsisme;
- Dagelyks leven;
- culturele weerstand.

---

\* Tradução: Harmen Jeroen ten Dam

## INTRODUÇÃO

A Geografia é uma ciência que tem, na atualidade, o *espaço geográfico* como um dos seus objetos principais. Podemos entender o espaço geográfico como um espaço produzido pela atividade humana, ou seja, um espaço humanizado e conhecido pela consciência humana nessa cotidianidade. Portanto, por Geografia do Cotidiano entendemos neste estudo o espaço produzido na *vida cotidiana*: A vida depende, nesta visão, das configurações pessoais que são influenciadas pelas mais variadas estruturas e sistemas localizados além da pessoa, nas quais a vida pessoal supera as fronteiras das áreas fixas, sejam eles denominadas localidades, sistemas ou estruturas. Especificamente, o imigrante ou descendente de imigrante vive, principalmente na época do Estado-nação na região fronteira e percebe mais do que um morador “nacional” a árdua tarefa em construir essa vida no entre-espaço das categorias.

Na geografia humana encontramos inúmeros trabalhos relacionados com a sociedade e grupos, assim alguns a quase percebiam como uma ciência exclusivamente social. Porém, perante muitas lacunas explicativas e os poucos estudos voltados exclusivamente ao *espaço subjetivo* (denominamos como exceção os estudos da geografia humanista e da percepção) percebeu-se a necessidade de estudos sobre o sujeito, na sua profundidade. A elaboração deste estudo refere-se, conseqüentemente, a epistemologias de outras áreas, como a sociologia, a antropologia, a filosofia e a psicologia, para tratar as informações adquiridas em campo de uma forma adequada.

O estudo aqui proposto tem perspectiva de elaborar e, posteriormente analisar, a vivência em fronteiras psico-sociais, caracterizadas por delimitações entre a vivência pátria, determinada por experiências do *aqui*, e a vivência no limite deste *aqui*, determinada pela relação entre o *aqui* e o *forasteiro*, como é comum para estrangeiros. Esta vivência se reflete em *representações espaciais* de pessoas imigrantes que participem numa vivência local através de *pontos de resistência*, que preservam suas origens e garantem a segurança psico-mental e

identitária dos seus membros, e *pontes de integração*, onde se negocia a integração do estrangeiro na sua sociedade receptora.

O recorte espacial da presente dissertação é Castro, cidade antiga do Paraná (1704), onde se estabeleceram, no século XVIII portugueses, negros e caboclos na região dos Campos, ao longo do caminho das tropas. Até então, esta região era apenas ocupada por índios semi-nômades da etnia Kaingang. Principalmente no final do século XIX e na primeira metade do século XX, esta região sofreu um forte impacto da vinda de grupos de imigrantes europeus e japoneses. Com a finalidade de compreender este impacto na formação da sociedade local, promovido pela vida cotidiana das pessoas, queremos identificar principalmente o *ponto de resistência* cultural de dois grupos da região, dos japoneses e de holandeses.

A interação dos sujeitos do *aqui* com os estrangeiros é formalmente uma estrutura diplomática de respeito, tanto que – por outro lado – na vida cotidiana percebemos que os imigrantes *japoneses* e *holandeses* na cidade de Castro fazem parte da elite – não tanto política – porém econômica. Possuidores de grandes propriedades rurais e influentes dentro do comércio local com empresas de grande porte que construíram com muito trabalho e disciplina se deparam com uma população cada vez maior de habitantes, que com o passar do tempo vão se miscigenando culturalmente com seus descendentes retirando-os das antigas tradições, fazendo o número dos membros das associações (de japoneses por exemplo) diminuir com o tempo. Perante isso quais serão as defesas culturais dos antigos para os futuros descendentes, e porque necessita-se para eles esta resistência? Como se dá a resistência cultural de tais imigrantes em seus cotidianos subjetivos? Eis nossa problemática central, para resolvê-la precisamos estudá-la com uma metodologia especializada em vida cotidiana.

No presente estudo usaremos uma metodologia de estudo do cotidiano pouco conhecida, mas que em seus aspectos de representação espacial é calcada em uma epistemologia que centraliza a fenomenologia do mundo no sujeito, onde se apresentam mapas delimitados pela linguagem expressa dos imigrantes definidas assim como mundo-mente.

A importância do estudo do cotidiano do imigrante, e principalmente a compreensão do *ponto de resistência* (que alimenta a cultura estrangeira dentro de uma cultura nacional), representa um elemento importante de pesquisa sobre a formação de uma nação. Aqui, pode se perceber o grau de interferência mútua entre culturas globais, a cultura denominada local e a cultura estrangeira, que se encontram na vida cotidiana subjetiva, mesclando as tradições dos imigrantes, como mudando a vida cotidiana e as tradições da sociedade receptora. Este “Novo Mundo”, construído em cima das fronteiras culturais e sociais, nos parece uma situação paradigmática, onde as delimitações subjetivas constroem as verdadeiras geografias do cotidiano.



## 1. EPISTEMOLOGIA DO COTIDIANO

**RESUMO:** No presente capítulo dissertamos sobre as principais correntes do estudo sobre o cotidiano nas Ciências Humanas, apresentando os principais autores e suas abordagens calcadas diretamente em uma visão panorâmica de suas principais obras dentro da temática, levando em consideração 4 principais paradigmas do cotidiano: Interacionismo Simbólico, Marxismo, Formismo/ Acionismo e Abordagens Fenomenológicas. O presente capítulo serve de suporte teórico para uma Geografia do Cotidiano, tratado no segundo capítulo.

Para compreender a construção da vida de um migrante, a qual se constrói entre diferentes esferas nacionais/regionais de vida, precisamos ter uma noção do que podemos entender como “cotidiano” nas Ciências Humanas. Apenas assim podemos investigar adequadamente a geograficidade da vida de um migrante.

Costuma-se usar o termo “cotidiano” ou “quotidiano” como referência ao dia-a-dia das pessoas. A origem etimológica da palavra “cotidiano” está no latim “*quotidianus*”, que significa “de todos os dias” (MAGALHÃES, 1960, p. 264). E com o advento da Ciência acadêmica moderna, no século XIX, pode-se perceber a preocupação de alguns cientistas de várias áreas das Ciências Humanas com o fenômeno denominado cotidiano. Um dos primeiros registros científicos referentes ao estudo do cotidiano é do fundador da psicanálise Sigmund Freud, que escreveu o livro “Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana” de 1901.

A partir deste momento, podem-se encontrar entre outras Ciências Humanas, já mais consolidadas, estudos sobre o cotidiano, como Filosofia, História, Geografia e Antropologia. Depois, a temática chegou também na Sociologia e na Psicologia Social, praticamente durante todo o século XX. Cada ciência ou grupo de cientista desenvolveu uma determinada maneira de estudar o cotidiano, e com isso temos várias correntes (paradigmas<sup>1</sup>) onde cada uma utiliza

---

<sup>1</sup> Segundo Thomas Kuhn o paradigma não é regras compartilhadas e sim tendências de investigações similares: “*La determinación de los paradigmas compartidos no es, sin embargo, la determinación de reglas compartidas. Esto exige una segunda etapa, de un tipo algo diferente. Al*

uma epistemologia diferente, ou seja, se fundamenta em um posicionamento filosófico distinto perante o fenômeno do cotidiano. A seguir, estamos apresentando, de forma seqüencial quatro tradições epistemológicas de grande relevância para essa pesquisa do cotidiano do migrante: o interacionismo simbólico, a corrente marxista, o formismo, e a abordagem fenomenológica. Essa sequência se define pelas palavras-chave: ação e papel social, estrutura e classe social, formação das formas sociais, e aparência do cotidiano.

### 1.1. Correntes do “Cotidiano” nas Ciências Humanas

O cotidiano não se apresenta de modo evidente no mundo social. Ele é construído pelo olhar dos cientistas, os quais o entendem como a capacidade das pessoas em se organizar e sistematizar seu dia-a-dia. Cada pessoa possui essa maneira de vivenciar o cotidiano, conseqüentemente, cada pesquisador percebe o cotidiano segundo um modo de perceber o mundo. Dessa afirmativa pode-se estudar algumas importantes correntes do cotidiano fundamentados em posições filosóficas e epistemológicas, que se auto-organizam em conformidade dialógica entre os seguintes paradigmas.

#### 1.1.1. Interacionismo Simbólico

O interacionismo simbólico interpreta o mundo como interação social. Trata-se de uma corrente de pensamento sobre o cotidiano que se preocupa com as interações entre as pessoas e suas representações sociais. O termo “Interacionismo Simbólico” foi proposto pelo sociólogo **Herbert Blumer** (1900-1987), que pertencia ao que dentro da Sociologia se chama Escola de Chicago (EUA). Essa escola, desde o começo da década dos anos 1920, até a metade do século XX, abrigou grandes contribuintes para o desenvolvimento da Sociologia. Blumer obteve grande influência epistemológica do notável filósofo americano George Herbert Mead (1863-1931), que foi um dos pioneiros a trabalhar com o

---

*emprenderla, el historiador deberá comparar los paradigmas de la comunidad unos con otros y con sus informes corrientes de investigación” (KUHN, 2004, p. 80).*

conceito de *Self* (si-mesmo) como cotidianidade que se revela no artigo de 1925 *La Génesis del Self y el Control Social* (MEAD, 1991).

Segundo Blumer, o Interacionismo Simbólico se baseia em três principais premissas, a saber: 1º que existe uma obtenção de significados que os seres humanos adquirem daquilo que o mundo fornece; 2º que existe uma obtenção de significados que os seres humanos adquirem com outros humanos (interação social) e 3º que esses significados sofrem alterações com o passar do tempo (BLUMER, 1980, p. 119). Portanto pode-se com essas três premissas fundamentais perceber que o “Eu”, dentro do Interacionismo Simbólico, é uma construção e uma representação fundada pela interação cotidiana com o mundo e o social.

Outro principal pesquisador da corrente é **Erving Goffman** (1922-1982), químico e sociólogo canadense, que ilustrou suas reflexões sobre o comportamento e as atitudes sociais como em um teatro. Em seu livro *A Representação do Eu na Vida Cotidiana* ele sistematiza um método de análise dos comportamentos e atitudes cotidianos dos pequenos grupos. Com isso evidencia que a representação do Eu é “escondida”, algo como um acordo tácito entre o Eu e a sociedade (GOFFMANN, 1999, p. 52). O indivíduo apresenta muitas fachadas de apresentação, onde muitas vezes é sincero e outras vezes cínico, que pode ser percebido como um teatro dentro das “perspectivas da metodologia de Goffman” (FREITAS GIL & GIL FILHO, 2008, pp. 111-115). Nessa obra fundamental de Goffman pode-se entender como as representações sociais são estruturadas pela crença no papel, pela fachada, pelo drama, pela idealização, pelo comportamento de expressões e mistificação. Tudo isso se baliza nas cerimônias das equipes e grupos.

Goffman também trabalha com o conceito de “região” nesse livro, porém a definição da região é como campo perceptivo (1999, p. 101), permitindo em fazer aqui já uma primeira alusão a uma categoria espacial, que na época se estabeleceu fora do campo da geografia, mas com as epistemologias de hoje deveria ser incluída nos debates. Goffman comenta sobre as correções e reprovações dos Outros como conservador dos papéis do Eu nesta regionalização.

Demonstra como os grupos se definem perante outros grupos mantendo uma comunicação e práticas protetoras entre os membros do grupo. Na sequência, comenta sobre a manipulação das impressões do ator social com gestos involuntários e lealdade dramática. E na conclusão explica que a representação do Eu na vida cotidiana depende de sua estrutura social e contexto gerado pela interação de impressões (GOFFMAN, 1999). Goffman escreve na conclusão sua visão panorâmica do seu próprio livro:

Neste trabalho, o indivíduo foi implicitamente dividido em dois papéis fundamentais: foi considerado como ator, um atormentado fabricante de impressões envolvido na tarefa demasiado humana de encenar uma representação; foi considerado como personagem, como figura, tipicamente uma figura admirável, cujo espírito, força e outras excelentes qualidades a representação tinha por finalidade evocar. Os atributos do ator e os do personagem são de ordens diferentes, e isto de modo inteiramente fundamental; e no entanto ambos os conjuntos têm seu significado em termos do espetáculo que deve prosseguir (GOFFMAN, 1999, pp. 230-1).

Assim, o “Eu” de Goffman é uma figura que vive na fronteira entre grupos sociais e estabelece suas relações através do uso de papéis, que muitas vezes se mostram problemáticos. Mencionamos, por isso, outra obra importante de Goffman, *Estigma*, publicado originalmente em 1963. Nesse livro, Goffman coloca o termo grego “estigma” em sua formulação original como marca social, o que forma categorias de identidades sociais. Estuda como as coesões sociais legitimam as informações e a possibilidade de visibilidade dos estigmas ou identidades do sujeito, comentando as pessoas próximas como biógrafos (1988, p. 72). Também relata sobre os esforços dos sujeitos para conseguirem se ajustar em determinado grupo e adquirirem as identidades recorrentes dessa coesão. Comenta também sobre a representação do Eu, que na verdade é apenas uma síntese da obra de 1959 já comentada acima. E finaliza o livro comentando sobre os desvios de condutas do sujeito e as consequências sociais para sua aceitação em determinados grupos geradores de estigmas (GOFFMAN, 1988). A vivência no limite entre grupos sociais aparece, destarte, mais problemático na fronteira do que no seu interior. Por isso, precisamos perguntar também pela função do poder nessa construção dos papéis sociais e das identidades.

Neste sentido, outra contribuição significativa desenvolvida no Interacionismo Simbólico, mas agora com influências marxista, encontra-se no livro *O Poder Simbólico* do sociólogo e filósofo francês **Pierre Bourdieu** (1930-2002). Neste livro, este antropólogo francês faz uma avaliação sobre a estrutura do sistema simbólico como instrumento de dominação. Explica a formação do cotidiano como *habitus*, que é o conhecimento adquirido e racionalizado para dar fundamento e lógica na vida cotidiana (1998, pp. 61-2). Então, concebe como o cotidiano produz várias instituições que os integrantes não conceberam e não quiseram sua finalidade e não compreendem como possam existir desse modo (1998, pp. 92-3). A seguir, ele apreende o conceito da “região” e tira a sua exclusividade dos geógrafos, apresentando – a nosso ver erroneamente – uma visão que os geógrafos apenas se preocupam com a localização da região e não com suas entranhas sociológicas (1998, p. 109). Na nossa visão, a contribuição de Bourdieu para problematizar a abordagem individualista de Goffman é pertinente, e por isso, investigamos melhor a relação de marxistas com a questão do cotidiano.

#### 1.1.2. Abordagens Marxistas

O filósofo social Karl Marx (1818-1883) influenciou fortemente vários campos das Ciências Humanas com o seu pensamento. Este pensamento, posteriormente chamado de marxismo, fundamenta-se na epistemologia denominada *materialismo histórico-dialético* que percebe o mundo como uma luta (dialética) por condições materiais que são possibilitadas pela mudança constante da história.

O materialismo em Marx teve grande influência do filósofo alemão Ludwig Feuerbach (1804-1872) com sua obra *A Essência do Cristianismo* publicada em 1842. Nessa obra Marx percebeu que o espírito não existe por si, ele é produto do material, e que tudo depende da existência material, inclusive as condições simbólicas, e é dessa leitura que Marx toma consciência da religião como um veículo de manipulação dos homens, pois não é criada por nenhum Deus e sim pelo mundo simbólico dos homens.

O homem nada é sem objeto. Grandes homens, homens exemplares, que nos revelam a essência do homem, confirmaram essa frase com sua vida. Tinham apenas uma paixão fundamental dominante: a realização da meta que era o objetivo essencial da sua atividade. Mas o objeto com o qual o sujeito se relaciona essencial e necessariamente nada mais é que a essência própria, objetiva desse sujeito. Se este for um objeto comum a muitos indivíduos diversos quanto à espécie, mas iguais quanto ao gênero, então é ele, pelo menos na maneira em que ele for um objeto para esses indivíduos conforme a diferença deles, um ser próprio, porém objetivo (FEUERBACH, 2007, pp. 37-8).

Karl Marx fez algumas críticas de insuficiências explicativas do materialismo de Feuerbach nos aspectos práticos, que foi registrado em onze *Teses Sobre Feuerbach* escrito em 1845 e publicado postumamente pelo amigo Friedrich Engels em 1888, como apêndice da obra *Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã* (ENGELS, 2010, pp. 65-7).

O conceito histórico-dialético teve algumas fontes no livro *Fenomenologia do Espírito* do filósofo alemão George Hegel (1770-1831), publicada em 1806. Nessa obra, Hegel percebeu a História como movimento da consciência em um *vem-a-ser* constante, onde nada permanece como é (HEGEL, 2008, p. 114). O que se constata na famosa frase de Marx no livro *Manifesto Comunista*: “Tudo o que é sólido se desmancha no ar”. Outra importante questão que Marx tomou consciência em Hegel foi a dialética. Para Hegel, tudo nasce do Espírito, mas Marx posteriormente adquiriu com Feuerbach a concepção de que a dialética em Hegel está invertida, pois para ele o espírito é produto do material.

O *materialismo histórico-dialético* foi empregado como epistemologia para o estudo do Cotidiano por alguns sociólogos adeptos do marxismo. Um deles é **Henri Lefebvre** (1901-1991), filósofo e sociólogo francês, que concebe o cotidiano como um fator de análise das estruturas opressoras. A obra de Lefebvre é muito ampla e complexa, no entanto ele trata do cotidiano especificamente na trilogia *Critique de la vie quotidienne* (1947, 1962 e 1981), onde reflete logo no pós-guerra sobre o modo como as estruturas dominantes organizam a cotidianidade humana dentro de uma *racionalidade produtivista*. Nasce dessas reflexões o conceito “sociedade burocrática de consumo dirigido”, ou o que resumidamente ficou conhecido como “sociedade de consumo”, que reflete o modo como o Estado

organiza o capitalismo e faz com que o sujeito seja um objeto programado (alienação) pela “necessidade” para o sistema capitalista na vida cotidiana (CUNHA; CANUTO; LINHARES & MONTE-MÓR, 2003, pp. 29-33).

No volume 1 da *Critique of Everyday Life* pode-se ler na introdução da segunda edição uma apresentação do empírico e teórico na vida cotidiana, analisada pela “teoria das necessidades”. Nessa introdução Lefebvre também comenta sobre o papel da filosofia no cotidiano (LEFEBVRE, 2000).

No volume 2 dessa trilogia, *Fondament d'une sociologie de la quotidienneté*, Lefebvre começa com a apresentação analítica da estrutura cotidiana e suas concepções, dimensões, temporalidades, níveis e normalidades. Depois trata o cotidiano como categoria específica e sua totalidade abrangendo as discussões de realidade, alienação, a vida em si, o espaço de sociabilidade, práxis, e a dialética do cotidiano. Também trabalha com o campo semântico do cotidiano analisando os conceitos de sinais, signos, símbolos e imagens, assim como as normas de conscientização e apropriação em uma espécie de “texto social”. O marxismo se evidencia quando ele comenta sobre a “teoria do processo de acumulação e não-acumulação”, levando em consideração a idéia de progresso e o cotidiano em uma sociedade não-acumulativa e como funcionam os mecanismos de ilusão pedagógica na cultura acumulativa. Na finalização do livro Lefebvre comenta sobre “a teoria do momento”, onde se organiza um modo de analisar a temporalidade de duração cotidiana, as suas repetições e linguagens momentâneas cotidianas (LEFEBVRE, 2002).

O volume três recebe o título de *Critique de la vie quotidienne, III. De la modernité au modernisme (Pour une métaphilosophie du quotidien)*, de 1981, onde Lefebvre amadurece toda sua perspectiva sobre o cotidiano (MACHADO, 2008, p. 87). Em todos os três livros Lefebvre apresenta uma visão do cotidiano, que demonstra certa problemática, porque um cotidiano puro não existe, mas que a individualidade cotidiana é fortemente construída por sistemas de poder. Entretanto, ao contrario da tentativa de Bourdieu em reificar essa relação do próprio e do outro na figura do *habitus*, Lefebvre deixa essa relação aberta.

**George Lukács** (1885-1971), filósofo húngaro, foi outro importante colaborador para as aplicações do marxismo nas Ciências Humanas. No começo do século XX, entre a 1ª Guerra Mundial e a Revolução Russa, Lukács adere gosto pela política e transforma-se em um teórico ativo junto ao marxismo e ao melhoramento das bases marxistas proposto por Lênin. Passou por várias experiências comuns aos políticos revolucionários da época. No campo da filosofia Lukács trabalhou profundamente nas obras de Hegel, assim como fez Karl Marx, e desses trabalhos tirou conclusões importantes, demonstrando como o materialismo se opõe ao perigo de um kantianismo idealista e do positivismo, que ambos tentavam *retirar da consciência a dialética* (LUKÁCS, 1979, p. 66).

A dialética para este filósofo húngaro contribuiu muito nas áreas de crítica literária e estética. E foi nesses trabalhos que se aproximou também mais do fenômeno do cotidiano. Ele salienta que as propriedades universais e as particularidades do pensamento estético fundamentam – em sua forma objetiva de expressão independente do gosto subjetivo de sua criação – *uma qualidade interna de significativa influência na vida humana terrena* (LUKÁCS, 1970, p. 262). Um dos conceitos fundamentais de Lukács para a análise do cotidiano das pessoas é o que ele chama de “processo de apropriação ativa da consciência”, que seria a concepção de que a realidade em si não forma a consciência como um todo, mas que a subjetividade que se apropria daquilo que escolhe das coisas dispostas na realidade (MACÁRIO, 2008 p.5). Assim, existe no cotidiano uma relação entre a totalidade e a individualidade.

Aqui, Lukács percebe a importância da *função* da obra de arte na vida cotidiana. Essa obra não a vê como objeto passivo, mas na sua estética como uma reflexão sobre a vida cotidiana, e com isso como historicidade. A partir da arte, mudam os fatores materiais e necessidades cotidianas com uma auto-criação de formas superiores de “consciência social” para suprir as insuficiências da vida real na sua individualidade. Para isso, chama seu materialismo *espontâneo* (onde o homem comum, ou *homem inteiro*, percebe o mundo como independente de si e existente), onde o mundo cotidiano finito é contraposto pela *immediatez* da manipulação das aparências fenomênicas em relação com o mundo material por



meio do *homem inteiramente*, que vive entre a arte e a ciência (FREDERICO, 2000, pp. 302-5).

A mais importante discípula de George Lukács é a socióloga **Agnes Heller** (1929-) que lecionou na Austrália depois de deixar a Hungria em 1978 por motivos políticos. Faz parte do grupo de intelectuais da Escola de Budapeste, que se empenha na crítica do marxismo soviético (marxismo crítico oriental). Sua perspectiva filosófica nasce junto com a redescoberta dos *Manuscritos Econômicos-filosóficos* de Karl Marx escrito em 1844, onde se iniciou uma reformulação da natureza humana no pensamento marxista, onde Heller compreende juntamente com essa teoria um homem produto de si mesmo e não da natureza (PATTO, 1993, p. 121).

Essas concepções foram de fundamental importância para os estudos sobre o cotidiano em Heller, pois a levaram a ver o cotidiano como uma possibilidade de revolução da vida humana, pois no cotidiano existem as estratégias de sobrevivência que quando são resolvidas por imitação e ultrageneralizações (*particularidade*), são fontes de alienação (nisto percebemos claramente o pensamento de Lukács). Em contrapartida, a *individualidade* poderia fazer com que o cidadão assumisse posições de importantes funções sociais. Neste sentido, entendemos dois outros conceitos fundamentais que são os de *preconceito* e o de *papéis sociais* que trabalham em conjunto e são produtos da classe dominante, que ao inventarem tais condições entram juntos na lógica do conformismo *fazendo com que os grupos percam seu caráter de decisões individuais*, e com isso adquiram contextos vinculados e presos na vida cotidiana (PATTO, 1993, pp. 122-134).

Com estas reflexões, os autores marxistas demonstram de que maneira estruturas sociais e culturais podem criar conflitos de “pertencimento” na vida dos migrantes que, quando posicionados nos limites entre sistemas sociais, negociam estes conflitos, mas são embutidos em estruturas maiores de poder. Enquanto as abordagens marxistas tratam essas estruturas como pré-existentes, já formados dentro do sistema capitalista, outros autores vêm nas estruturas sociais e culturais um campo mais livre de formação. Uma dessas correntes se chama “formismo”.

### 1.1.3. Formismo e acionismo

O formismo pode ser entendido como uma maneira de interpretar a organização social pelas suas “formas”. Essas formas geram *campos semânticos* que muitas vezes não se relacionam com o conteúdo original de suas formas, mas adquirem uma independência simbólica. Por essa razão, o formismo se ocupa do estudo estético, do estudo teatral e principalmente das representações sociais “desvinculadas” (não necessariamente) de seus contextos espaciais e focalizando suas atenções em formas e ações de se fazer e ser do sujeito, que nesses aspectos recebe mais o cunho de acionismo.

Os primeiros elementos do formismo aparecem na obra de **Georg Simmel** (1858-1918) que foi um notável e pioneiro sociólogo alemão responsável pelo desenvolvimento da microsociologia (estudo de pequenos grupos) e pelo desenvolvimento da Sociologia Formal (Formas Sociais). Este pensamento foi influenciado pelo pensamento de Kant, onde a forma é diferente do conteúdo. Para Simmel, a única coisa variante entre as associações de pessoas eram as formas e não os indivíduos em si. Este conceito-chave tem seu legado no termo da “sociação”, que seria o simples fato das pessoas estarem juntas independente da razão para isso. O principal ensaio para o estudo do cotidiano de Simmel é *A Metrópole e a Vida Mental* de 1903, onde ele afirma que o cidadão das grandes metrópoles vive de modo mais intelectualizado (embutidos em formas) do que os moradores das pequenas comunidades. Por isso, pessoas urbanas precisam desenvolver mais o “cérebro” do que o “coração” para sobreviver segundo um estado de “reserva”, que é mediado pelas formas sociais (SIMMEL, 1979, pp. 11-25).

**Georges Balandier** (1920-), sociólogo francês, também contribui com o formismo. Suas análises de sociedades conferem um grau universal de importância para as ações dos homens. No estudo do cotidiano, manifesta a superação de análise das ações dentro da “teatrocracia”. Aqui, as “peças” são fenômenos políticos e religiosos que se formam no palco (BALANDIER, 1982, pp. 5-21). Enquanto o indivíduo segue a risca as performances com “ritos” enquadrados em sistemas míticos fundados pela tradição que estabiliza a

realidade em estado de ordem, onde as diferentes etapas de socialização são vivenciadas como estados aparentemente seguros, cuja consolidação acontece pelas formas (BALANDIER, 1993, pp. 17-37).<sup>2</sup>

Hoje, **Michel Maffesoli** (1944-) está entre os mais influentes pesquisadores dessa linha. Ele é considerado um dos pesquisadores principais da Sociologia do Cotidiano. Suas contribuições estão na concepção estética (sendo em ato) como um código semântico de alterações dos estados normais (anomias) do cotidiano (PEREIRA, 2008, 7p.). Em questões de epistemologia do cotidiano, Maffesoli traz uma importante contribuição no seu livro *O Conhecimento Comum*, o qual fornece um modelo hermenêutico para a interpretação da vida cotidiana levando em consideração elementos simbólicos, imaginários, mitológicos, sendo o livro que contrapõe o paradigma positivista da tradição sociológica (CARRETERO PASÍN, 2003, pp. 200-1).

Levando em consideração a “forma” de Simmel – enquanto acepção não-dual com o conteúdo – Maffesoli propõe no seu modelo hermenêutico algumas *categorias paroxísticas*, tais como poder, rito, teatralidade, duplicidade, que para ele são todas *modulações da “forma”*, os quais não são nada significantes, mas permitem a atenção a um elemento particular sem perder a sua essência, em uma “condição de possibilidade” (MAFFESOLI, 1988, pp. 26-30). Assim, as formas sociais são embutidos no acionismo e contribuem para a consolidação social. Eles formam uma “regionalização cotidiana”, com fronteiras, caminhos, campos e encontros, sempre em movimento.

Neste momento, introduzimos dois importantes geógrafos que trabalham com essa perspectiva. O primeiro é **Benno Werlen** (1952-), autor do livro *Society, Action and Space* (1993). Em seu artigo *Regionalismo e Sociedade Política* Werlen busca expor a ação humana como fundamento de uma geografia social, ao invés do estudo sobre teorias do espaço (2000, pp. 11-2). E para isso, toda ciência social em seus estudos de intersubjetividades contemporâneos deve se focar na ação:

---

<sup>2</sup> Isso ocorre em todas as instituições, igrejas, universidades, etc.

O centro de seu interesse deve, por isso, concentrar-se no sujeito que conhece e age (...). Por isso a geografia regional deve ser complementada por uma geografia social que explore as regionalizações cotidianas dos mundos da vida, respeitando assim os padrões da pesquisa social científica (WERLEN, 2000, p. 13).

A consequência inevitável deste estudo de ações é o estudo dos “sujeitos”. Nisso, a vida cotidiana se demonstra como objeto de pesquisa fundamental. Werlen propõe uma perspectiva de análise denominada “regionalizações cotidianas” balizada pelas “relações mundanas” das ações humanas (SAHR & GODOY, 2009, p. 6). Portanto, fica claro que o formismo da ação em Werlen está nas *formas de vida tradicionais*, que são em certo sentido a própria ação na *práxis cotidiana*. Na atualidade, no entanto, a tradição não é o centro da manifestação da práxis no cotidiano local, e sim o discurso vinculado à *cidade global* (WERLEN, 2000, p. 14-5). “Se os geógrafos não mudarem o foco de pesquisa do „espaço? para a „ação?, eles serão incapazes de apreender as novas geografias do dia-a-dia nas próximas décadas” (WERLEN, 2000, p. 20).

Nisso percebemos como o segundo geógrafo a ser tratado aqui, o alemão vivendo no Brasil, **Wolf-Dietrich Sahr** (que atualmente é professor titular da Universidade Federal do Paraná) trabalha em concordância com as concepções de Werlen na perspectiva da ação. Atualmente, suas principais contribuições nessa perspectiva são dois artigos: o primeiro é *Signos e EspaçoMUNDOS* de 2007, onde Sahr no início expõe a necessidade da diferenciação do “nível material do espaço” do seu “nível simbólico”. Então, entra-se em um binarismo (relação diádica) que é canalizado na “semiótica” de Saussure onde o *significante* (a coisa-em-si) e o *significado* aparecem como uma ação dupla (SAHR, 2007, pp. 57-8).

Sahr continua as associações dessa “dialética unificadora” abrangendo vários conceitos como “matéria” e “idéia”, “corpo” e “signo” e “langue” e “parole” de Saussure, que em profusão geram “processos de significação” (p. 58) com “componentes geográficos” (p. 61), os quais Werlen tinha chamado de “regionalizações cotidianas” (p. 63). O estudo do espaço por esse binarismo relacionado é denominado por Sahr de Geografia Semiótica (p. 64). Aos poucos, Sahr percebeu na sua obra que o binarismo tornou-se insuficiente para se explicar

a realidade, e um terceiro elemento tornou-se necessário. Isso se evidencia no “modelo triádico do signo” de Peirce (pp. 62-3), ou na “trialética” de Lefebvre (p. 68), ou nas “três espacializações” de Foucault (pp. 72-3). A partir dessa idéia – da interligação acionista, Sahr propõe um modelo explicativo abrangente na Geografia Cultural, o “EspaçoMUNDO” (p. 73). Este seria a fusão entre o “espaço primário” (corpo) de Foucault (ou “espaço percebido” de Lefebvre) com o “espaço secundário” (ação, signo) (ou “espaço concebido” em Lefebvre) e o “espaço terciário” (formas/sociedade) (“espaço vivido”) (SAHR, 2007, pp. 75-6).

Consequentemente, o seu segundo artigo intitula-se *Ação e EspaçoMUNDOS* (2008). Nesse artigo, que tem um teor de complexidade superior ao anterior e é por essa razão mais rico, Sahr coloca uma epígrafe em latim “Ambulo ergo sum” (Caminho, logo existo) que remete nossa consciência à “ação”, ao invés do “pensar” de Renatus Cartesius. Sahr começa o artigo buscando uma junção com o artigo anterior, uma espécie de complementação, ou continuação, pois coloca o “significado” como assunto a ser tratado e relacionado com a vida cotidiana, e desse “espaço vivido” gera-se a palavra ViverSignificar<sup>3</sup> (SAHR, 2008, p. 36). Nesse sentido, a “Geografia Semiótica”, ou o que nesse artigo chama-se de “Geografia Cultural do Significado”, começa a jorrar suas implicações espaciais para uma “Geografia Social da Ação”. Nisso é apresentado um engajamento dos “campos de Agência” nas tendências marxistas de Stuart Hall (2008, p. 36), na “dissemiNação” de Homi Bhabha (2008, p. 37), na geografia cultural francesa de Paul Claval e Bonnemaïson (2008, pp. 37-8), na visão “MesoLógica” quase budista de Augustin Berque (2008, p. 38) com as “esferas de experiências fenomenológicas” de Guy di Meo (2008, p. 39) e o interacionismo simbólico (2008, pp. 39-40), tudo como um corpo teórico de transição para uma Geografia da Ação, que encontra no campo discursivo da língua alemã, em Benno Werlen e Peter Weichhart, uma tendência de alteração do paradigma do “espaço” para o da “ação” (2008, p. 41).

---

<sup>3</sup> Encontra-se no artigo muitas palavras com uma organização gráfica e de entonação fonética similar a um contexto poético ou uma “liberdade de desconstruir algumas conotações”, como Sahr justifica na nota 1, que talvez seja uma tendência do “desconstrutivismo” de Jacques Derrida.

Na seqüência do artigo, Sahr nos apresenta vários modos de tratamento da “ação”, e revela o conceito dos EspaçoMUNDOS como um processo dialético do “interAgir” da “construção do Eu” (SAHR, 2008, p. 45). Nisso, surgem as “lógicas de ação” (são três segundo Weber: utilitário, normativo e comunicativo – mas podem existir outros), como a usam também Jürgen Habermas na sua *Teoria da Ação Comunicativa* e Benno Werlen em sua teoria *Regionalizações Cotidianas*. Essa diversidade de lógicas causa um problema na ciência, pois cria um confronto entre as racionalidades sistêmicas (organizações reificadas) e as dos próprios indivíduos, fazendo assim com que o “ator social” possua dois aspectos de ação, um normativo e outro informal ou peculiar (SAHR, 2008, p. 46-7).

Sahr nos apresenta, assim, as ambigüidades da definição de territórios. Nisso, encontra-se a necessidade de diferenciar a “geografia do território” da “geografia das espacializações” (2008, pp. 48-9). Nesse sentido, a Geografia Cultural da Ação busca superar ou “rejeitar o formalismo geográfico atualmente vigente” nas idéias de territorializações e suas conceituações fixadas entorno do “espaço”, e buscar as “formas de expressão” ou significados da/na Ação do ator social (SAHR, 2008, pp. 50-52).

Com essa idéia do formismo de ação, podemos nos aproximar-nos a uma situação, onde o cotidiano aparece como uma categoria básica da formação social. Conseqüentemente, precisamos compreender, como o cotidiano se destaca – como um fenômeno – do mundo em geral.

#### 1.1.4. Fenomenologia do Cotidiano

O termo “fenômeno” e a sua derivação “fenomenologia” vêm sendo empregado há vários séculos antes do livro *Investigações Lógicas* de Edmund Husserl de 1901 (2001), que representa a base desta corrente filosófica. Encontra-se tanto no livro *Crítica da Razão Pura* de 1781 (2001) de Emanuel Kant, como no livro *Fenomenologia do Espírito* de 1806 (2008) de Georg Hegel. No entanto, Husserl chamou de “método fenomenológico” uma nova abordagem que superaria a *dialética de reconhecimento* de Hegel em seu complexo livro (2008). Por essa razão ele é conhecido como o “pai do método fenomenológico”.

**Edmund Husserl** (1859-1938) foi um notável filósofo alemão e sua principal obra é *Investigações Lógicas*, publicada originalmente em dois volumes em 1901 no idioma alemão, onde organiza a lógica como uma *disciplina normativa* e como *teoria científica*, analisando as leis do pensamento como supostos elementos de leis naturais. Configura, neste contexto, a psicologia como um *relativismo cético* que é insuficiente para explicar a realidade (HUSSERL, 2001, pp. 11-63), e conseqüentemente propõe uma *teoria unificada* com leis que governam as combinações e interconexões entre as coisas e as verdades, formulando assim categorias puras de análise (2001, pp. 64-80). São seis investigações lógicas: na 1º trata-se das expressões e significados e suas significações pela expressão física e intuitiva; a 2º investigação é sobre a teoria das abstrações que canaliza suas explicações em objetos universais e individuais; na 3º Husserl formula a teoria do todo e das partes, comentando sobre as leis formais e as leis analíticas em um esforço para uma teoria das formas puras; a 4º investigação refere-se à interdependência da gramática e do significado; a 5º parte aborda as expressões fenomenológicas e sua definição de Ego, consciência e intencionalidade; e finaliza com a 6º investigação sobre os elementos fundamentais da fenomenologia, como mente, percepção interna e externa, continuação e nível de conhecimento (HUSSERL, 2001). Assim, Husserl demonstra, como as coisas aparecem no nosso cotidiano.

**Martin Heidegger** (1889-1976) foi um filósofo alemão, discípulo de Husserl, que escreveu um dos mais importantes livros filosóficos do século XX intitulado *O Ser e o Tempo* onde coloca a necessidade do *ser* obter as respostas essenciais, e para isso usa o método fenomenológico, para fazer uma interpretação do *Dasein* (ser-no-mundo), revelando seus aspectos temporais, espaciais e mundanos, formando a vida na cotidianidade. Heidegger coloca a morte como fenômeno, pois jamais poderemos ter consciência de exercer o verbo morrer, e nisso a consciência é projetada como ontologia formando a “presença do Ser” que funda o conceito de “cuidado” em tudo o que pode ocorrer, *pois o Ser é o Tempo que ele é* (HEIDEGGER, 1927).

**Jean-Paul Sartre** (1905-1980) é considerado “pai do existencialismo”, que em analógica interpretação com a obra de Heidegger, escreve sua principal contribuição *O Ser e o Nada* como uma tentativa em compreender a existência como uma forma de ser. Nessa obra, porém, o *ser* não pergunta como em Heidegger, o *ser* é buscado, analisado, externado e conseqüentemente está existindo. O Ser em Sartre é algo a ser estudado. Sem o Ser nasce na análise fenomenológica o Nada, que é tudo menos o Ser, mas – numa dialética negativa - a possibilidade do *ser-para-si*. Nessa busca Sartre se depara com a existência do Outro concomitante com a sua própria existência, deixando espaço para o problema do *para-outro*. A finalidade desta construção entre ser e nada é a liberdade completa, é o existir como possibilidade de se assistir em uma condição transcendental, e por isso metafísica (SARTRE, 1997).

**Maurice Merleau-Ponty** (1908-1961), outro filósofo francês, escreveu uma importante obra dentro do quadro filosófico contemporâneo intitulada *Fenomenologia da Percepção* de 1945. Nessa obra, Merleau-Ponty herda toda fenomenologia de Hegel, Husserl e Heidegger (MERLEAU-PONTY, 1999, pp. 23-99). Porém, podemos notar que ele vai além, e suas explicações do fenômeno não ficam na intencionalidade ou no espírito e, sim, representam uma fixação de percepção do mundo através de uma realidade plausível, que é o próprio mecanismo biológico, o próprio corpo. Assim, Merleau-Ponty dá materialidade empírica aos sistemas metafísicos da fenomenologia e do existencialismo até então apresentados. Desse modo o corpo ganha vida e importância para o método fenomenológico, e os conceitos metafísicos (sentir, perceber, intenção, etc.) encontram correspondência perceptível e espacialidades (MERLEAU-PONTY, 1999).

No final da obra, assim como Sartre, ele se depara com o problema do Outro, que na verdade agora são corpos existentes, sujeitos psicofísicos, ou “corpo vivo”, onde:

Sinto meu corpo como potência de certas condutas e de um certo mundo, sou dado a mim mesmo como um certo poder sobre o mundo; ora, é justamente meu corpo que percebe o corpo de outrem, e ele encontra ali como que um prolongamento miraculoso de suas próprias



intenções, uma maneira familiar de tratar o mundo; doravante, como as partes de meu corpo em conjunto formam um sistema, o corpo de outrem e o meu são um único todo, o verso e o reverso de um único fenômeno, e a existência anônima da qual meu corpo é a cada momento o rastro habita doravante estes dois corpos ao mesmo tempo (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 474).

Nisso a fenomenologia ganhou “corpo” e pode-se portanto finalizar a fenomenologia com a própria visão de Merleau-Ponty:

O que é a fenomenologia? Pode parecer estranho que ainda se precise colocar essa questão meio século depois dos primeiros trabalhos de Husserl. Todavia, ela está longe de estar resolvida. A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua "facticidade". É uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre "ali", antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico. É a ambição de uma filosofia que seja uma 'ciência exata', mas é também um relato do espaço, do tempo, do mundo "vivididos" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 1)

Fica assim evidente a grande contribuição que a fenomenologia apresenta para o estudo do cotidiano, e nessas frases finais apresentadas de Merleau-Ponty: *“... um relato do espaço, do tempo, do mundo „vivido?”*, conseqüentemente nos remete a pensar uma Geografia do Cotidiano.

Resumidamente, podemos dizer que as fontes de uma geografia do cotidiano encontram-se em diferentes raízes, que se organizam num campo filosófico, posicionado em questões da percepção na fenomenologia (que inclui na questão da migração e de ex-migrantes o relacionamento com o outro), a comunicação através de símbolos (inclusive do problema da duplicidade da hermenêutica entre dois sistemas de compreensão), o relacionamento de poder e identidade que surge na sociedade moderna, e a criação de formas sociais, como propõe o formismo sociológico, inclusive sua relevância especial em relação para pessoas que vivem entre culturas, e assim necessitam de uma força criativa especial para fazer sua vivência.

## 2. O COTIDIANO ENTRE AS CULTURAS E O IMPACTO DA IMIGRAÇÃO

**RESUMO:** Nesse capítulo pode-se perceber uma reflexão sobre o impacto e os traumas (fechamento) psico-geográficos da imigração, assim como apresenta-se aqui uma diferenciação entre os conceitos espaciais de rede, rizoma e ZPC, e a justificativa para o uso da última com a apresentação do conceito de “relativismo pragmático”. Como também existe nesse capítulo uma associação entre os limites da mente com os limites espaciais apontando a dificuldade de penetração no mundo-mente (do estrangeiro nesse caso) e a solução para tal problema como uma sistemática de captação mnemônica das “categorias de coisas” do “mundo-mente” pelo solipsismo epistemológico.

A geografia é um conhecimento humano sobre os aspectos da Terra e da cultura humana, conhecimento tão antigo quanto a própria palavra. No ocidente costuma-se a conceder aos gregos Tales, Anaximandro, Heródoto e Estrabão a responsabilidade do uso do termo geografia e aos primeiros registros cartográficos. Em todos estes autores, este conhecimento geográfico ganhou certa objetividade. Desta forma, a cartografia servia como uma principal ferramenta metodológica de produção do conhecimento da Geografia, muito antes mesmo dessa se fundamentar no final do século 19 como uma ciência institucional (MORAES, 1991, pp. 13-43).

Com o passar do tempo, a Terra foi sendo registrada quase por completo, e a Geografia começou a perceber uma nova necessidade de função: a associação entre os aspectos da Terra com as atividades humanas, assim que a cultura se cristalizou como um dos objetos da descrição da Terra. Portanto os estudos relacionados ao homem e suas pesquisas, não se trata de uma fuga da originalidade da proposta da Geografia como ciência e sim apenas como uma continuidade da descrição da Terra iniciada desde a aurora do conhecimento. Com isso pode-se notar os trabalhos na geografia cultural alemã com o de Friedrich Ratzel (1844-1904) e a introdução da cultura como análise geográfica; com Otto Schlüter (1872-1959), já com o conceito de paisagem; e com August Meitzen (1822-1910) e Eduard Hahn (1856-1928), com a análise étnica da vida cotidiana na agricultura (CLAVAL, 2007, pp. 19-29).

Uma virada mais para o lado subjetivo define-se na Geografia do Cotidiano, que surge a partir dos anos 1960. Podemos encontrar alguns trabalhos relevantes fundamentados nos quatro paradigmas apresentados acima. Por exemplo, *Terrae Incognitae* (1947) de John K. Wright sobre a Geosofia, que trata da descrição imaterial da terra ou o mapeamento dos “territórios desconhecidos” da imaginação, é baseado no conhecimento fenomenológico. Também, David Lowenthal propõe seu ponto de vista *particular* dizendo que apenas os “adultos sadios, robustos e sensíveis” conseguem ter uma visão de mundo compartilhada, enquanto os “psicóticos, crianças, idiotas e místicos” tentam “projetar seus espaços particulares como sendo o mundo exterior” (LOWENTHAL, orig. 1961, p. 109). Se revela, desta maneira, um posicionamento *fenomenológico do conhecimento* para uma construção de uma “visão compartilhada”.

Nessa perspectiva pretendemos nesse capítulo trabalhar com os impactos culturais na subjetividade do imigrante quando este se depara com uma nova terra, onde o seu saber-fazer (*know-how*) necessita de novas adaptações pelas alterações naturais do novo espaço. Por isso, escolhemos membros de dois grupos étnicos de imigrantes do Sul do Brasil, holandeses e japoneses, a que hoje convivem na região de Castro (Paraná). Procuramos compreender, como os primeiros colonos que chegaram no início do século XX, desenvolveram uma relação sociológica com os demais brasileiros, pois estes eram agricultores e passavam a maior parte do tempo trabalhando na terra e tentando adaptar suas técnicas em uma nova realidade. Citamos, para contextualizar esta pesquisa, um texto que demarca esta relação, o qual demonstra que, a pesar que se trata de vidas particulares, este processo era embutido numa situação política maior:

Em março de 1811, Hipólito da Costa publicou longo artigo – “Observações sobre o estado da agricultura e população no Brasil” – em que alude não só à necessidade de aumentar o povoamento, como também à melhora da população através da imigração, que deveria ser feita simultaneamente com a gradual abolição da escravidão. As experiências dos colonos europeus de várias procedências permitiriam verificar os métodos agrícolas mais vantajosos para o Brasil, como também seriam imitados pelos “habitantes naturais do país”. Continua, argumentando sobre a vantagem do trabalho do imigrante: “O colono rústico do Brasil jamais alteraria a sua rotina de trabalhar a terra, que apreendeu de seus pais, sem que veja que o seu vizinho, por seguir

diferente método, obtém melhores colheitas e mais proveito” (PETRONE, 1982, p. 39).

Antes de enriquecermos nosso capítulo com relatos que contam essas primeiras tentativas dos imigrantes de inserir-se com técnicas específicas nas terras de Castro e suas adaptações, devido ao clima, ao novo tipo de cultivo e principalmente ao solo diferenciado com terras ainda virgens, faremos um estudo sobre a importância dessas experiências. Destacamos, para isso, a formação cultural da subjetividade dos atuais descendentes dos colonos na interface entre cultura de origem e cultura receptora. Muitas vezes, como apontou o professor Wolf-Dietrich Sahr numa aula, *“por trás de toda cultura existem traumas”*, e certamente os primeiros impactos com a nova realidade dos imigrantes foram traumáticos por causa das contradições com o novo ambiente, mas também com as – para eles – novas culturas.

## 2.1. As Culturas e a Subjetividade

A “cultura” pode ser vista de um modo tão amplo e complexo que uma definição de sua natureza seria uma imposição dogmática. Há tantas possibilidades de definição de cultura quanto culturas no mundo. Para cada caso há uma definição diferente, no entanto podemos entender em nosso trabalho que a seguinte definição se encaixa plenamente em nosso caso de estudo: “A cultura é construção e permite aos indivíduos e aos grupos se projetarem no futuro e nos aléns variados” (CLAVAL, 2007, p. 13).

A cultura, vista genericamente, não é a representação de um grupo étnico ou nacional, mas se trata de um conhecimento adquirido, o qual cria uma fenomenologia que nos fixa numa idéia de ser algo que esteja fora no homem quando esse nasce.

Desta maneira, o termo cultura não é apenas um sistema de conhecimento, mas realiza-se também como um sistema de atitudes e modos de agir, como uma formação social. Por isso, o inclui o modo de cultivar a terra, lembrando a origem etimológica da palavra. O saber-fazer é categórico neste

sentido, e forma toda uma estrutura social dentro de uma comunidade, pois o saber-fazer diferencia o artesão do mecânico, o pai do filho, o brasileiro do migrante etc. Com isto em mente podemos perceber o poder do saber-fazer oriundo das terras de origens desses imigrantes com o choque do precisar-fazer mesmo sem saber-fazer. Há toda uma construção e adaptação traumática, por exemplo, com os japoneses em Castro que vieram por conta própria sem nenhum apoio pré-estabelecido.<sup>4</sup>

Neste sentido, um trauma é tanto positivo como negativo e baliza a personalidade de uma pessoa formando um marco em sua subjetividade e identidade. Quando esse fato acontece, quando a realidade se revela completamente diferente do que se imaginava ou que as suas necessidades mais primárias devem ser saciadas independente da forma de assim fazer, podemos constatar a migração uma fonte de traumas. Seus impactos se davam em um mundo ainda moderno, onde os padrões e definições eram zelados como prioridade, e onde adaptações eram muito mais complicadas do que nos tempos atuais da pós-modernidade e suas liberdades. Deve-se levar em consideração que ao lembrarmos um trauma, este terá um *efeito de excitação muito maior* do que quando foi uma experiência fenomenológica, porque sempre é revivido como problema, sempre sendo lembrado nas revitalizações dos descendentes (GOLDGRUB, 1988, p. 42).

É a sensação de desenraizar-se (desterritorialização) e replantar-se (reterritorialização) que causa este um efeito psicológico traumático. Mostra-se impactante pela mudança dos ambientes que cria uma subjetividade “maior”, da qual os outros (nacionais, já enraizados) não dispõem. Desta maneira, alguns imigrantes eram urbanizados em suas terras de origem, mas como viver em uma realidade completamente rural? Tiveram que aprender a plantar e a comer alimentos estranhos. Descobriram suas subjetividades numa realidade, que os forçou para se transformar naquilo que eles precisavam, pois não haveriam outras maneiras além de trabalhar e sobreviver. Conseqüentemente, essa “realidade” do imigrante moldou sua subjetividade e, por isso, estes imigrantes culturalmente são

---

4 ASSOCIAÇÃO CULTURAL E ESPORTIVA DE CASTRO. *op. cit.* p. 3.

“diferentes” dos que estão no país de origem. Tornam-se sujeitos mais fortes. Eles apresentam um sotaque da língua e tradições até mesmo desatualizadas do contexto atual de seus países. Essa desatualização é uma espécie de resistência ao novo, por medo daquilo que não se conhece (nova terra) e por falta daquilo que se conhece (terra de origem). Enquanto o nativo muda com o inconsciente coletivo de seu povo, o estrangeiro imigrante não se sente dentro desse berço inconsciente e resiste aos contatos daquilo que lhe é estranho. E no fundo ainda permanece culturalmente formado com os padrões que trouxe de sua terra natal, de modo que sozinho ou em pequeno grupo, não consegue alterar ou seguir na mesma perspectiva cultural, mas ganha uma auto-consciência maior.

Por isso, precisamos entender como sua cultura de conhecimento, de vivência resiste em um mundo pós-moderno, onde a família nuclear entra em declínio, e as identificações sólidas do pai e da mãe se esvaziam, onde já não se entendem as ordens e definições, e onde impera a insegurança da pluralidade.

Essa transformação é de fundamental importância, porque a questão geracional coincide com a manutenção de tradições e a reprodução do originário. No novo ambiente, muitas vezes a mãe entra no trabalho por razões economicamente necessárias, e compete em independência com o homem deixando-o sem saber sua posição. Em função disso, os conflitos identitários do desenraizamento permitem uma eventual inversão de valores e uma leveza em definições justamente por essas já não fazerem sentido no atual mundo (ARMONY, 2009). *Podemos ver como a mudança do papel hierárquico do pai e a perda da função do estrangeiro-migrante coincidem na sua evolução social.*

No entanto onde há resistência cultural há uma contra-globalização imposta por valores sólidos de geração a geração com um certo respeito pelo grupo etário dentro da sociedade.

Estes grupos desenvolvem, em parte, como defesa contra possíveis futuros papéis, uma tentativa no sentido de conservar um padrão de relacionamento diverso daquele que a perspectiva futura sugere. Mas, por outro lado, já existem nestes grupos orientações – latentes ou manifestas – no sentido destes futuros papéis, da mesma maneira que elas existem na maioria dos grupos recreativos de crianças em qualquer sociedade. Estas duas atitudes – defesa contra futuros

papéis e orientações no sentido destes – estão presentes em todos esses grupos etários e representam alguns de seus principais componentes (EISENSTADT, orig. 1956, p. 26).

Os grupos etários em sociedades tradicionais e em sociedades de origem numa sociedade de imigração revelam padrões de subjetividades e experiências culturais diferenciadas. Há certa distribuição do saber-fazer segundo a hierarquia etária e social. Neste contexto, a subjetividade necessita absorver esses padrões e se esforçar para romper com “desvios” de condutas e desleixos humanos, pois a vida dentro de uma comunidade tradicional é fixada e os valores morais são prioridades incondicionais. No caso dos japoneses, por exemplo, existe até mesmo um sistema ético inviolável que se desenvolveu durante séculos e ainda hoje é respeitado: *Bushido*. Este sistema ético leva em consideração a ordem e hierarquias para o bem comum de todos, onde a vergonha deve ser suprimida pelo suicídio (*seppuko*) e a personalidade (construção social) é mais importante que o Ego (individualidade meta-social) (NITOBÉ, 2005).

As hierarquias são, em função disso, fundamentais para a formação subjetiva de identidades. Falar de comunidades tradicionais e de migrantes no Brasil em pleno século XXI, onde a globalização parece imperar sobre a cabeça de todos, aparenta ser uma atitude sem sentido. Porém, temos que entender que o Brasil é um país de muitas diferenças de norte a sul, e dentro de micro-regiões ainda existem muitas peculiaridades, onde o local tem permanência e raízes próprias.

Partimos, assim, do pressuposto de que a sociedade brasileira nunca conseguiu sair da sua situação colonizada e sempre preservou formas de uma sociedade tribal. Até hoje, o país se apresenta como uma colcha de retalhos mal-costurada, apesar do seu grandioso projeto colonial. Conseqüentemente, refutamos o otimismo de Darcy Ribeiro quando busca o “comum” entre todos os brasileiros, apesar das fisionomias diferentes (RIBEIRO 1995, p. 21). Este elo do “comum” representa apenas uma arma discursiva hegemônica. Parece-nos que o atual Brasil é muito mais fundado num impulso de “estar junto”, num toque eletrizante que nos permeia – com diferentes intensidades, claro – do que dispõe de uma característica identitária compartilhada. Está claro que não podemos esperar uma estrutura homogênea subjacente numa situação onde a divisão foi um horizonte unificante. Assim, a opção descolonizadora encontra sua existência apenas numa forma não-ontológica, num estar-junto sem categoria nominal. Ficamos, como

todas as sociedades americanas, forçados a buscar nossa vivência numa condição de diferença. Por isso, nas Américas se vive horizontalmente, não verticalmente (SAHR, 2009, p. 267).

O que o Sahr comenta sobre o “estar-junto sem categoria nominal” representa claramente uma espécie de “hibridização brasílica”, ou seja, uma base étnica mameluca europeizada em processo de norte desamericanização e ânsia de re-identificação cultural gerada pela falência da despadronização pós-moderna. Não somos uma concretização nacionalista e, sim, uma ânsia de tal fato, porém uma vontade ainda não consciente. Uma vontade talvez nem mesmo desejada.

Nessa perspectiva, colônias como a de Castrolanda no município de Castro no Paraná central são integrantes desse processo geral do Brasil. O que podemos entender é que no Brasil podemos encontrar uma coleção de “tribos”, ou “*uma colcha de retalhos mal-costurada*”, que são grandes ou pequenas conscientes de suas condições, ou “tribos” dispersas que compartilham da mesma linguagem cultural de modo inconsciente.

Neste contexto, a cultura sempre foi moderadora da natureza humana, e instintos humanos naturais sempre foram refinados ou reprimidos pela sociabilidade, até mesmo nos ditos “homens da natureza”: Os índios brasileiros não deixavam as coisas acontecerem de modo natural, sempre interferiam na natureza dos próprios corpos como uma atitude extremamente cultural:

*As deformações corporais eram também muito usadas entre os Tupi-Guarani. Logo ao nascer, a criança Tupinambá tinha o nariz achatado pelo seu pai. O hábito de as mulheres provocarem o engrossamento da barriga da perna, com uma liga apertada logo abaixo do joelho também foi mencionado entre os antigos Tupi, embora este seja mais um costume dos índios Caribe. A deformação craniana dos Omagua tem sido citada por todos os etnólogos que têm tratado dos índios sul-americanos. Logo que a criança nascia, aplicavam na fronte uma pequena prancha e na nuca outra maior, que suporta o corpo do recém-nascido. A pressão continuada só permite a cabeça crescer numa direção, tomando uma aparência “mais de mitra de bispo que de cabeça humana”, comentou o cronista Acuña (RAMOS, 1951, p. 69).*

Nessa perspectiva, o Brasil até hoje é um país “politribal”, e que cada tribo tem suas tendências a modelar a natureza humana. Podemos entender que por



trás dessa “hibridização brasílica” objetivada, existem nossas subjetividades diferentes e até mesmo antagônicas, em certos casos, convivendo e compartilhando relações econômicas e culturais no mesmo espaço, em formas de enraizamento. Sahr mostra este processo na sua concepção metafórica na diferença entre os caboclos que vivem no seu “SerTãoEnraizado” e fechado, enquanto um migrante é ativo e aberto para a “ImPortoAção”, onde se desenvolve um jogo complexo entre fechamento/abertura com suas resistências e aberturas culturais (SAHR, 2009, pp. 271-2).<sup>5</sup>

## 2.2. A Subjetividade e a Espacialidade

Quando falamos em “resistência cultural” percebemos o jogo fechamento/abertura de forma específica, ou mais precisamente, em uma espécie de *linha de obstrução seletiva*. Aqui se desenvolve uma forma geográfica que podemos caracterizar como “território”. Não é um território absoluto, porque o único território absoluto é a coisa-em-si. Materialmente, uma coisa não pode ceder nem perder o seu próprio espaço de existência. Trata-se do território mais protegido que existe. No entanto, há espacialidades tão fechadas como uma coisa-em-si que se relacionam com a identidade moderna de uma pessoa. Assim, podemos dizer que uma zona pessoal cotidiana é uma espacialidade de uma determinada pessoa, que só será revelada pela sua subjetividade. Podemos julgar que não havendo materialidade é um esboço territorial de subjetividade onde entenderíamos a cultura e suas delimitações como uma forma de natureza, seletivamente acessível.

Os conteúdos deste elemento subjetivo não fazem uma diferença entre realidade consciente vivida e realidade do além, como sonhos, fantasias, utopias, espaços religiosos. Freud nos dá alguns indícios sobre a geograficidade destes espaços discursando os sonhos, dos quais ultrapassam a realidade definida como “exata” pelas ciências:

---

<sup>5</sup> Segundo o professor Sahr a geograficidade do Brasil fica no binarismo do “Porto e do Sertão”, onde ele monta dois conceitos duais (“SerTãoEnraizado” e “ImPortoAção”), que expressão na mesma estrutura lingüística duas visões da mesma realidade.

E existe algo mais que, por sua própria natureza, frustra os requisitos da pesquisa exata. Ao investigar os sonhos, nem mesmo se está seguro do objeto da pesquisa que se faz. Um delírio, por exemplo, apresenta-se de forma inequívoca e com seus contornos definidos. 'Eu sou o imperador da China', diz o paciente, sem qualquer dissimulação. Mas, sonhos? Via de regra, não se pode fazer nenhum relato de sonhos. Se alguém faz um relato de um sonho, existe alguma garantia de que seu relato foi correto, ou, pelo contrário, não poderia ter alterado seu relato à medida que o fazia e ter sido compelido a inventar algum acréscimo para compensar a obscuridade de suas recordações? A maioria dos sonhos não pode absolutamente ser lembrada e é esquecida, salvo pequenos fragmentos. E de que modo a interpretação de material desse tipo pode servir como base de uma psicologia científica ou como um método de tratar pacientes? (FREUD, 1976, pp. 26-7).

A entrada exploratória desse mundo com toda certeza não poderá ser através de técnicas complexas de investigação material, nem através de uma planilha detalhada de entrevista. A conversa simples e sem definições claras nos aparenta ser o melhor caminho para captar esta subjetividade. Essa não é técnica nem objetiva, ela é humana e psicológica, e sua revelação só se dará depois que o pesquisador conseguir ultrapassar a *linha de obstrução seletiva* da subjetividade do entrevistado. Aí, sim, poderemos iluminar as cavernas do subjetivo e revelar o mundo dessa pessoa, e esse mundo é o espaço geográfico mais real que existe, porque é essencial, que ganha sua existência na entrevista.

A revelação desse mundo, em uma única pessoa não teria muita importância para entendermos toda a cultura, porém ao pegarmos mais do que um indivíduo essas espacialidades poderão revelar padrões na futura análise espacial. E esses padrões para os geógrafos são de tanta importância como o entendimento das correntes de ventos para o avião. A nosso ver, a profundidade do estudo de dois ou mais indivíduos de uma mesma coletividade é mais reveladora de realidade do que o estudo estatístico da superficialidade da vida de cem ou mais pessoas. A realidade das coisas aparece aqui como uma forma, que se destila do fundo, por mais que existam casos que a forma e o fundo sejam de mesma natureza, o fundo sempre é mais garantido do que a forma, pelo menos para a ciência.

Desta maneira, a relação entre subjetividade, cultura e ambiente/terra não é absurda, porque ao nosso entender não se tratam de coisas realmente distintas.

O mundo é um só nesta situação da subjetividade, como não há a dualidade entre o mundo subjetivo e objetivo, ambos são realidades, mas que podem ser “entendidas”. As relações dos imigrantes com a terra são relações permeadas de cultura e subjetividade. O saber-plantar, o saber-colher, o saber se conduzir pela terra, são conhecimentos fundamentais para a vida, e são determinados por pré-disposições da cultura historicamente transmitida pelo inter-subjetivismo dessa coletividade. De fato, transpor essa *linha de obstrução seletiva* significa muito mais do que acessar conhecimentos subjetivos, e sim conseguir entrar no mundo e no território real dessa comunidade.

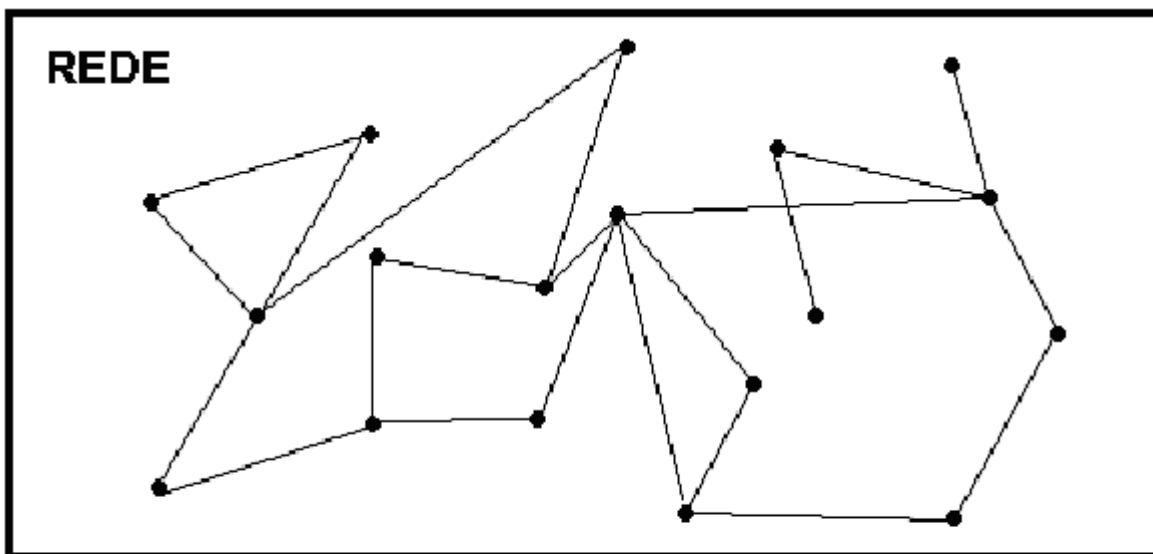
A nossa capacidade de transpor essa linha e penetrar no território subjetivo do pesquisado terá que levar em consideração a perspectiva de comportamentos territoriais. Na questão de vermos o homem sem cultura, podemos julgá-lo apenas ao nível animal e assim entender que naturalmente teremos resistência defensiva ao tentarmos penetrar em seu território, no entanto a cultura modifica o homem a ponto de não podermos pré-estabelecer qualquer tipo de reação do pesquisado no momento da pesquisa.

Muitas vezes, afirma-se imprudentemente que “território”, “agressividade” e “defesa” apresentam um encadeamento natural. Nada mais inexato que isso. Como assinalou o Professor Richard Lee, as fronteiras culturalmente definidas não implicam necessariamente sanções contra a intrusão. O mesmo efeito social e ecológico pode ser logrado por normas para acomodar pessoas separadas por fronteiras ou quando não existe fronteira alguma. Todos os povos caçadores têm meios institucionalizados para deslocar-se de um grupo para outro, “de maneira que, se encontramos fronteiras num certo caso, não devemos cometer o erro comum de pressupor que elas demarquem um território defendido e exclusivo”. Além disso, muitos grupos humanos territoriais não são particularmente agressivos ou defensivos em relação a seu território; este é, por exemplo, o caso dos Tungus e Yurok da Sibéria, dos Kwakiutl da Costa Noroeste do Pacífico nos Estados Unidos, dos pigmeus Ituri do Congo, dos Aranda orientais da Austrália Central, dos Kiadilt da Ilha Bentinck e dos Tiwi, ambos do Norte da Austrália. Os Bosquímanos !Kung da área Dobe de Botswana dividem seus limites amigavelmente com os pastores e Tswana. As fronteiras, tanto aqui como na Austrália, nunca foram tão rígidas a ponto de dificultar o aproveitamento dos recursos do território de uma tribo pelos membros de outra. Isso ocorre dependentemente do tamanho de suas fronteiras, o vínculo com a terra natal permanecerá de certa forma entranhado na estrutura de cada um durante toda a vida. O entranhamento é feito com os elementos da experiência do indivíduo; condicionado

culturalmente pelo treinamento recebido de todas as fontes sociais, políticas, religiosas, seculares e educacionais que influenciam o membro da tribo. Todas essas forças são culturais, e nada têm a ver com imperativos biológicos (MONTAGU, 1978, pp. 221-2).

Essa é a maneira de entendermos que não há um padrão territorial de defesa justamente pela cultura ser a linha condutora, assim como a própria espacialidade do territorializado se apresenta de modo peculiar e nunca padronizado. As revelações do mundo-mente de cada pessoa têm de fato a mesma probabilidade de acontecimento aleatório como as revelações da cultura a qual participa. Desse modo, cada pessoa se territorializa de modo distinto, cada pessoa “é” distinta.

Por uma representação espacial da subjetividade podemos explicar a diferença entre o modelo que pretendemos usar para especular o espaço, que no próximo capítulo vamos expor como Zona Pessoal Cotidiana (ZPC). Para estes fins utilizamos dois modelos que são as redes e os rizomas. Como seguem abaixo, podemos constatar que as redes são modelos que explicam a verticalidade das relações espaciais, no sentido de montar estruturas das quais todos os pontos estão ligados com todos os pontos de modo indireto, sendo que é necessariamente uma ligação de dependência e hierarquias, pois as redes trabalham em níveis de verticalidades e suas conexões são possíveis desde que se tenha um ponto que garanta a interação com outros grupos (CASTELLS, 1999; SANTOS, 2002). Deleuze/Guattari denominam esta “estrutura” como Sistema-árvore, ou “sistemas arborescentes”, que são centros autônomos em sistema hierárquico de funções determinadas e memorizadas (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 26).



**OS PONTOS SE CONECTAM EM HIERARQUIA E VERTICALIDADE, EXISTE UMA CONECTIVIDADE INDIRETA ENTRE TODOS OS PONTOS**

FIG. 1 – REDE

(Organização: Kelton Gabriel 2009)

Seguindo as idéias de Deleuze/Guattari, propusemos uma “nova” representação de um esquema mental do pensar a interação espacial: o rizoma. Pode-se com esse esquema abranger todas as atividades possíveis do mundo, por essa razão chamamos o seguinte esquema de **“RELATIVISMO TEÓRICO – VISÃO ABSOLUTA”**, sendo que o rizoma na botânica é um caule subterrâneo que projeta ramos para cima da terra em formato de raízes, revelando assim uma inversão totalizante, que ao mesmo tempo engloba os aspectos conscientes e inconscientes da vida, e dos aspectos territorializados e desterritorializados.

O metabolismo do possível não depende somente de uma “matéria lógica”. Ele põe em jogo matérias de expressão diferenciadas em função de seu grau de desterritorialização. O plano de consistência que desdobra o conjunto infinito das potencialidades maquinicas constitui uma espécie de placa sensível de ajustagem, de seleção e de articulação das pontas de desterritorialização ativas no seio dos estratos inconscientes. Não há possível em geral, mas somente a partir de um processo de desterritorialização que não deve ser confundido com uma aniquilação global e indiferenciada. Existe uma espécie de matéria da desterritorialização inconsciente, uma matéria

do possível, que constitui a essência do político, mas um político trans-humano, trans-sexual, trans-cósmico. O processo de desterritorialização deixa sempre restos, seja sob a forma de estratificações – espaço-temporalizadas, energetizadas, substantificadas -, seja sob a forma de possibilidades residuais de linha de fuga e determinação das novas conexões. A desterritorialização não pára nunca no caminho, e é nisso que ela difere de um nada que se representa fechado sobre si mesmo e mantendo relações de espelho e de incapacidade com o real estratificado. O sistema das máquinas abstratas constitui deste modo um limite ativo, um limite produtivo além dos estratos mais desterritorializados e aquém de um nada como fim de todo processo (GUATTARI, 1988, p. 162).

O entender absoluto remete o pesquisador a uma condição meta-mundo, um estado de contemplação que pode ser ou não passiva. Como exposto na introdução do tomo 1 de *Mil Platôs* de Guattari e Deleuze, o cientista deve estar em uma posição em que falar ou não falar “Eu” já não tenha nenhuma importância. Esse é o estado de consciência última do pesquisador, uma visão absoluta da situação real da pesquisa. O rizoma: “Princípios de conexão e de heterogeneidade: qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo” (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 15).

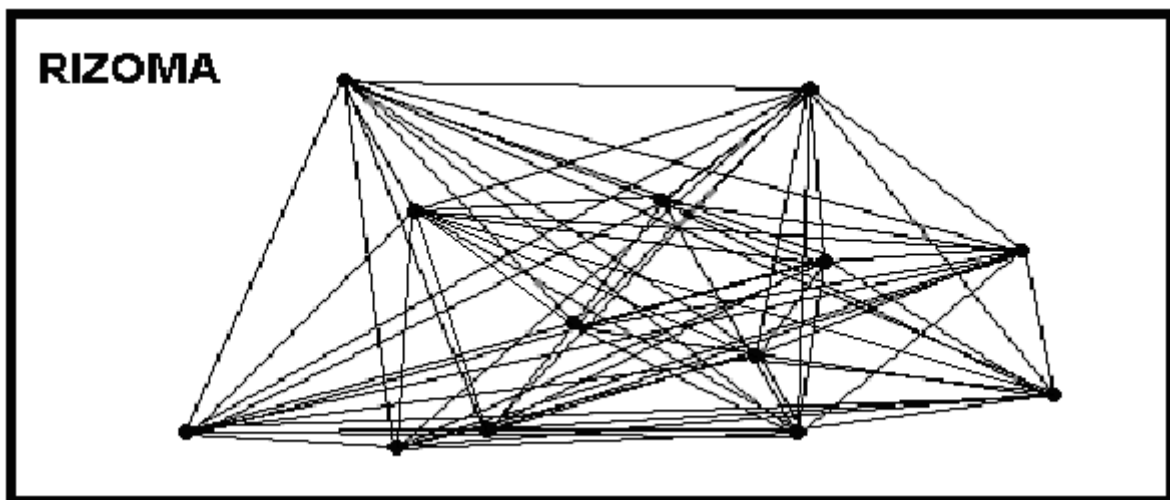


FIG. 2 – RIZOMA  
(Organização: Kelton Gabriel 2009)

Pensar o espaço como um rizoma muito nos agrada na pesquisa, onde o cotidiano se revela em seu modo bruto. Assim, conseguimos captar melhor o

cotidiano numa geografia acadêmica, em base de um relativismo teórico, que nos permite se aproximar da realidade vivida dos pesquisados. Percebemos que a ação e o pragmatismo são, nessa visão, as bases da vida cotidiana, e que a ação não significa materialismo e sim vida, algo um pouco mais do que simplesmente matéria. Montamos então a ZPC (Zona Pessoal Cotidiana) como um modelo do pensar o espaço denominado de **“RELATIVISMO PRAGMÁTICO – VISÃO COTIDIANA”**. Isso simplifica todo o emaranhado de um rizoma em um reducionismo científico solipsista calcado na racionalidade. Nos apresenta a vida cotidiana do pesquisado como o único mundo possível, escondendo tudo aquilo que a pessoa cotidianamente não vive, pois não se conscientiza de tal fato. Levamos em consideração que a consciência do pesquisado é a base da existência da vida cotidiana. Dessa maneira, o mundo em sua totalidade é reduzido a simplesmente o mundo-mente daquele que nos expressa sua vida e sua geografia cotidiana.

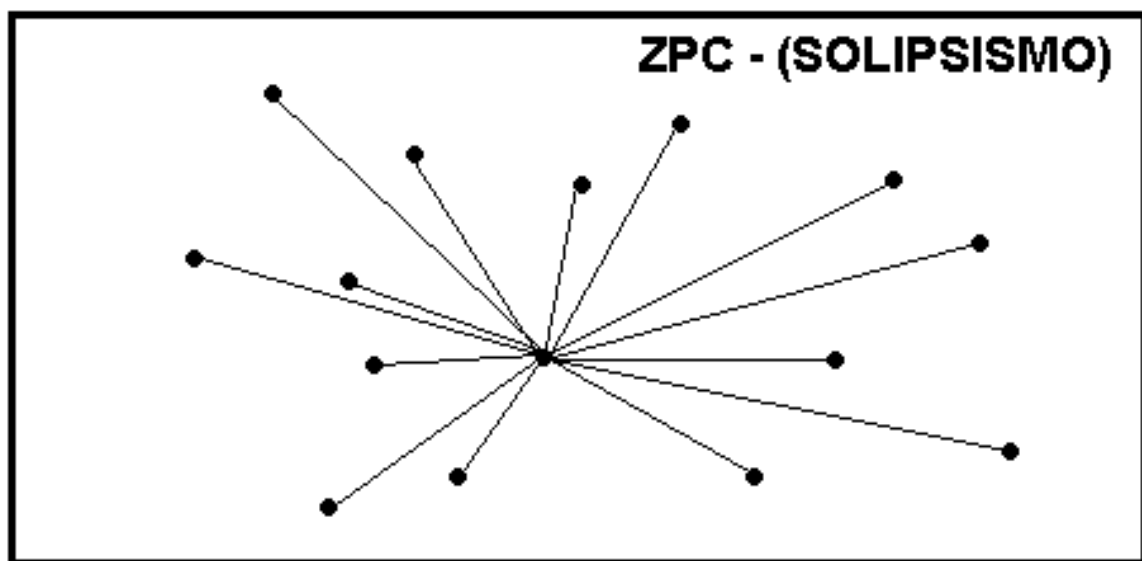


FIG. 3 – ZPC SOLIPSISTA

(Organização: Kelton Gabriel 2009)

Assim, vejamos que nessa visão solipsista, mas cotidiana, todos os pontos se conectam com o ponto central. Este, no nosso caso, seria a pessoa a ser estudada em sua subjetividade. Somente dessa maneira, considerando um

modelo espacial pragmático, podemos entrar como pesquisador em consonância com a vida cotidiana dessa pessoa. Enquanto sua vida é rizomática em termos objetivos, a sua vida subjetiva só se revela, quando ela apresenta sua vida como centro dos seus contextos objetivos, como o modelo solipsista. Deste modo a definição de uma espacialidade cotidiana só se dá devido ao fato de a consciência ser limitada em determinado momento pela subjetividade. Então, se levarmos em consideração desde o início esta visão absoluta, no sentido de ser absoluto apenas no interior do subjetivo, as definições seriam impossíveis.

### 2.3. O Cotidiano e a Espacialidade Subjetiva

A diferença entre os três modelos “rede”, “rizoma” e “conexão solipsista” mostra a importância da situação social, porque os três modelos atuam em conjunto. Na nossa proposta, Henri Lefebvre nos fornece importantes reflexões sobre o espaço, onde as *arquiteturas espaciais* são elementos arquétipos das formas e funções do espaço. Sua discussão entre a passagem do *Espaço Absoluto* para o *Espaço Abstrato (resumido)* nos chamou a atenção, por se tratar como alusão a discussão já exposta nesse capítulo da passagem entre a rede e o *rizoma* para a *ZPC como modelo solipsista*. Essa passagem (numa forma de reducionismo) exige uma consciência de estudo, porque se define um movimento de espacialização pragmático e cotidiano que escapa dessas restrições.

*Knowledge falls into a trap when it makes representations of space the basis for the study of 'life', for in doing so it reduces lived experience. The object of knowledge is, precisely, the fragmented and uncertain connection between elaborated representations of space on the one hand and representational spaces (along with their underpinnings) on the other; and this 'object' implies (and explains) a subject – that subject in whom lived, perceived and conceived (known) come together within a spatial practice (LEFEBVRE, 2003, p. 230).*

Podemos perceber que o saber-fazer implica justamente no fazer a produção espacial, e não no simplesmente saber. E se realiza no exercício do objetivo e do subjetivo com o espaço *vivido* (de ação), onde o espaço *percebido* (sensitivo) aparece como rizoma e o espaço *concebido* (conhecido) numa



especialização hierarquizada e organizada. Estes formam, num conjunto, um espaço prático (pragmático), que é, segundo o Lefebvre, um enlaço entre a produção e a reprodução de uma particularidade espacial com uma continuidade de uma coerência que gera uma certa consistência de ação como autonomia e *performance* (LEFEBVRE, 2003, p. 33).

Essa particularidade espacial já implica diretamente uma definição e delimitação espacial, um descolamento do absoluto e uma fonte ativa. E essa atividade foi analisada por Lefebvre no final da década de 40. Suas reflexões sobre a vida cotidiana (*Everyday Life*) é mediada pelo *fordismo* e o *marxismo*, elementos do panorama daquele momento. Sua reflexão é uma “crítica”, um termo de uso *marxista*, onde sua abordagem sonda o mundano e o ordinário permeada pelas “trivialidades”. Essa sua visão passa por elementos culturais de massa que marcaram essa época entre as décadas de 20 e 50. A concepção de *alienação* mostra-se como fundamento dessa crítica sobre a vida cotidiana daquele momento (LEFEBVRE, 1991, p. 36).

Em Lefebvre podemos perceber que a transição do espaço Absoluto para o Abstrato (resumido) é a passagem do rural para o urbano, do espaço mítico e primário para o humanizado e intelectualizado (LEFEBVRE, 2003, p. 234). Essa transição é discutida com o emergir do fenômeno urbano, onde os mecanismos de política, mercado, indústria rumam para o que ele chama de “zona crítica” (*critical zone*). Trata-se do processo (passagem) que delimita o espaço e cria as espacialidades pragmáticas e particulares (LEFEBVRE, 2003a, p. 15).

Dentro de nosso contexto de estudo, podemos entender essa passagem como a particularização do espaço oriunda da manifestação da vida coletiva e usufruto comum do espaço entre as diferentes culturas, o espaço não mais pensado como uma produção social, e sim individual pela diferença entre cultura de origem e de chegada. Surge aqui o indivíduo.

Em suma, o que se entende por “indivíduo” e “sociedade” ainda depende, em grande parte, da forma assumida pelo que as pessoas desejam e temem. Trata-se de algo amplamente condicionado por ideais carregados de sentimentos positivos e antiideais carregados de sentimentos negativos. As pessoas vivenciam o “indivíduo” e a “sociedade” como coisas distintas e freqüentemente opostas – não

porque possam realmente ser observadas como entidades distintas e opostas, mas porque as pessoas associam essas palavras a sentimentos e valores emocionais diferentes e, muitas vezes, contrários. Esses padrões emocionais funcionam como moldes aos olhos da mente; determinam, em boa medida, quais os fatos percebidos como essenciais e quais os descartados como sem importância ao se refletir sobre as pessoas isoladas e sobre as sociedades que elas formam em conjunto. E quando, como é comum suceder hoje em dia, esse mecanismo seletivo funciona de maneira a que os aspectos individuais e sociais das pessoas sejam percebidos e valorizados como diferentes, é fácil atribuir-lhes um tipo de existência especial e diferenciada (ELIAS, 1994, p. 75).

Assim as definições são e estão no individual. Não pode haver definições fora do indivíduo – que significa etimologicamente indivisibilidade e coesão e não uma ruptura. Nisso, o espaço social e “a singularidade do Outro, incomparável quando constituída pela responsabilidade moral, agora não ajudará muito.” (BAUMAN, 1998, p. 66). Este *relativismo teórico* lança o pesquisador para fora daquilo que pretende entender e o faz de espectador, porém a vida cotidiana no fundo não é um teatro (GOFFMAN, 1999), é a vida real onde a realidade se resume em vida e morte. Não há uma divisão entre representação e vida real. O que existe é a indivisibilidade do indivíduo em sua luta onde viver e morrer são coisas reais e não teatrais.

A centralização esquemática do pensar espacialmente a zona pessoal, a ser explicada como ZPC no desenrolar deste trabalho, necessita de um entendimento do funcionamento binário dentro da vida cotidiana. Podemos pensar segundo o psiquiatra Ronald Fairbairn (1889-1964) que temos três tipos de ego – o que pode-se em associação se encaixar na *trialética* de Lefebvre – o Ego Central (self), o Ego Antilibidinal (o que Freud chama de Tanatos) e o Ego Libidinal (Eros). Os dois primeiros correspondem ao reprimir e selecionar, enquanto o Ego Libidinal é o excitante. Cada Ego tem uma identificação com objetos, assim o Ego é esquizóide por natureza, e o processo de individuação significa reunir essas divisões, ou seja, não-dividir (indivisibilidade). No processo primário, o Ego Central se afasta dos outros dois, e em outra fase se aproxima de um e esquece o outro e vice-versa, até que por fim os Egos se unem dentro da mesma personalidade (GROTSTEIN, 1985, pp. 44-5).

Para que exista a individuação, as pessoas não podem ver-se como três Egos e entender teoricamente e intelectualmente o processo, e sim assumir a posição do Ego Central e desse modo participar e interagir com os outros dois Egos. Esse entrar em si mesmo é justamente o entrar dentro da vida cotidiana e dentro da espacialidade subjetiva. É necessário entrar nesse mundo-mente do pesquisado e descrever a realidade vista pelo Ego Central. Tata-se de unificar e individualizar todo o mundo-mente e geograficamente expor a ZPC, que depois de pronta, poderá ser um objeto de análise acadêmica

#### 2.4. A Sobreposição Mnemônica na Matéria Cotidiana

Tendo exposto as nossas reflexões sobre o Ego e suas relações sociais, temos que discutir agora, como este ego, sendo um ser ciente e consciente, constrói sua personalidade, principalmente em situações de migração. Em termos geográficos, isso significa buscar a espacialidade e o espaço subjetivo deste ser. Interpretamos, neste caso, o espaço na sua matéria como a matriz da noção temporal. Sem esta matéria não haveria noções de espaço e tempo para qualquer sujeito. A matéria não se limita ao perceptível objetivado, ela é a concretude da realidade que por sua vez engloba o universo subjetivo e objetivo (GABRIEL, 2005, pp. 28-38). Para essa realidade damos provisoriamente o nome de “mundo-mente”. Este mundo-mente é o ponto focal do nosso viés metodológico e se revela na “Zona Pessoal Cotidiana”. Numa visão, digamos “solipsista”, quer dizer focalizado no sujeito, desenvolvemos uma idéia específica da Realidade subjetiva.

Chegamos, portanto, a uma surpreendente conclusão. Visto que os modos de conhecer correspondem a níveis de consciência, e visto que a Realidade é um modo particular de conhecer, disso se segue que a *Realidade é um nível de consciência*, o que, todavia, não quer dizer que a “substância” da realidade seja a “substância da consciência”, nem que os “objetos materiais” sejam realmente feitos de consciência, nem que a consciência seja alguma nuvem nebulosa de algum grude não-diferenciado. Quer dizer apenas – e aqui precisamos voltar atrás temporariamente, e recorrer à linguagem dualística – *que a Realidade é o revelado a partir do nível não-dual da consciência a que demos o nome de Mente*. Que ela é revelada é uma questão de fato experimental; o que é revelado, contudo, não pode ser precisamente descrito sem voltarmos ao modo simbólico de conhecer. Assim sendo,

sustentamos que a realidade não é ideal, não é material, não é espiritual, não é concreta, não é mecanicista, não é vitalista – *a Realidade é um nível de consciência, e só esse nível é Real* (WILBER, 1995, p. 45).

Os objetos do ambiente cotidiano desta maneira são armados de uma realidade consciente que se revela numa sobreposição de memórias. Assim, qualquer objeto pode ser concebido como um marco na memória; esta pode se referir simultaneamente a diferentes eventos marcantes. O mesmo objeto pode ser concebido como marco de um acontecimento há dois anos e posteriormente há menos de um ano participar de outra importante questão vivida pelo sujeito desse cotidiano. Quando tal objeto, ainda em outra situação pessoal, se apresenta de novo, não expressa a pureza de um único fato, mas, sim, uma mistura de memórias diferenciadas que surgem ao mesmo tempo. Por isso, investigamos neste capítulo especificamente a questão da memória, tão importante aos imigrantes, e seu papel na Zona Pessoal Cotidiana.

#### *2.4.1. Ativação da Memória*

Quando uma recordação é ativada e a sua matéria não está mais presente, o fato se transforma em saudade. Essa ausência fundamenta uma pureza da memória, pois surge uma outra forma de realidade que não se restringe a uma matéria cotidiana atual, mas inclui qualquer matéria vivida, que é carregada pela multiplicidade de outros significados mnemônicos, de valores. Nesse sentido, o cotidiano deturpa a pureza das memórias com valores ligados aos objetos. Assim, nosso valor como ser histórico tende espontaneamente a se manifestar mais no passado do que no presente e este valor dado a um fato vivido no passado é maior, porque não pode mais ser vivido, ou porque está distante de nossa possibilidade de ação. Isso o faz ser algo independente da nossa vontade de ação, e assim uma realidade já constituída. O modo como a consciência valoriza este passado começa interferir no valor dos fatos presentes e futuros, e esse modo é determinado pela condição cotidiana da pessoa.

No caso dos imigrantes e seus descendentes, temos que entender que a ativação de uma recordação se dá através da interação com alguma matéria

cotidiana que rizomaticamente (quer dizer com ligações que originam em diferentes contextos) se conecta com essa recordação. Desta maneira, essa matéria não substitui a memória e sim apenas funciona como uma ponte de conexão. Trata-se de sobreposições mnemônicas que formam realidades.

#### 2.4.2. Sobreposição Mnemônica na Subjetividade

O universo subjetivo é repleto desses acontecimentos reais que misturam o material atual com o material passado. Nos os entendemos como apresentações espaciais da realidade consciente, as quais quando aparecem no cotidiano se conectam imediatamente à memória do sujeito. Desta maneira, a recordação e a subsequente ausência da matéria atual geram a vivência de um “trauma”. Não entendemos o trauma, neste sentido, como uma forma negativa, mas como a mais expressiva forma de recordação, mais expressiva ainda do que o momento vivido atual. Pois, na recordação, os eventos se apresentam como *memória pura*, o que para Freud, trata-se de uma representação superintensa (FREUD, 1995, pp. 43-5).

Defendemos nessa concepção de que a subjetividade é mais profunda que a cultura. O sujeito, em nossa compreensão se apresenta como um *self*, como se fala na Psicologia Analítica (JUNG, 2003b, pp. 49-63). Este *self* é meta-social e meta-cultural, ou seja, sua subjetividade existe no momento de um surgimento simultâneo que se configura e se organiza entre todas as informações oriundas da cultura e da sociedade. Isso não significa um determinismo, mas, sim, uma predisposição para ser em todas as possibilidades possíveis. Assim, cada imigrante tem suas relações próprias com diferentes culturas como um potencial.

Podemos entender esse mecanismo melhor com o conceito junguiano do “Processo de Individuação” (JUNG, 2003b, pp. 117-156). Para Jung, o que um sujeito é está no que se chama “self” como orientador do Inconsciente e todos os seus “complexos”. O centro da consciência deste *self* é dirigido pelo “complexo do Ego”. Este recebe do inconsciente conteúdos denominados “imagens arquetípicas” ou “imagens primordiais” (JUNG, 2003b, p. 13). Semioticamente, o arquétipo nunca é revelado pela luz da consciência, mas apenas emite imagens – conforme a teoria de Jung – e dentro desse “bombardeamento” de possibilidades, o

“complexo de Ego” busca sua orientação, seu caminho (*tao*), um sentido que o faça se encontrar e se identificar com si mesmo (SILVEIRA, 1983, pp. 87-102).

Agora podemos entender que as memórias são subjetivas, mas não dependem de uma imposição cultural. No entanto, na cultura encontramos uma via que revela o acesso ao *self* meta-social: a linguagem, que garante o acesso aos conteúdos subjetivos. Podemos dizer que a cultura está alheia, assim, aos sistemas de recordações, memórias e suas indexações na matéria subjetiva, mas permite o surgimento do *self* através das recordações.

Se nós queremos compreender a “Zona Pessoal Cotidiana” de um imigrante, devemos centrar nossa atenção aos valores mnemônicos do seu cotidiano. Reafirmando que o cotidiano é uma espécie de continuidade, ou um caminho para o *self*, devemos partir do pressuposto que qualquer objeto e ato no cotidiano pode ter um valor subjetivo maior do que objetivamente pode parecer.

#### *2.4.3. Memória em Si e Ligações de Recordação*

Neste momento surge uma complicação. Precisamos diferenciar dois tipos de memórias em matéria: existem objetos que são memórias em si, e outros que são pontes para memórias. A recordação se dá sobre os objetos com memórias em si através de objetos que funcionam como pontes, quase como sinapses. Portanto, o sujeito consiste em todos os seus objetos cotidianos, sejam as memórias em si ou as memórias de pontes. Mas todos estes objetos cotidianos são impregnados de valores subjetivos, e consistem conseqüentemente de relações (pontes) – podemos dizer que a diferenciação entre memória em si e memória relacional entra em colapso. Deste modo, as coisas do mundo não são do mundo de um lado e o sujeito é exatamente aquilo fora do mundo que subjetivamente os vive, mas o sujeito consiste de coisas (mentais) e a relação com estas coisas. Assim, nenhuma memória é fabricada de fora para dentro, mas só existe como Realidade na pessoa.

Esta subversão da relação hierárquica entre as coisas, suas relações (valores) e o sujeito é característica para o pensamento da pós-modernidade, onde as multiplicidades, auto-organizações e *autopoiesis* são legitimadas como

sistemas coerentes e sensatos de explicação e vivência do mundo, que é *mais parecido com uma erva (rizoma) do que uma árvore (rede)* (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 25). A nossa abordagem considera, neste contexto, uma maior participação da consciência no mundo, como um caminho epistemológico. Isso é o cotidiano atual da nova geração, nem fordista, nem flexível, e sim consciente. Isso nos exige um estudo de um cotidiano que mesmo que seja realizado de modo dualista, no fundo sempre será não-dual, por mais desconfortável que posso parecer. Trata-se de uma realidade sem as hierarquias costumeiras.

Isso traz uma importante conseqüência para o estudo da Geografia do Cotidiano, porque a diferença entre um espaço absoluto e um espaço relativo confunde-se. Pode-se entender que todos os objetos são matéria em si, num espaço absoluto, e não relativo, por razões pragmáticas. Mas como este real é repleto de memórias subjetivas, formadas por *alianças inter-subjetivas*, se apresenta espacialmente como substância de uma única subjetividade real, pois nada existe fora dessa subjetividade. Mais uma vez, as relatividades também são absolutas, e o espaço contém as duas formas simultâneas. Essa perspectiva de estudo não é nova no campo da psicologia, pois já em 1967, comentava Kurt Adler sobre essa focalização solipsista no indivíduo:

O sistema da Psicologia Individual encara o comportamento como sendo determinado pelos pensamentos, sentimentos, convicções, conceitos e idéias do próprio indivíduo em relação à sua própria pessoa, seu ambiente físico e social e sua relação com este ambiente. Por essa razão, tal sistema tem sido chamado “psicologia subjetivista” (Ansbacher, 1956, p. 286). É, por excelência, uma “psicologia do ego”. A mente humana é concebida como sendo dirigida e influenciada pelos valores, propósitos, objetivos e interesses autocriados pelo próprio indivíduo; portanto, seu comportamento é, em última análise, o resultado de sua luta em direção a esses objetivos autocriados (ADLER, 1977, p. 13).

Entendemos que para um imigrante a função da história é um fluxo das coisas, nas quais ele está – pela sua consciência – embutido. O fluxo de matéria no cotidiano se dá pela condição espacial dessas coisas. Tal fluxo é bem material: assim temos alguns tipos que chamamos “coisas de chão”, todas aquelas que

estão diretamente no chão de modo independente, e as “coisas carregada-colocadas”, que são as coisas dependentes e soltas, que não estão diretamente no chão e tem maior mobilidade. Uns são marcos profundos e genéricos, outros são do uso diário dos afazeres e funções. Podemos dizer, uma mesa é uma “coisa de chão”, enquanto um prato sobre a mesa é uma “coisa carregada-colocada”. As “coisas guardadas” dentro de gavetas ou outros tipos de armazenamento, que estão fora da paisagem cotidiana, se protegem mais da poluição das sobreposições mnemônicas do cotidiano, pois há a possibilidade de que a gaveta ou outros meios de armazenamentos não sejam abertos todos os dias. Existe, conforme dessa idéia, uma parte que se faz esquecer do mundo cotidiano, mesmo que esteja dentro do perímetro da ZPC dessa pessoa estudada, enquanto outra é ativada. Mas todas as coisas apresentam valores mnemônicos, mesmo estando com valor negativo, quer dizer esquecidas ou oprimidas.

Contudo, não só as coisas, mas igualmente as rotinas e hábitos cotidianos podem ser momentos mnemônicos. Assim, as coisas concretizam-se em certas funções cotidianas, estas tornando-se também coisas, mencionamos, neste contexto, elementos como sobrevivência, continuidade, previsão, controle, estabilidade, familiarização, hábito, automatismo etc. Assim podemos entender que a matéria, a realidade em geral, permite ao homem uma constituição segura de identidade e sentido existencial. Depende do ordenamento dos objetos e de seus níveis de sobreposições mnemônicas cotidianas que garantem uma ZPC peculiar, um universo único. E isso é um problema específico para um imigrante que precisa comprovar em contextos culturais diferenciados sempre essa coerência, procurando ou pelo menos detectando sua individuação.

#### *2.4.4. O Cotidiano como Processo de Individuação*

Todas as categorias de “coisas” formam os “elementos da paisagem”. Numa teoria bem particular, Giuliana Andreotti apresenta a nossa psique como “intoxicada” de paisagem (ANDREOTTI, 2007, p. 99). Essa intoxicação pressupõe a existência de um “corpo estranho”, ou coisas que não são diretamente produzidas, no caso, pela psique. As coisas do mundo não são produtos diretos



da nossa psique, no entanto também não existem sem ela, todavia, essas coisas são substancias da nossa psique, tais como as “imagens arquetípicas” os *elementos da paisagem* bombardeiam nossa psique. Nossa tendência é, neste caso, pensar que estes elementos são autônomos e independentes, porém somos o ordenador (*self*), mesmo que não tenhamos consciência direta desse fato. Se existe um cotidiano, isso significa que adotamos a iniciativa de caminhar rumo ao nosso próprio *self* neste ambiente, procurando e desenvolvendo uma espécie de segurança e orientação que ultrapassa em muito o simples fato de sobrevivência biológica. Trata-se de um sentido existencial em manter um cotidiano como um caminho para nossa realização e identificação com o nosso próprio “self”.

A realidade cotidiana é o conjunto dos ambientes mais familiares, o conjunto das relações mais estáveis e usuais, o conjunto das atividades que envolvem as pessoas todos os dias, pelo menos em um certo período da vida delas. É uma esfera da existência marcada pelos ritmos das atividades – necessárias e inevitáveis – que devem ser exercidas em relação àqueles ambientes e àquelas relações: uma realidade prática, uma dimensão pragmática, em cujo interior se compartilham as convicções que permitem a todos dar um sentido à própria existência e à dos outros, e que, sobretudo aqui, assume um caráter de continuidade e estabilidade. Portanto, não é só a realidade do aqui e agora, do presente fragmentado, mas a dimensão que constrói a continuidade da existência, onde o passado e o futuro adquirem significado. De fato, mesmo quando as experiências subjetivas parecem libertar-se das fronteiras e dos limites que essa realidade impõe, como no enamoramento ou diante de um evento inesperado, e as emoções que as acompanham podem ser de felicidade ou de susto, a necessidade de recriar uma ordem, uma cotidianidade regulada e previsível, parece responder à imprescindível necessidade de adaptação e de sobrevivência. Ambas se baseiam nessa dimensão sólida, não problemática, esperada, que garante a previsão e o controle e, por consequência, é segura e tranquilizante. Nesse sentido, os hábitos são segmentos de cotidianidade, organizados e arrumados, de maneira totalmente previsível e controlável. Ninguém poderia sobreviver num mundo caótico, e a realidade cotidiana, com suas regularidades, com a ordem preestabelecida, com a possibilidade de controle, garante a sobrevivência (EMILIANI, *op. cit.*, p. 60).

Um exemplo: a cultura japonesa tradicional é permeada por atividades marciais cotidianas que demonstram um caminho, por exemplo: *karate-do*, *aiki-do*, *ju-do* etc. O *kanji* “do” significa caminho, e é extremamente uma seqüência de treinos cotidianos em busca de algo, em busca de um *self*.

Toda identificação é um processo de comparação com um outro, ou seja, o sujeito usa os arquétipos e/ou os *elementos da paisagem* para se identificar e com isso perseguir um destaque que evidencie a sensação de ser seu *self*. O cotidiano revela as tendências deste “processo de individuação”, e nisso pode-se pensar que não existe ninguém que esteja fora dessa perspectiva. Pois, o santo quer se salvar, o budista quer romper sua consciência manejado pelo “complexo de Ego” e se concretizar como o *self* iluminado. E para alcançar esse caminho precisa-se pensar em um *objetivo que é o Self*. Portanto, longe de qualquer santificação, qualquer pessoa comum, no seu cotidiano pragmático, está muito preocupada em conservar sua consciência e seu “complexo de Ego”. Aí reside a justificativa de que a descrição de uma vida cotidiana epistemologicamente pode ser solipsista, o que não impede que ela seja embutida socialmente.

#### 2.4.5. A Posição Solipsista como Problema Metodológico

Mas como observar (visto do lado do sujeito-pesquisador) um sujeito como suas coisas subjetivas alheias? Trata-se, a nosso ver, de uma questão de energias intelectuais. “A observação de fatos semânticos é impossível sem um dispêndio de energia cerebral” (CHAFE, 1979, p. 12). Entendemos que aqui entramos num mundo desconhecido, e que precisamos conhecer. Porém, só o podemos sentir, e o sentimento se percebe através de vibrações dialógicas, quando a captação de sentimentos, empatias, e também de elementos intelectuais começa a vibrar, quer dizer nos revela seu sentido.

A esse fim serve a pesquisa da Zona Pessoal Cotidiana de uma pessoa. Com este conceito, a qual nos apresentamos mais em detalhe no próximo capítulo, desenvolvemos uma ferramenta para a análise da subjetividade cotidiana através do diálogo. Conversando com uma pessoa, percebemos como ela realiza seus pensamentos, e como ela mesmo dialoga com seus “arquétipos”, e não só com o seu ambiente objetivo. Nos relatos, não podemos supor ou até detectar um ambiente objetivo fora dela, mas nas suas falas, este ambiente mistura elementos do interior com elementos da paisagem. Nossa conversa com esta pessoa será, assim, uma conversa “interna” dentro dela, dentro da sua subjetividade. E não

podemos portanto saber se o que ela nos fala é de fato subjetivo, mas sabemos que é a expressão dela.

Uma realidade óbvia que não pode ser ignorada é a que toda conversa sofre um tipo de entropia, toda mensagem enviada ao receptor perde em significado ao ser receptada. Diante de tal problema podemos constatar que o mundo subjetivo jamais será concebido cientificamente sem perdas, em sua totalidade. Sabemos que a palavra falada tem maior eficiência sobre o pensamento do que a palavra escrita, pois para ser concebida a palavra escrita deve ser transformada em fonemas internamente expressos, no entanto em caso de imagens ou ideogramas a velocidade e exatidão de uma mensagem supera as explicações das palavras faladas. Para captar melhor a conversa, é recomendável gravá-la, para garantir mais objetividade, que podem ser posteriormente analisadas com maior clareza.

O que fortalece, mesmo em apresentações objetivadas, essas vibrações de diálogo, são os elementos da paisagem que podem ser captados no discurso gravado. Listamos, neste processo de captação, tais elementos da paisagem e os seus conteúdos mnemônicos do pensamento e sentimento. Trata-se, juntos a eles, de coisas de chão, coisas colocadas-carregadas, coisas guardadas, coisas de visualização, coisas líquidas, coisas voadoras, coisas sonoras, coisas de paladar, coisas de olfato e coisas animadas. Essas dez categorias de coisas englobam possibilidades existenciais do mundo cotidiano, pois elas não representam apenas as coisas “externas” e objetivadas, mas sim todos os conteúdos possíveis do subjetivo. O termo “coisa”, neste sentido, é mais amplo e engloba as categorias de objetos e “subjetos” (conteúdos da psique). Portanto, as tendências oníricas são tão reais no momento do sonho, da utopia, da fantasia quanto à “realidade” (no sentido tradicional). Entendemos, conseqüentemente, as substâncias do sonho como imaginações materiais com *massa em si* para moldar e conservar a forma de qualquer coisa (BACHELARD, 2001, p. 65).

Já avisamos, que a atividade na fronteira entre o mundo do pesquisado e o exterior é afetado pela entropia, *como toda realização externa pode ser vista como a realização de imaginações internas com percas na entropia, o que se*

*opõe ao processo de objetivação.* Quando trabalhamos com o conceito de transmissão de mensagens como fonte de uma construção de um emissor, temos que entender que não estamos de fato conseguindo captar todo o conteúdo. Quando selecionamos, por exemplo, apenas os aspectos geográficos de uma subjetividade, essa nos traz junto uma quase totalidade, simplesmente pela possibilidade de conseguirmos arrastar alguns conteúdos que devem ser ocultos, porque não nos interessam na pesquisa, que pela visão dialógica, começam se construir no diálogo como coisas mnemônicas.

Desta maneira, a montagem da ZPC se dará de dentro para fora, pois somente depois de entender de modo solipsista dialógico (Solipsismo Epistemológico) (MONROY, 2007) o mundo-mente de um sujeito, este se revela através das perspectivas geográficas para a realidade científica compartilhada. Quando analisarmos os limites dessa ZPC com o conceito de “resistência cultural” no caso dos imigrantes, nós rompemos as individualidades, e as categorias das coisas podem ser cartograficamente representadas com legendas apropriadas, por causa da nossa abertura para o além subjetivo no mapa.

Um fato relevante nessas conversas é o senso de pertencimento a um grupo ou cultura do pesquisado. Por exemplo, se a pessoa usa ou não o “nós” nas explicações ou o “eu”, percebemos que tipo de sentimento, imagem ou pensamento é ativado com determinada lembrança, e também sentimos o que a pessoa persegue com essa associação (ADLER, *op. cit.*, p. 31). Pois toda associação fixa a uma memória é como uma pipa no ar, se seguirmos a linha encontraremos o dono e saberemos sua origem, caso não tenha linha uma pipa não fica muito tempo no ar. Desse modo temos a possibilidade de traduzir os contornos geográficos de sua vida para a nossa percepção. O ponto de vista defendido aqui é que não existe nada intraduzível para um idioma, sempre podemos ultrapassar o “efeito da idiomatização” (CHAFE, *op. cit.*, pp. 40-50), mesmo quando as palavras ou indícios cartográficos não se dão como conteúdos literalmente traduzíveis, podemos usar conceitos que se associam à idéias-matérias.

#### 2.4.6. A Interpretação e a Realidade do Mundo-Mente

No momento da interpretação, o nosso cuidado deve ser no fato de que o cientista explica coisas subjetivas que compreende só porque padroniza suas próprias experiências subjetivas como se fossem normais, em comparação com as experiências relatadas do entrevistado. Pois, todo conteúdo subjetivo não pode ser verificado e apenas intelectualmente, através da lógica, pode se associar com o consigo mesmo.

Isso se dá pelo fato de jamais conseguirmos verificar conteúdos subjetivos sem com que eles tenham um correspondente interno. O que nos afirma tal conclusão é que no *processo de transferência* o canal semântico mais usual é o idioma. Este idioma normatiza. Mas em casos da não-normalidade, este idioma sofre ruídos do não compreensível, que apenas pode ser entendido de forma solipsista (e numa situação do Estado-nação, o imigrante é o não normal). Por isso, nessa situação aparecem problemas de socialização, e os imigrantes não utilizam continuamente o idioma português de modo normal, e assim não conseguem expressar suficientemente suas disposições cognitivas.

Por isso, precisamos-nos, neste trabalho, conscientizar do subjetivismo de uma pessoa e entrar em seu *mundo-mente* como um “complexo” (arquétipo). Dialogando com ela, como alguma entidade inconsciente, como é o habitual do pensamento humano, e pode ser que tenhamos dificuldades de comunicação. Por isso não podemos deduzir muito a respeito dela, mas precisamos buscar entrar cada vez mais na possibilidade dela usar um idioma compreensível, que será a base da construção de sua ZPC. Neste momento, é importante que ela perceba que não temos uma subjetividade fixa e uma opinião formada sobre o que ela está falando, mas uma abertura para as vibrações dialógicas, que servirão para revelar seus valores e acentuações de memórias e coisas.

Depois de captado o mundo-mente aí sim podemos analisar “vendo de fora” que os eventos não eram os únicos e absolutos. No entanto, no momento da captação das informações não podemos analisar desse modo nem mesmo deixar com que transpareça a possibilidade de uma outra visão além da subjetividade estudada. É um processo de construção de um verdadeiro “andaime do real”

(HERRMANN, 1985), onde o desejo subjetivo (busca de si mesmo) nos guia e faz o desenho que desejamos representar e estudar. Nisso procuramos sistematizar na idéia da Zona Pessoal Cotidiana, a qual apresentamos agora como um método para uma Realidade além do cultural. Entender a configuração das coisas e suas memórias, neste contexto, significa entender a subjetividade e suas espacialidades agregadas na vida cotidiana de determinada pessoa.

### 3. O MÉTODO DA ZONA PESSOAL COTIDIANA E A CARTOGRAFIA DO MUNDO-MENTE

**RESUMO:** A ZPC se concretiza com a cartografia. Nesse capítulo apresentam-se os meios pelos quais o formato da ZPC se justifica, mostrando a espacialização das formas espaciais da ZPC. Torna, desta maneira, o estudo da psicologia pessoal e subjetiva uma ferramenta indispensável para o estudo da geografia pessoal. Também mostram-se aqui os limites cotidianos com o desconhecido e as razões para a ZPC existir em cada pessoa como caminho de realização e/ou sobrevivência.

Apresentamos, a seguir, a metodologia da nossa pesquisa, a qual está baseada numa abordagem já desenvolvida no nosso Trabalho de Conclusão de Curso, em 2005, no Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Ponta Grossa sob a orientação da professora Dr<sup>a</sup> Cicilian Luiza Löwen Sahr. Tratou-se de uma abordagem metodológica do cotidiano denominada de Zona Pessoal Cotidiana. Essa pesquisa apresentou as primeiras ferramentas metodológicas para ser aplicadas no presente trabalho, onde buscamos agora um aprofundamento metodológico, e também uma epistemologia diferente. Em geral, a nossa abordagem fundamenta-se, nas suas raízes, na fenomenologia, no interacionismo simbólico e em alguns aspectos neo-marxistas, sendo aprofundado pelas novas abordagens do formismo e da teoria da ação como também em perspectivas da Psicologia Analítica. Para isso, propusemos uma visão do mundo cotidiano que abstrai o costumeiro dualismo de um mundo exterior objetivo e de um mundo interior subjetivo, porém, insistimos que no processo da individuação do sujeito, tais categorias (tão caras a muitas abordagens científicas) se confundem na vivência do sujeito. Pesquisando a cartografia do indivíduo neste caso significa desenvolver uma entrada na vida pessoal além da mera objetivação científica. Isso é especificamente relevante no caso do imigrante, no qual se confundem conflitos interculturais na sua cotidianidade.

Para estes fins lembramos que existe certa coincidência entre algumas idéias estruturais de algumas Psicologias com abordagens pós-modernas sobre estruturas rizomáticas (veja Deleuze/Guattari), o que ajuda para compreender a Zona Pessoal Cotidiana na sua geometria em representações espaciais não-hierárquicas e não-dualistas. Para estes fins, lembramos algumas idéias de Sigmund Freud e C.G. Jung sobre a representação psicológica e a individuação, como também algumas conceituações da ciência neural, antes de explicar a nossa abordagem da ZPC.

### 3.1. A Zona Pessoal Cotidiana como Representação Psicológica

A representação espacial sempre foi designada ao ramo da cartografia, e para o presente trabalho não será diferente. Começamos a nossa projeção da Zona Pessoal Cotidiana (ZPC) no campo da Psicanálise. Em 1895, Sigmund Freud escreveu a obra *Entwurf einer Psychologie* (Projeto de uma Psicologia), onde um de seus fundamentos era possibilitar o entendimento de uma *dinâmica da representação*. Por representação Freud entendia algo distinto de *percepção* (FREUD, 1995, pp. 140-2). Para ele, o mundo interno era fundamentalmente ditado por *representações* que se alternavam com a *percepção* em busca do *mecanismo de atenção* (pp. 75-8). A *dinâmica da representação* agrega, desta maneira, todos os estados mentais possíveis e suas funções tais como: a *consciência* e o EU, pois a base de explicação usada por Freud era o cérebro (p. 25). Chamando essa de Teoria Neuronal (FREUD, 1995, pp. 11-55).

Toda sensação era explicada por Freud com a mecanicista performance da interligação do exterior com o interior da pessoa. As influências exteriores entram no sistema interno. Este dispõe de uma esfera *Psi* (letra grega  $\Psi$ ), marcando o sistema fisiológico, e o sistema interno Oméga (letra grega  $\Omega$ ), onde funcionam os mecanismos psicológicos (atenção, percepção, representação, Eu, consciência). Os processos psíquicos se interrelacionam entre ( $\Psi$ ) e ( $\Omega$ ) através de uma carga elétrica  $Q$ , que está calcada como o funcionamento dos neurônios (FREUD, 1995).



Um dos modelos que Freud explica o funcionamento mnemônico do cérebro é o da *representação superintensa*, ou seja, um apego a alguma coisa (representação e/ou percepção), ou *afeto*, que prejudica a capacidade de pensar e faz com que a preocupação trabalhe em caminhos “antigos” e já conhecidos. Dentro de um verdadeiro caminho reverberativo o Eu perde a *lógica de curso* e a solução é deixar o *Eu ocupado*, que evita a (re)vivência de satisfação e de dor, que é ativar no Eu o processo primário (confusão entre representação e percepção) (FREUD, 1995, pp. 69-71).

No início da marcação da memória, os caminhos neurais então ainda em plena liberdade, pelo “princípio do prazer”. Tal concepção, que não está completamente errada, foi corrigida depois por ele com outro princípio, o da morte. Ambos, como um campo complementar, fundam a “realidade” da pessoa. A realidade é, desta maneira, para Freud algo que tentamos sempre fundir com as representações internas:

No início da existência, o aparelho psíquico está submetido exclusivamente ao princípio do prazer. Isto significa que o prazer é o único fim que ele persegue, e somente o que é agradável se constitui para ele como objeto: a prova é que o aparelho psíquico não tende apenas a descarregar suas tensões uma vez presente o objeto, mas ainda, a alucinar a presença do objeto sob o efeito das mesmas tensões. A descarga que essa alucinação suscita, engendra infalivelmente a decepção. A partir disso, outro princípio entra em jogo. Consiste nisto: não é mais suficiente que um X seja agradável para que seja constituído como objeto; *uma outra propriedade é requerida do objeto*, a de *ser real*. Entendemos que se trata aqui de uma relação com a percepção – condição bastante compreensível. Pois, se é verdade que nem tudo que é percebido é real, se a referência à exterioridade perceptiva não basta mais para definir a realidade do objeto, não resta dúvida de que todo objeto real é bem um objeto de percepção, e como a satisfação não cai do céu, é no campo da percepção que o sujeito deve reconhecer o objeto real (SAFOUAN, 1988, pp. 39-40).

Fica claro aqui que a distinção freudiana entre mundo externo, o qual é perceptível, e mundo interno, o qual é representativo, se encontram na psique e geram uma geografia mental entre o exterior e o interior.

Assim, informações recebidas do exterior adquirem tanta importância quanto as sensações internas de prazer ou de desprazer. Depois, à atenção se acrescenta a *memória* (SAFOUAN, 1988, p. 40).

A confusão entre representação e percepção, cuja base filosófica já tínhamos apontado acima, quando descrevemos (cf. capítulo 2.4.3.) a junção entre memória pura e a memória relacional, é de fundamental importância na construção da Zona Pessoal Cotidiana de um imigrante e/ou seus descendentes, porque estes buscam sua vivência psicológica numa situação complexa, na qual suas individualidades e identidades acontecem num ambiente cheio de excitações de estranhamento do exterior. Por isso, o processo de individuação, como descrito por C.G. Jung, ganha uma importância destacada.

### 3.2. O Modelo da Psicologia Analítica de Jung e sua Importância para o Imigrante

Não podemos esquecer que Jung se opõe ao Sigmund Freud. Ele substitui a visão mecanicista de Freud, que se refere às pulsões de libido e tanatos como motrizes do inconsciente para satisfazê-se, e escreve o sistema psicológico com sua tendência de agir em busca do *self* (processo de individuação). Enquanto ambos concordam ainda que há uma orientação interna de organização e caminho dentro da psique, e que esse caminho é defendido e buscado constantemente pelo Eu em nome de uma realização pessoal. Nisso a teoria de Jung pode se concretizar no mundo no que chamamos a Zona Pessoal Cotidiana (ZPC) no tocante ao *processo de individuação*, que seria uma espécie de concretude daquilo tudo que necessitamos para se identificar, se orientar e buscar um sentido ou um prazer.

Abaixo segue um modelo que C. G. Jung utilizou para explicar a realidade do mundo-mente. Conceitos como “sincronicidade” (unidade implícita da psique e da matéria onde o pensamento é sincrônico a um fato) (TARDAN-MASQUELIER, 1994, pp. 204-206) e “*unus mundus*” (o mundo único onde a matéria e a psique não estão separadas) (JUNG, 2000b, p. 309) indicam uma preocupação de Jung em unir o mundo e a mente.

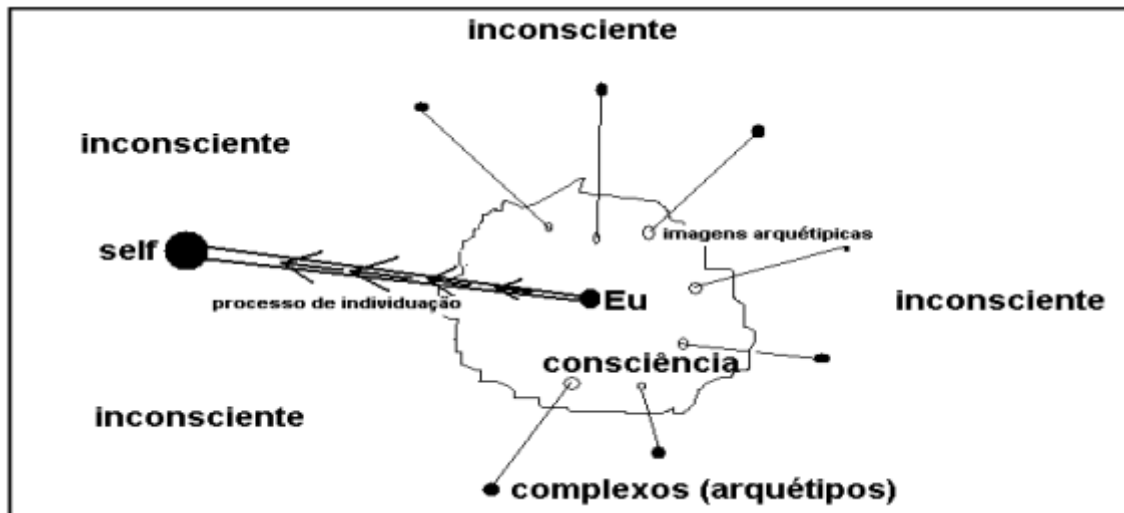


FIG. 4 – PSICOLOGIA ANALÍTICA  
(Organização: Kelton Gabriel 2009)

O círculo imperfeito indica o campo da consciência e no centro está o “complexo de Ego”. Dentro da consciência “imagens arquetípicas” são projetadas pelos complexos ou arquétipos que povoam o inconsciente. O “self” é o grande organizador do inconsciente e conseqüentemente dos arquétipos, e o Eu (complexo de Ego) anseia em seu “processo de individuação” atingir o “self” e ser aquilo que de fato já se é (JUNG, 2003b, pp. 117-156).

O *conceito de arquétipo*, que constitui um correlato indispensável da idéia do inconsciente coletivo, indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar. A pesquisa mitológica denomina-as “motivos” ou “temas”; na psicologia dos primitivos elas correspondem ao conceito das *représentations collectives* de LEVY-BRÜHL e no campo das religiões comparadas foram definidas como “categorias da imaginação” por HUBERT e MAUSS. ADOLF BASTIAN designou-as bem antes como “pensamentos elementares” ou “primordiais”. A partir dessas referências torna-se claro que a minha representação do arquétipo – literalmente uma forma preexistente – não é exclusivamente um conceito meu, mas também é reconhecido em outros campos da ciência (JUNG, 2000a, pp. 53-4).

Esta concepção dos arquétipos, aos quais nós incluímos as manifestações de culturas exteriores consolidadas, manifestam sua importância na relação com a consciência pelo processo de identificação com si-mesmo através da busca pelo *self*.

O *Self*, diz Jung, é, “por assim dizer, um ponto virtual a meio caminho entre o consciente e o inconsciente”, entre o ego e o não-ego (1958, p. 263). Ele age como um centro de gravidade que une as partes desconexas da psique. É também a fonte de energia dinâmica da qual a consciência nasce. Na opinião de Jung, esse *Self* não é apenas a fonte e a base da personalidade, mas também o poder que procura manifestar-se através das escolhas e experiências desse mesmo ego, ao qual deu nascimento. Em outras palavras, essa força não-ego precisa do ego para realizar-se numa relação significativa não só para o mundo mas também para todos os potenciais futuros ou esquecidos do homem como um todo (STAUDE, 1995, pp. 112-3).

Mostra-se nesta observação a mesma reunião de posições solipsista-absolutas e energéticas-relativas, as quais já conhecemos no segundo capítulo. Diante desta constatação percebemos que a vida do imigrante é uma expressão conflituosa e se elabora na fronteira entre o inconsciente e o consciente. Contudo, por causa dos conflitos sociais e culturais entre imigrante e sociedade receptora, a sua vida é mais consciente do que a vida de um nacional que não vê sua posição psicológica questionada na sociedade receptora. Assim, a busca do *self* no imigrante revela melhor a construção da individualidade, inclusive contribuindo para o entendimento da sua formação cultural e de suas formas de subjetividade. Neste sentido, as conexões sociais, transformadas em conexões mentais, do imigrante trabalham com a mesma lógica de um modelo neuronal.

### 3.3. O Modelo Neural e o Princípio do Prazer

O que segue é um esquema padrão conhecido atualmente do funcionamento dos neurônios da massa encefálica. Pode-se entender que os *dendritos* (ramificações receptoras) que se projetam no corpo celular de um neurônio ao outro recebem *neurotransmissores* responsáveis pelo processo químico da função neuronal de longo prazo. Este processo acontece através de uma carga elétrica disparada em direção ao *axônio* que por fim se ramifica em outros *botões sinápticos* que influenciam outros neurônios. A carga elétrica acontece aqui conforme o “potencial de ação” de cada neurônio, e o tempo para esse processo varia de milissegundos até semanas (PLISZKA, 2004, pp. 31-38).

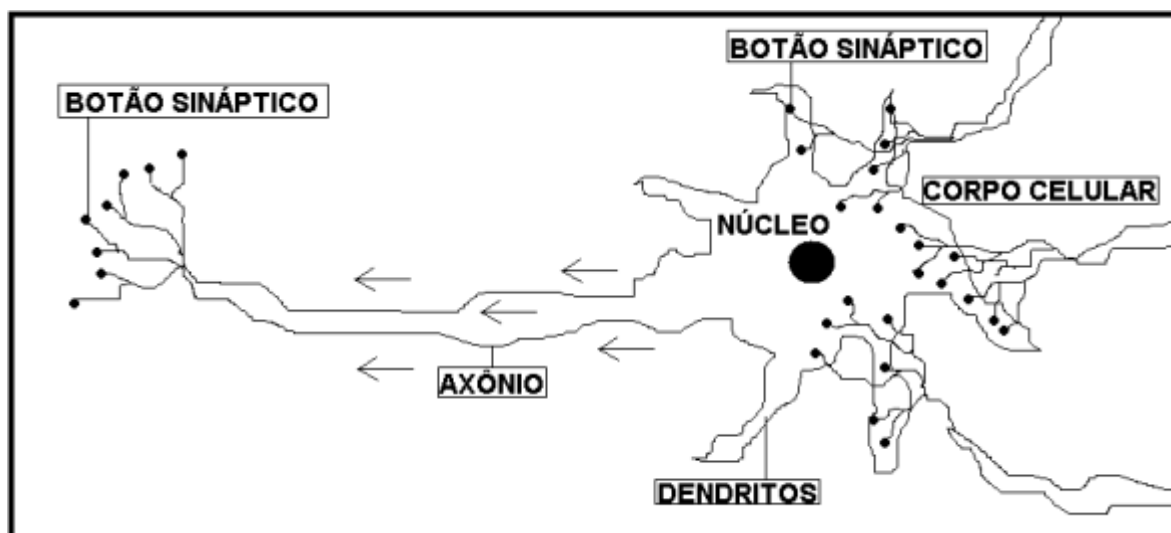


FIG. 5 – MODELO NEURONAL

(Fonte: MACHADO, 1993, p. 18; Organização: Kelton Gabriel 2009)

Vários níveis de estímulos elétricos e químicos originados dos milhares de botões sinápticos de outros neurônios (como mostra a figura acima) totalizam o momento certo do disparo da sinapse (transporte axonal). Esse disparo é necessário para a sobrevivência do neurônio, e a sincronia deve ser perfeita (MYNLIEFF, 2003, p. 50).

Nota-se que, como no processo psicológico de Jung, onde o Ego busca a direção do “self”, o neurônio também necessita direcionar o seu potencial para uma única direção que lhe traga a sobrevivência e a normalidade de sua saúde. “Portanto, o axônio é especializado em gerar e conduzir o potencial de ação” (MACHADO, 1993, p. 20) de um neurônio. Na associação com o modelo da Psicologia Analítica de Jung, o axônio representaria o “caminho” do *processo de individuação*, submetido as mais variadas formas de influências, independente de sua materialidade concreta ou de sua função ideária.

Podemos supor que, desta maneira, a memória como uma das bases da vida consciente de um imigrante funciona sob a lógica cerebral. Entretanto, este agente é responsável pela elevação/absolução da diferença entre o material e o imaginário num mundo-mente concreto, cujos reflexos se exprimem e podem ser captados na Zona Pessoal Cotidiana (ZPC).

### 3.4. O Modelo da ZPC e o Caminho Cotidiano Geográfico

Assim como os modelos de estruturas neurais e psicológicas, também a ZPC possui uma estrutura centralizada. Nela se constrói uma individualidade, uma pessoa, uma personalidade (associada ao Ego no modelo da psicologia, e ao núcleo na neurociência) num determinado lugar cotidiano. O que se estabelece aqui, neste sentido, é algo que cria “normalidade”, mas uma normalidade subjetiva. Desta forma, qualquer pessoa busca geograficamente um centro da sua atuação, e mais cedo ou tarde procura seu lar, quando sai dos lugares de trabalho. Este lar é, também de maneira psicológica, o lugar mais profundo, pois a casa dá um senso especial de segurança e o caminho para alcançá-lo é uma busca em manter uma estrutura que dê certo sentido, que se apresenta como realização, como uma representação identitária. Podemos dizer que a casa é a representação da idéia do *self*.

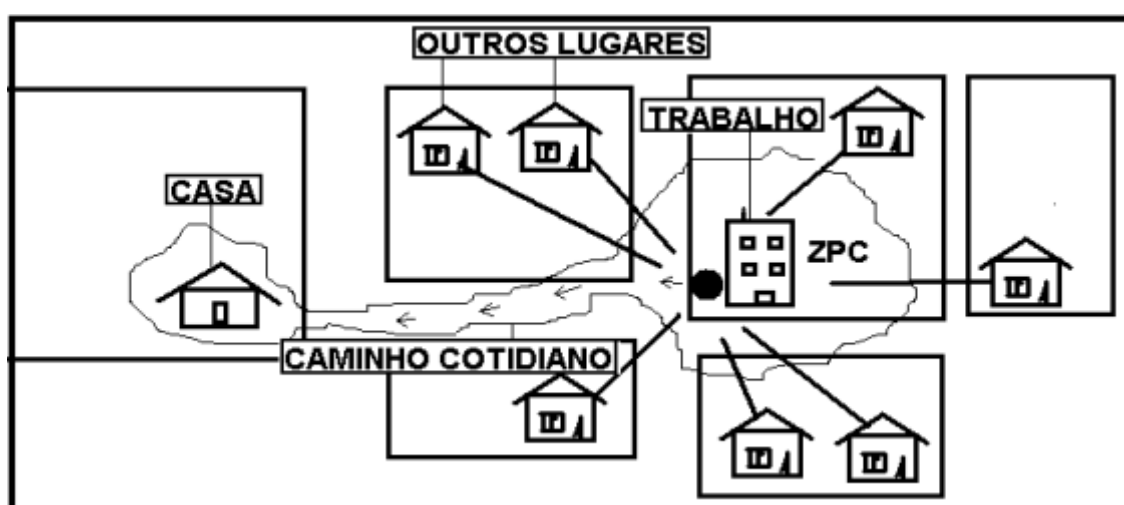


FIG. 6 – O CAMINHO COTIDIANO

(Organização: Kelton Gabriel 2009)

Para um imigrante, como para qualquer pessoa a casa é importante, porém o imigrante, que vive embutido numa massa de influências perturbadoras – como a consciência que sofre a influência dos arquétipos, e o corpo celular a

influência de *botões sinápticos* (de outros neurônios), que enviam constantemente na ordem *imagens arquetípicas* e neurotransmissores – busca uma defesa, se defendendo de *outros lugares* que enviam suas influências através de relações sociais e culturais, e é com a segurança do seu próprio lar através de possibilidades de deslocamento e vivência que se determina a direção mais coerente a se seguir para este indivíduo. E essa segurança depende de *coisas*, porque na casa existem *coisas* ligadas ao si mesmo (*self*) que auxiliam na construção do significado da vida através da organização não-hierárquica da memória.

Este sentido de uni-direcionamento não se enquadra na ZPC apenas no sentido do deslocamento no espaço material, e sim em todas as relações com as coisas que são *elementos da paisagem* pessoal. E essa tendência a guardar, interagir, escolher, usar e agir sobre coisas é determinada pelo senso interno da pessoa, a qual representa o mecanismo exposto nos modelos acima. Como apresentado nos esquemas desse capítulo, também a ZPC se configura na *epistemologia solipsista*, pois a busca de si-mesmo é uma busca solitária, uma jornada existencial no sentido ontológico. Desta maneira, as “categorias de coisas” são permeadas por memórias subjetivas e conectadas ao indivíduo por meio deste sentimento norteador, inclusive elementos psicológicos e/ou neurológicos.

Seguindo esta reflexão podemos postular 3 elementos básicos de cada ZPC:

**1. Ponto de consistência:** estes pontos são lugares onde o sujeito mantém uma relação relativamente diária de centralização pessoal. O ponto de consistência mais notável é a casa.

**2. Trilhas psicológicas:** Essas trilhas são caminhos percorridos de um **ponto de consistência** a outro e onde se cria uma interação com os **elementos da paisagem**.

**3. Módulos de ligação:** são veículos que ligam um **ponto de consistência** a outro que esteja desmembrado (sem acesso por trilha psicológica). O módulo de ligação coloca o sujeito num espaço cotidiano móvel e caracteriza a

fragmentação da ZPC, onde os **elementos da paisagem** do interior do módulo são transformados em valores pessoais pela interação cotidiana.

Todos estes elementos se juntam num processo da *representação espacial*, na qual se forma, como na figura 7 abaixo, os padrões espaciais *arquetípos* da ZPC. Quando falamos de arquétipos, lembramos que estes não são genéricos e gerais, mas ganham sua configuração na vida solipsista de cada pessoa, como também este solipsismo individual não desliga o indivíduo das suas relações sociais e culturais, mas o constrói no processo de individuação.

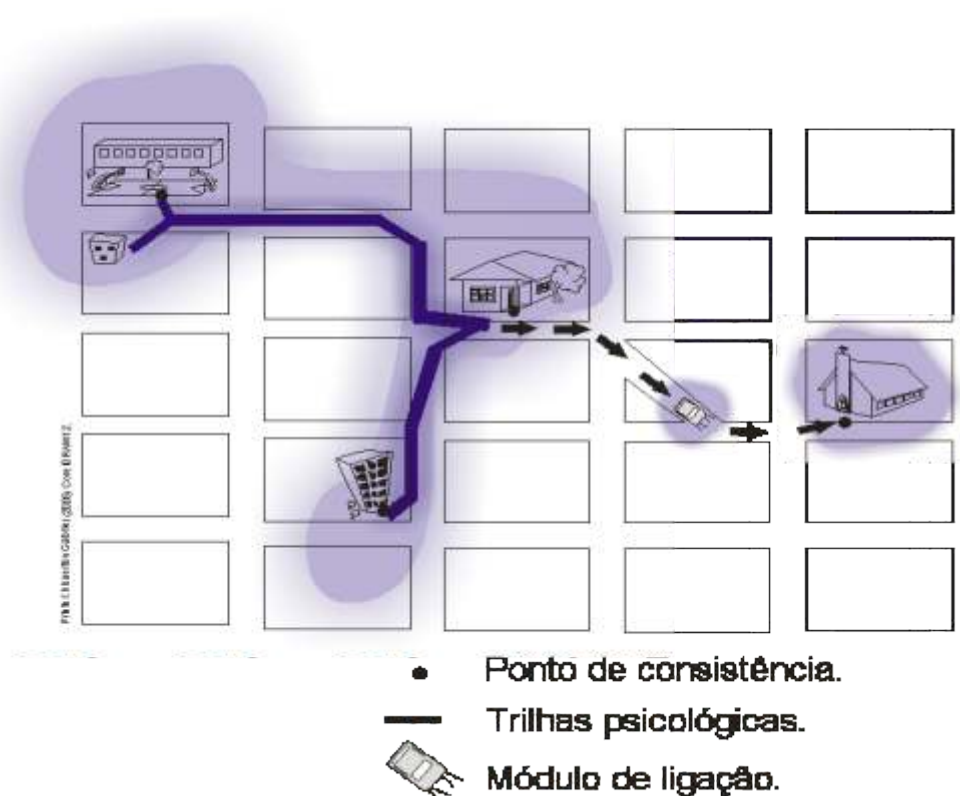


FIG. 7 – MODELO DA ZPC

(Organização: Kelton Gabriel 2006)

Nesse exemplo podemos notar os lugares (pontos de consistência) que uma determinada pessoa frequenta em seu cotidiano, e as caminhadas urbanas (trilhas psicológicas) que ela percorre de maneira – geralmente – despercebida por ela, mas que são psicologicamente determinantes e determinadas. “Certamente, os processos do caminhar podem reportar-se em mapas urbanos de



*maneira a transcrever-lhes os traços (aqui densos, ali mais leves) e as trajetórias (passando por aqui e não por lá).” (CERTEAU, 1999, p. 176).*

Um fenômeno importante que essa metodologia trabalha é a *fragmentação da ZPC*, que se pode entender devido ao modo de vida pós-moderno, principalmente para imigrantes e seus descendentes. Essa fragmentação torna-se mais visível nos *módulos de ligação* (carros, trens, etc.).

A ZPC se distingue um pouco de outras metodologias da temática (cotidiano), que são numerosas na área de Psicologia Social, Antropologia e Sociologia. A ZPC dá ênfase aos aspectos espaciais possibilitando a construção de mapas cotidianos das pessoas estudadas, e as outras abordagens geralmente buscam o “normal” e “normativo”, ou não-destacado no cotidiano, esta abordagem permite afastar-se dessa normatização, e encarar o cotidiano como uma normalidade subjetiva, e não objetivada.

Esse espaço, ou melhor, zona, é determinada pelo deslocamento do indivíduo para um, ou mais, locais aonde em todos os dias úteis ele se apresenta. Seja de sua casa ao trabalho, do trabalho pra escola etc. O que queremos dizer é que a Zona Peculiar do Cotidiano Urbano é o mundo onde vive a pessoa (GABRIEL, 2005, p. 2).

Por isso, este estudo do Cotidiano, mesmo no escopo geográfico, necessita de um aprofundamento nos estudos da subjetividade, pois esta é a base existencial da vida cotidiana. Estudar a cultura de uma pessoa que forma a ZPC da análise, fornece uma gama imensa de explicações dos elementos da sua paisagem, através de comportamentos, linguagens, trajes e consistência espacial da ZPC. Porém, muitos aspectos particulares são simplesmente inexplicáveis pelas formulações gerais da cultura, e por esta razão focamos aqui na subjetividade da pessoa.

#### 4. O CONTEXTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO DE CASTRO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA AS SUBJETIVIDADES DA REGIÃO

**RESUMO:** Neste capítulo faz-se um estudo detalhado da história e da geografia de Castro no Estado do Paraná, que é a cidade receptora dos estrangeiros estudados nesse trabalho, japoneses e holandeses. Apresentamos, como contexto, cujas influências se sentem na vida destes migrantes, a configuração histórica dessa cidade e de seus bairros, onde se estabelecem os pontos de resistência cultural. Com as pesquisas realizadas nesse capítulo podemos dar subsídios ao entendimento psico-geográfico destes estrangeiros e apontar algumas das suas relações com a terra.

A região de Castro, no segundo planalto paranaense, apresenta uma longa tradição de imigração e colonização, que criaram elementos das subjetividades que nos queremos investigar neste trabalho. Já no período das Grandes Navegações duas potências colonizadoras se destacaram na exploração do Novo Mundo, uma delas era Portugal com o descobrimento das terras que chamaram Brasil, e a outra a Espanha com toda a América Central e grande parte do continente sul-americano. As disputas de terras levaram os dois países em 1494 a assinarem o Tratado de Tordesilhas, que repartia o Mundo em dois (CÁCERES, 1993, p. 16). No entanto, a pressão por parte da Coroa Espanhola sobre as terras que seriam de Portugal, levou ao imperador a investir em expedições exploratórias que fundariam com suas descobertas as *Capitanias Hereditárias* (1534). Neste período a Coroa Portuguesa forçou o aumento populacional das capitanias através de migração, assim como indicou *Capitães Donatários* para que esses fizessem benfeitorias para garantir a soberania e ocupação do território em nome da Coroa Portuguesa (NADALIN, 2001, pp. 27-35).

Enquanto a coroa portuguesa se concentrou nestes empreendimentos em outros lugares do Brasil, o atual território do Estado do Paraná era a princípio – segundo o Tratado de Tordesilhas – território espanhol, sua ocupação sendo basicamente realizada por índios e jesuítas espanhóis (LAZIER, 2003, p. 27) na Província de Guairá (1608). Treze reduções jesuíticas se elaboraram aqui, tanto em base de migrações dos indígenas como de europeus, que moldaram

subjetividades específicas sob a influência das religiões e filosofias guaraní e cristã. Pouco tempo depois, essas reduções foram destruídas por Bandeirantes vincentinos, deixando a região para processos migratórios pouco percebidos entre os indígenas (inclusive a vinda dos Kaingang).

A descoberta de ouro no litoral Paranaense pelos portugueses mudou a organização da região, traçando uma linha de migração do litoral da Baía de Paranaguá até o Primeiro Planalto. Agora, o modelo cultural era excludente, exterminando os Carijós, onde se firmou uma pequena comunidade com atividades comerciais, que alcançou a condição de vila em 1648, sendo assim a primeira cidade no atual território do Paraná de cunho da coroa Portuguesa (NADALIN, *op. cit.*, pp. 36-42). Estes migrantes enfrentaram um ambiente natural e indígena em grandes partes hostis, e por isso desenvolveram uma cultura de ocupação excludente. Formou-se uma mescla econômica entre pecuária (Curitiba) e comércio portuário (Paranaguá) surgindo uma identidade regional com a vila de Curitiba (1693) (NADALIN, *op. cit.*, p. 44).

A partir deste momento, se inicia um processo de povoamento numa terra indígena, que se instala de forma organizada, sob controle colonial.

#### 4.1. A Instalação do Sistema Colonial através do Tropeirismo

Com as ocupações dos Campos de Curitiba pelo gado e lavoura no século XVIII houve a necessidade de re-organização, e se estabeleceu o tropeirismo em 1725 (FERREIRA, 1996, p. 39), e o caminho de Viamão cortou, em 1731, o Segundo Planalto. Nesse caso, uma sesmaria foi concedida ao Capitão-mór Pedro Taques de Almeida e seus familiares em 1704 (ROSAS, 1993, p. 5), devido a manifestação das atividades dos Campos de Curitiba, que depois transformou-se sob influência do Tropeirismo.

A região de Paranaguá e os campos de Curitiba estiveram nessa fase sob a jurisdição de São Paulo e Rio de Janeiro, mas as suas vivências foram dominadas pela cultura dominante de elites portuguesas (além de açorianos e espanhóis). Nessa fase, se estabeleceu uma fazenda na sesmaria de Pedro Taques de

Almeida denominada Capão Alto, nos campos de Castro, que foi concedida entre outras 20 sesmarias (BUENO, 2002, p. 23). A seguinte citação mostra o exclusivismo social e cultural nas “ilhas” dessas fazendas no conjunto do Paraná:

Pedro Taques de Almeida era filho do governador Lourenço Castanho Taques e de Maria de Lara (...) foi feito fidalgo da casa real por dom Pedro rei de Portugal, com o mesmo foro e moradia de cavaleiro fidalgo que tinha seu bisavô; foi capitão e governador da capitania de São Vicente e São Paulo por patente régia nos anos de 1684 a 1687. (...) faleceu no dia 4 de agosto de 1724 e foi sepultado ao pé do altar do Senhor Bom Jesus da Boa Morte, na capela da ordem terceira do Carmo da cidade de São Paulo (LOPES, 2004, p. 9).

Em outras fazendas, a situação era semelhante. Assim, José Goes de Moraes obteve terras denominadas de Carumbehy (Carambeí) (LOPES, *op. cit.*, p. 11). Marina Lourdes Ritter fez um estudo profundo sobre as sesmarias do Paraná no século XVIII, onde podemos acompanhar em nosso esboço interpretando os dados e o mapa em anexo de sua obra:



FIG. 8 – MAPA DAS SESMARIAS

(Fonte: RITTER, 1980; Organização: Kelton Gabriel 2009)

Focalizemos nossa atenção nas sesmarias 2 (onde hoje é a cidade de Castro), e na sesmaria ao lado – nº1 – cujo o dono chamava-se Lourenço Castanho Araújo (hoje a Colônia Castrolanda), um dos *pontos de resistência* de nosso estudo.

Neste ambiente foi fundada a cidade de Castro, hoje chamada “mãe do Paraná” não por acaso. A freguesia de Santa Ana do Iapó teve na época como seu território quase todo o atual estado do Paraná e oeste de Santa Catarina, um território enorme, mas em grandes partes “selvagem”, sem “civilização” européia.

“E todo o sertão”, um território enorme, um país fora confiado à tutela da freguesia, abria-se todo o horizonte do norte e do poente a um punhado de moradores, a quem cumpria vigiar, assistir, fiscalizar e defender, atenuando tudo quanto estivesse ao seu alcance (ROSAS, *op. cit.*, p. 18).

Neste território, em 1789, Castro foi considerada VILA NOVA DE CASTRO, com seu enorme território “vazio”, como mostra o mapa da freguesia:

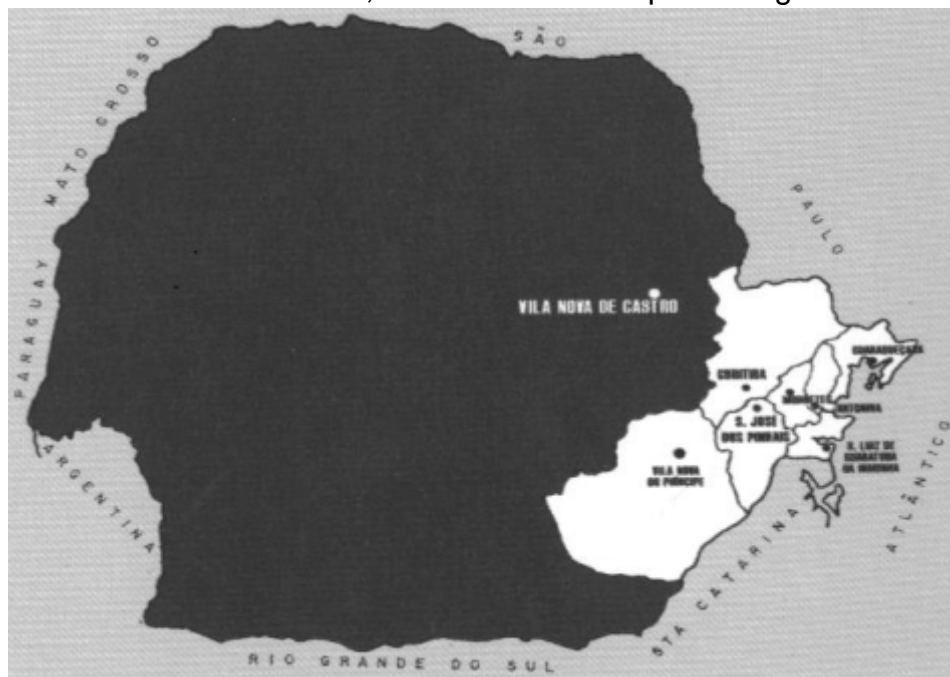


FIG. 9 - MAPA DA FREGUESIA DE SANTA ANA DO IAPÓ  
(Fonte: PADIL, 2002, p. 19)

Na cidade existiram, em 1780, em torno da igreja poucas casas onde moravam 688 pessoas, sendo 479 livres e 209 escravos. Todas as atuais cidades circunvizinhas dos Campos Gerais, inclusive Ponta Grossa (que apenas em 1823, foi elevada a condição de Freguesia) eram apenas pequenos núcleos, sendo bairros da Vila Nova de Castro com poucos habitantes (DINIZ; VILLELA; MELLO & EHALLT, 2003, p. 45).

Estabeleceu-se, desta maneira, uma economia isolada ao longo do caminho das tropas, e como atrás da cidade começava o sertão, enquanto na sua parte oriental encontraram-se as paisagens dos Campos Gerais, valorosos para a produção de gado numa economia periférica.

Quando olhamos o mapa com o território de Castro em 1853, ano em que foi fundada a Província do Paraná, percebemos que a função de uma parte do sertão foi transferida para Guarapuava, enquanto em Castro permaneceu ainda com o Norte do Estado como sertão. Nessa situação, Vila Nova de Castro passou a categoria de cidade, em 1857, chamando-se a partir de então Castro (BAPTISTA, *op. cit*, p. 20).

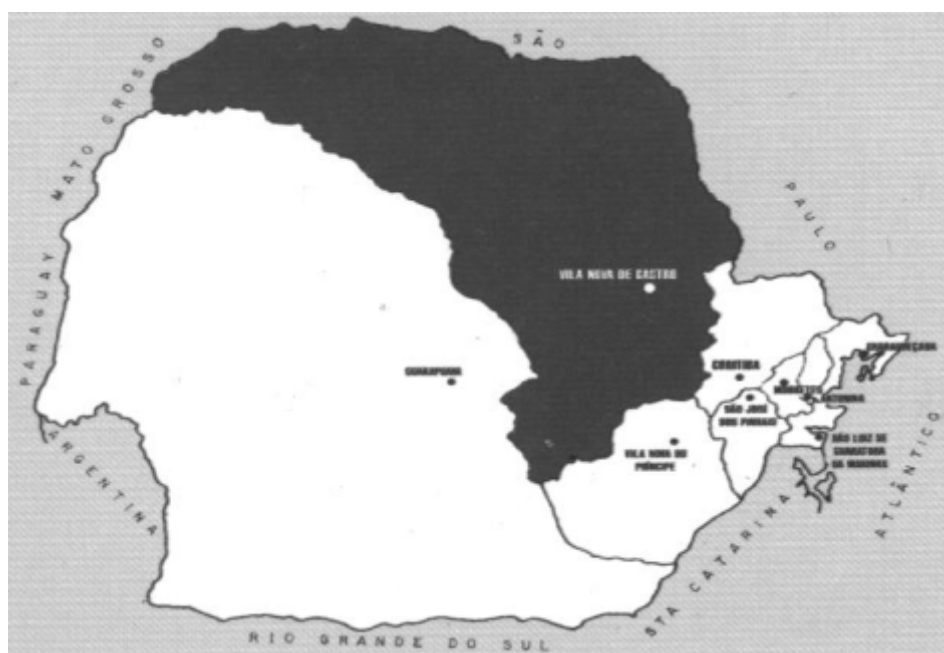


FIG. 10 - MAPA DE VILA NOVA DE CASTRO NO PARANÁ  
(Fonte: PADIL, 2002, p. 20)

Com a vinda da República em 1889, novas cidades surgiram no Estado, e a característica de Castro mudou, diminuindo mais seu território em tamanho, e agora tendo grande parte cultivado. Perdeu-se assim o sertão por completo e sua característica de isolamento de moradia. Agora, Castro era plenamente integrado ao conjunto povoado do Estado. Perdeu-se, também gradativamente a consciência de uma cultura autônoma, e instalou-se um processo de individuação moderna para os habitantes.

FIG. 11 - MAPA DO PARANÁ EM 1889

Mesmo assim, as características das terras que hoje se encontra Castrolanda, segundo os registros feitos pela Lei da Terra de 1850, apresentaram certa complexidade. Três fazendas, cada uma na sua solidão, se sobrepõem com seus territórios, como mostra o mapa abaixo da antiga Fazenda Capão Alto.

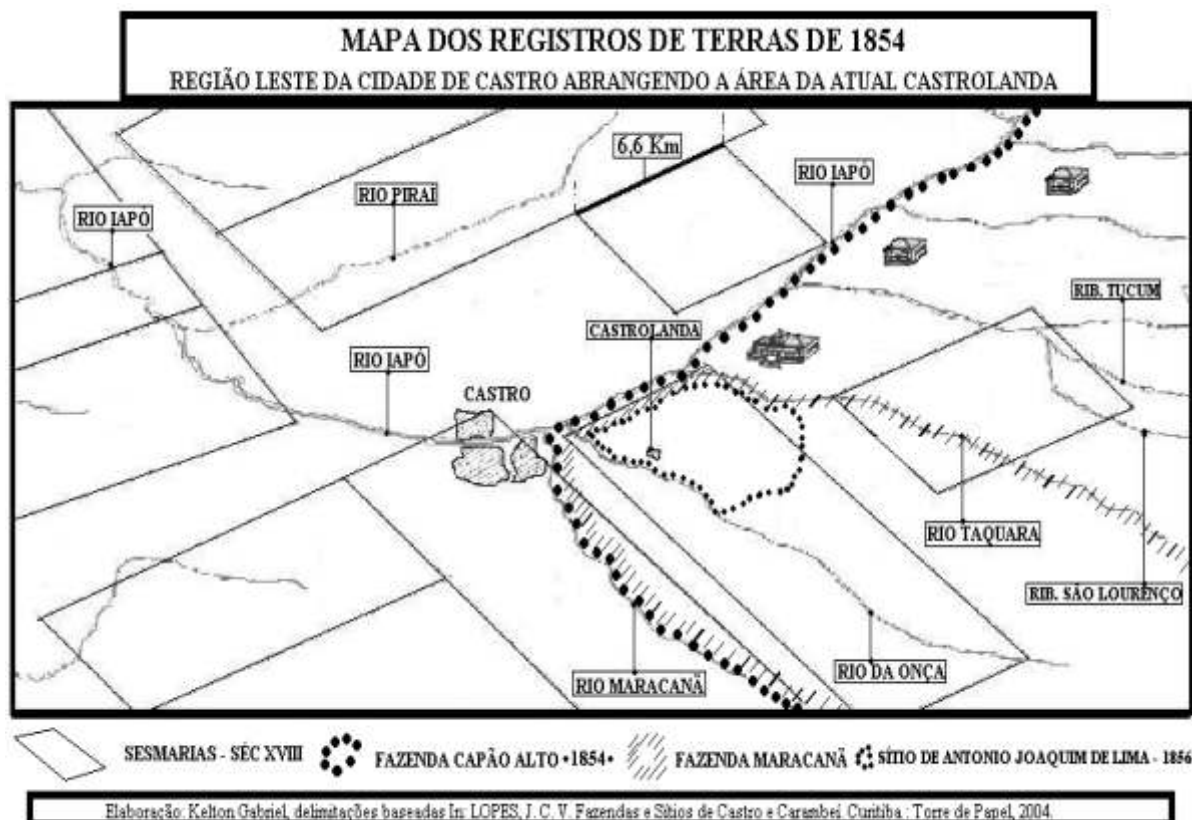


FIG. 12 – MAPA DOS REGISTROS DE TERRAS

(Fonte: LOPES, 2004; Registros da Paróquia Santana, Livro, nº 1, reg. 81)

Aqui existiram três casas, essa tradicional perto de Castrolândia, uma em Cunhaporanga e outra no Fundão. Mas o que caracteriza tal estrutura é o sistema de fazenda, onde pequenos núcleos habitados controlam grandes áreas de solidão, estes apenas utilizadas de forma extensiva pelo gado.

#### 4.2. A Imigração Européia no século XIX e XX no Processo de Reorganização do Território de Castro - PR

A partir do início do século XIX, estabeleceu-se uma política brasileira em ocupar o território do Brasil com imigrantes europeus para preencher os “vazios demográficos” e substituir a mão de obra escrava. Já em 1818, alemães foram trazidos para as colônias de Petrópolis e Nova Friburgo no Rio de Janeiro, bem como outros para a Bahia. No sul do Brasil se instalaram, em 1822, na colônia São



Leopoldo alemães, entre outras etnias, para ocupar estes territórios e defendê-los contra os índios *botucudos* e argentinos (NADALIN, *op. cit.*, pp. 65-6). Em 1829, se instalaram alemães também no Paraná, em Rio Negro<sup>6</sup>, franceses na Colônia Thereza e holandeses e outros em Superagüy. Em 1870, todas as colônias do Paraná já somavam 11.805 imigrantes, este fluxo continuou até os anos 1914 sem grandes interrupções e em grande número, avançando até a região de Guarapuava, como Wilson Martins descreve no seu livro “Um Brasil diferente” (MARTINS, 1989). Chegaram principalmente alemães, italianos, ucranianos, poloneses, depois japoneses, sírio-libaneses e holandeses, cada membro dessas etnias procurando estabelecer seu próprio ponto de resistência no país e desenvolvendo seus trilhos de integração na sua referida região. Em Castro, dois grupos importantes em nossa pesquisa se instalaram no final dessa fase: holandeses e japoneses.

#### *4.2.1. Holandeses em Castro*

Um dos pontos principais da imigração holandesa no Paraná era Carambeí, hoje um município localizado entre Castro e Ponta Grossa. Aqui chegaram, no final de março de 1911, alguns holandeses vindo de outras localidades do Paraná, principalmente de Gonçalves Junior em Irati-PR. Este lugar tinha se revelado como ponto de inserção traumático para os imigrantes. Terras ruins para as plantações, pragas de gafanhotos e porcos selvagens, e um relevo quebrado, junto com uma miséria de fome e de doenças (tifo) fizeram voltar uma parte dos colonos para a Holanda. Os que persistiram, ficaram sabendo da notícia de que a “Brazil Railway Company” estava abrindo uma nova colônia perto de Castro e decidiram vender tudo e mudar-se para lá. Um dos líderes deles era a família Verschoor, que no dia 28 de março de 1911, migrou para Carambeí (KOOY, *op. cit.*, pp. 7-10).

Outros se juntaram a este núcleo de colonos ao longo dos trilhos, e com muito trabalho começaram estabelecer uma agricultura tipicamente holandesa em

---

6 Sobre a colonização alemã em Castro que se deu em 1933, encontramos: GUIMARÃES, Cláudio Jorge. **Colonização Alemã na Terra Nova**. Castro : Kugler, 1993.

base de uma produção mista integrada de grãos e leite. Em função disso formaram uma verdadeira potência econômica com sua Cooperativa Batavo oferecendo produtos lácteos para o Sul do Brasil e São Paulo. Assim, conseguiriam marcar um ponto de resistência da cultura holandesa num ambiente de fazendas da região, o qual se integrava cada vez mais na economia nacional através da integração econômica. Contudo, se preservaram as características culturais holandeses.

A formação de uma colônia holandesa Carambeí propiciou anos mais tarde a vinda segura e mais bem planejada de outros holandeses, esta vez para o atual distrito de Castro denominado Castrolanda. Estes vieram pela Sociedade Cooperativa para Emigração em Grupo da Holanda (Roterdã), com terras a serem pagas ao Banco Nacional de Créditos para Cooperativas do Brasil, estabelecendo a Cooperativa Castrolanda. Esse grupo já fazia reuniões quinzenalmente no hotel Homan na Holanda, antes da partida para o Brasil, mostrando um senso de organização e cooperação maior (KIERS-POT, 2001, pp. 18-21). Assim, se consolidou um espírito social entre os imigrantes que seguiu, como um arquétipo da socialização, a disponibilidade de “individualização coletiva” entre os imigrantes.

O relato de um membro da primeira leva que vinha no navio “Provence” esclarece a situação deste solipsismo étnico do grupo:

Segunda-feira à tarde saímos do Mar Mediterrâneo pelo Estreito de Gibraltar e entramos no Oceano Atlântico. Muito balanço e muito enjôo. Comprimidos nem sempre resolvem, mas ontem estávamos bem melhor, e agora ninguém sente mais nada. Amanhã, se Deus quiser, faremos escala em Dakar, na África; lá nossas cartas poderão ser colocadas no correio. Já está começando a fazer calor. Muita gente está tomando banho de sol no convés superior. Há ainda um outro convés mais fresco, que também está superlotado de gente de todo tipo de nacionalidade. Ninguém nos entende, e nós não entendemos quase ninguém (KIERS-POT, 2001, p. 23).

O chocante “ninguém nos entende, e nós não entendemos quase ninguém” demonstra o desenraizamento do grupo, sendo jogados em uma existência solitária neste momento da travessia. A chegada no Brasil se deu em 30 de novembro de 1951, então após os Imigrantes passarem pelo Rio de Janeiro e pegaram o trem rumo a Castro. Chegando na cidade, foram recepcionados pelos

líderes holandeses da Cooperativa Batavo, e fizeram um lanche no clube dos Alemães. Depois foram em vários carros para Castrolanda. Onde já as instalações prontas para recepcionar os novos imigrantes. As casas tinham sido construídas pela Cooperativa Castrolanda, inclusive os estábulos para o gado e os currais. Mas a área era tão grande que não tinham meios de visitar tudo a pé e, por isso, usaram um Jipe que veio da Holanda para as primeiras explorações na nova Colônia (KIERS-POT, 2001, pp. 27-30). A nova colônia era um ambiente desconhecido (inconsciente).

As experiências dos primeiros imigrantes de Castrolanda eram repassadas por cartas para a diretoria da Cooperativa de Emigração em Grupo para o Brasil, na Holanda. Essas cartas mostravam em detalhes a viagem e a fazenda (reproduzindo o choque com o novo), assim como alertava os futuros imigrantes com relação às condições dos terrenos a serem cultivados. E nessas cartas já percebemos os impactos culturais, e a resistência cultural, que é nosso objetivo. Vejamos um exemplo:

Aqui há uma roça de aproximadamente 8 hectares, onde o mato tem uma altura de um metro e meio. O terreno deve ser cultivado com urgência, mas não podemos fazer nada. Em 3 de dezembro fomos visitar Dr. Laro, que vai nos mandar um trator com implementos, mas ainda não estão aqui. Virão no início da próxima semana, disse. Bem, vamos aguardar. No Brasil não se sabe (*grifo nosso*) o que é pressa, exceto quando se anda (*grifo nosso*) de carro. Esperamos que não nos acostumemos a isto (*grifo nosso*), se não será necessário mandar vir o Sr. Salomons com a maior urgência (KIERS-POT, 2001, p. 37).<sup>7</sup>

Essa citação é um sinal do isolamento solipsista dos imigrantes, o qual se contorna com um canal de informações com a região de origem (trilha): a monumentalização da etnicidade holandesa na memória.

A antiga Fazenda de Capão Alto tinha sido o ponto de partida deste ponto de resistência da colônia. Tinha originalmente 70 mil hectares. A partir de 1880, depois da crise do tropeirismo, os lotes foram vendidos parceladamente para membros da elite castrense, enquanto o local onde está a sede da fazenda da colônia, essa parte foi vendida ao governo que por sua vez vendeu parcelado à

---

7 Filippo Fiorilho, em 13 de dezembro de 1951.

Cooperativa Castrolanda. “Na assembléia de 19 de maio foram distribuídos mapas dos terrenos do projeto Castro. Este mapa foi projetado pelo Sr. Leffers, da maneira mais precisa possível, com a distribuição dos lotes, variando em tamanho de 35 até 200 ha.” (KIERS-POT, 2001, p. 257)<sup>8</sup>.

Assim, se forma um mundo novo na antiga Fazenda de Capão Alto. As terras adquiridas eram destinadas à Cooperativa Castrolanda, e distribuídos em lotes. Em um deles, o de Groenwold, foi cogitado a construção do centro em um local estratégico entre a estrada de Curitiba (Abapã) e a Fazenda Capão Alto (KIERS-POT, 2001, p. 38). Cada lote era uma fatia da antiga fazenda, adquirida por empréstimo à Cooperativa Castrolanda, e usado para que cada um dos imigrantes criasse gado e vacas leiteiras. Os créditos se davam aos que possuíam vacas com pedigree completo. Era o bem mais valioso que estes imigrantes possuíam (KIERS-POT, 2001, pp. 42-3).

Um mapa mostra a localização e organização espacial da colônia, Trata-se de um croqui anexado ao relatório do Sr. Biesheuvel de 1949, como podemos ver abaixo:

---

8 O mapa original do Sr. Leffers de 1951, se encontra hoje no Moinho de Castrolanda, o memorial de 50 anos de imigração. O mapa está apagado, porém com esforço é possível se perceber as divisões dos lotes.

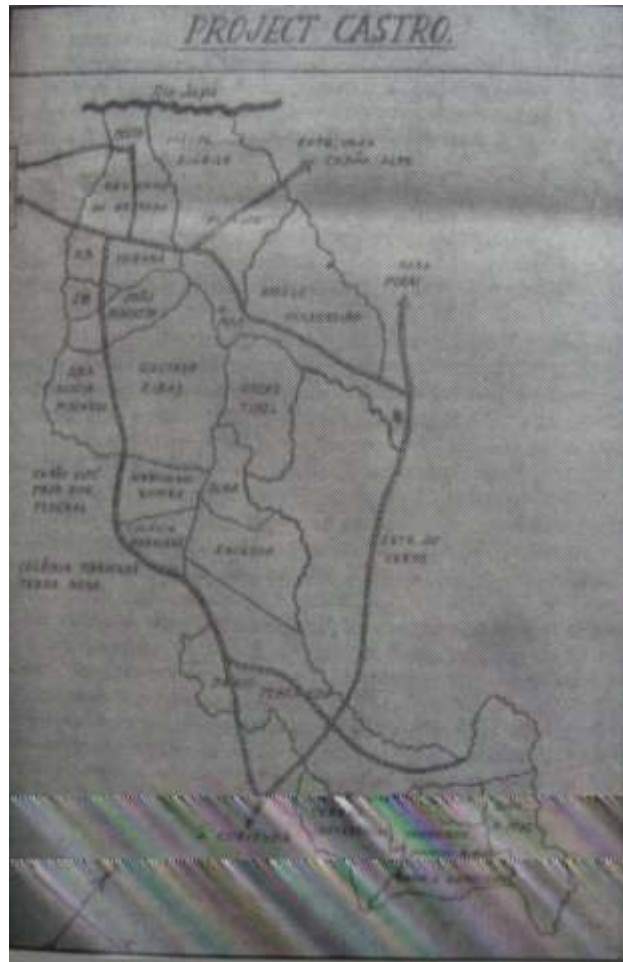


FIG. 13 – PROJECTO CASTRO

(Fonte: Jornal Pagina Um, Especial Castrolanda, 2001)

A Sociedade Cooperativa Castrolanda recebeu como doação essas terras para em troca: trazer 100 famílias da Holanda com tecnologia agrícola; a fornecer leite para Castro, Ponta Grossa e Curitiba e entidades estatais pelo preço mínimo do mercado; fornecer a preço de custo ao Estado do Paraná gado leiteiro de pura raça holandesa para fomentar à pecuária; a vender sementes pelo preço mínimo e a não alienar suas terras a terceiros fora do quadro de seus sócios (BUENO, *op. cit.*, pp. 105-6). Desta maneira, a criação de um ponto de resistência tinha o apoio do próprio governo, fortalecendo de um lado a integração e permeabilidade econômica, mas o isolamento cultural. Estes dois fatores, junto com as interligações de infra-estrutura, formam o rizoma dos imigrantes, onde diferentes fatores (sem hierarquia entre eles) se manifestam.



FIG. 14 – FUNDADORES DE CASTROLANDA EM 1949  
(Fonte: Museu dos Imigrantes de Castrolanda, 14 mar. 2009)

Com o tempo outras terras aos redores – inclusive muitas de descendentes de japoneses (veja 4.2.2) – foram sendo compradas pelos holandeses e hoje somam o total de 42 mil hectares destinados as atividades da Cooperativa Castrolanda, sendo que destes 36 mil hectares é para lavoura e 6 mil hectares é para pastos (BUENO, *op. cit.*, p. 112), fazendo essa integração uma expansão cultural.

Na leitura dos livros sobre Carambeí e Castrolanda, o que ficou mais evidente com relação ao *ponto de resistência cultural* foi a igreja, pois “a igreja era o centro absoluto da comunidade e indicativa para o padrão de vida da Colônia” (KOOY, *op. cit.*, p. 133). Em Castrolanda, antes mesmo da vinda dos primeiros imigrantes em 1951, já foi definido que uma igreja Reformada seria fundada. E, no

dia 25 de outubro de 1952 foi instituída a igreja, a qual era uma espécie de local de encontro para manter as relações, mas devido o crescimento populacional da comunidade a igreja ficou pequena. Portanto, os holandeses de Castrolanda tiveram que fundar outra igreja, e em 1963 foi construída uma nova igreja, para os 378 membros. Em 1967, o culto também era feito em português, e em 1988 o total de membros eram 495. Como a língua portuguesa passou a ser o principal elo entre os mais jovens (e não mais o holandês), houve a flexibilidade de um pastor brasileiro assumir as atividades da igreja. No entanto, ainda há sempre o culto em holandês (KIERS-POT, 2001, pp. 86-95). Esta transformação lingüística é de fundamental importância, porque os elementos monumentalizados da Holanda, tornaram-se esvaziados, mas ficaram na profundidade dos “arquétipos” do culto reformado.

A evolução de desenraizamento lingüístico (típico para qualquer comunidade migratória), observa-se também na trajetória escolar. No princípio, as poucas crianças de Castrolanda iam para Carambeí estudar, pois lá se ensinava em holandês (KOOY, *op. cit.*, p. 203). No entanto, com a chegada de novos imigrantes, a comunidade fundou em 1952 a Associação da Escola Primária Cristã de Castrolanda. Foram matriculados naquele ano 12 alunos. As diplomáticas ações com as autoridades brasileiras para a fundação da escola foram guiadas pelo pastor Muller, e a professora de Carambeí Teresa G. Seifarth foi convidada para lecionar no período em que os alunos de Carambeí estavam em férias. Portanto, entre 20 de dezembro e 20 de fevereiro, os alunos de Castrolanda estavam em aula para manter sua resistência cultural, mas também para evitar um choque cultural desenraizador demais, como em um ambiente maternal encontravam-se completamente no ambiente de língua holandesa. Porém, em 1953, a professora J. G. Boessenkool se efetivou como professora na escola de Castrolanda dando assim um funcionamento geral da língua holandesa para a escola. Em 1956, com um número crescente de alunos, já havia uma escola com quatro salas de aula e as aulas eram em holandês. Porém, algum tempo depois tiveram meio período em holandês e meio em português. Em 1984, finalmente, Castrolanda ganhou uma escola estadual, onde apenas 53% dos alunos são de

descendência holandesa, porém na antiga escola para estes ainda é lecionado o idioma holandês. E em 1998, foi fundada a Escola Holandesa Prins Willem Alexander, o que alimenta as “tradições holandesas” entre as crianças (KIERS-POT, *op. cit.*, pp. 96-109). Assim as crianças, muitas delas já nascidas no Brasil, formam um complexo de Ego, que se fundamenta em duas línguas, que se constroem no seu mundo-mente numa forma complexa, com regiões de língua portuguesa (casa, igreja) e outras de língua holandesa. Entretanto, esta evolução fragmenta a vida dos colonos e de seus filhos, criando uma individuação cultural, assim não podemos fazer afirmações genéricas sobre a cultura holandesa. Precisamos buscar esquemas culturais mais fortes, e procurar os seus elementos de enraizamento.

Estes encontram-se, sem dúvidas, no maior ponto de resistência cultural de Castrolanda: a Igreja Evangélica Reformada (IER), como demonstram as pesquisas de Rickli:

De acordo com um dos pastores da colônia, o casamento é praticamente o único motivo de ingresso de novos membros adultos na IER de Castrolanda, o que se confirma por observações em campo. O número de membros transferidos de outra igreja por qualquer outro motivo, ou de convertidos à fé reformada que se tornam membros em Castrolanda, é desprezível, não chegando a dez pessoas, num universo de mais de 700 membros. Disso se depreende que há apenas dois rituais por meio dos quais alguém passa a integrar a IER de Castrolanda: o Batismo para os ali nascidos e o Casamento para aqueles que vêm de fora. Com exceção desses poucos casos de transferidos ou convertidos citados pelo pastor, não há quem frequente a igreja e que não tenha passado por algum destes rituais na própria IER. Se pensarmos agora que o Batismo e o Casamento só são concedidos a filhos ou cônjuges de professos, veremos que só passam a integrar a igreja indivíduos que se liguem por filiação, no caso do Batismo, ou por aliança, no caso do Casamento, a alguém que já tenha feito a sua Profissão de Fé. Essa afirmação nos leva a algumas conclusões importantes. Primeiramente, o papel fundamental, do ponto de vista da organização social, desempenhado pelo rito da Profissão de Fé. Sendo condição necessária para a realização dos dois únicos rituais de acesso à comunidade, ele define os seus limites externos. Uma segunda conclusão notável, que será desenvolvida adiante, é a importância capital que as relações de parentesco assumem na questão do pertencimento ao grupo (RICKLI, 2004).

Pode-se perceber desta maneira que a profissão da fé (a filosofia da vida) e as instituições que definem a infância e a relação entre homem e mulher



(amor/sexo) como instituição social, embutidos em imagens arquetípicas, ficam simbolizados no ambiente da Igreja em Castrolanda (quer dizer, a igreja transforma estas condições existenciais em imagens arquetípicas na sua própria linguagem). Por isso, a nosso ver, ela representa o núcleo principal da cultura holandesa, com seus cultos em holandês mantendo o idioma antigo como base cultural e pilar da linguagem. Mostra-se que as diferentes temporalidades da memória como essas de curta duração como no sistema econômica, essas de média duração como no ensino da escola e na sociabilidade cotidiana, e de longa duração como na igreja e nos ritos da vida (iniciação infantil e casamento/parentesco), são misturadas de forma rizomática na vida do migrante.

#### 4.2.2. Os Japoneses em Castro

Na visão de muitos, a cultura japonesa se desenvolveu numa forma peculiar (PERALVA, 1990, p. 11). Sua história é em grande parte influenciada pela posição insular, que em algumas épocas criou políticas de fechamento no arquipélago, mas em outras abriu o país para influências além-mar, principalmente de China e da Coreia.

A história do Japão pode ser entendida, de forma generalizada, por cinco períodos básicos. A primeira é definida por uma fase de reinados fragmentados nas 4 ilhas do Arquipélago, sob forte influência da China e da Coreia, que dura até o ano 710 d.C.. Na segunda se desenvolveu, em base da religião, uma consciência e atitude política como país independente, centrado no centro religioso e político da primeira capital (Nara) na ilha de Honshu, em 710. A terceira fase inicia-se no ano de 1603, quando os *samurai*, com Tokugawa como *shogun* (espécie de Imperador), assumem um regime feudal com um território bastante fragmentado, mas que estava fechado quase por completo. Na quarta fase, começando em 1868, observa-se a re-abertura das fronteiras com o mundo, principalmente com o mundo ocidental. E finalmente na quinta fase, o período pós-guerra, se inicia em 1945, quando ressurge o Japão das cinzas do final da Segunda Guerra Mundial e aparentemente se insere na cultura globalizada mundial de cunho norte-americano (HENSHALL, 2004). Com essa cronologia

entendemos que o Japão reflete, na sua evolução, forte reflexão da questão de fechamento e abertura, e suas interligações culturais adquirem uma curiosa mescla rizomática.

Na fase da reabertura do século XIX, o rompimento com o fechamento em 1868 causou situações traumáticas para a população no próprio país. Encontramos uma situação curiosa, onde o ambiente estranho migra para um país, parecendo uma inversão do processo migratório das pessoas. Mas nessa situação, com o avanço da integração global, existia também uma política de emigração oficial, onde japoneses formados num país fechado migraram para fora.

Nesta época, o café teve uma importância enorme no Brasil, incentivando o processo de imigração primeiro com a vinda de italianos, mas depois também de japoneses para São Paulo, e em seguida para o oeste e norte paranaense. Os primeiros trabalhadores imigrantes chegaram no dia 18 de junho de 1908, a bordo de um navio chamado Kasato Maru, homens, mulheres e crianças que vieram com o objetivo de buscar melhores condições de vida. O plano era enriquecer e voltar ao Japão, e assim não se viu uma necessidade em aculturar-se. Esta tentativa, entretanto, fracassou, e os japoneses tiveram que permanecer. Neste processo, o Paraná virou o segundo estado brasileiro em número de nipônicos<sup>9</sup>, formando colônias japonesas, como hoje nas cidades de Assaí e Uraí, mas também em Londrina e Maringá. Hoje, Londrina é considerada o centro nipônico do Paraná, porém a história nos revela que tudo começou por Curitiba (OGUIDO, 1988, pp. 1-3).

A sua grande diferença cultural com os brasileiros e outras etnias fez com que os japoneses sentissem a sua cultura mais desafiada pelo ambiente do que outros imigrantes. Isso fortaleceu entre eles tendências de solipsismo maior, como a cultura oriental japonesa se mostrou extremamente oposta aos hábitos no Brasil. Isto verificou-se na vida de cada imigrante no seu cotidiano e em qualquer contato cultural. Com um idioma completamente estranho, e condutas sociais peculiares<sup>10</sup>,

---

9 Em japonês a palavra “Japão” se pronuncia “Nihon” ou “Nippon”, eis o fato de “nipônico” se referir a “japonês”.

10 Sobre a cultura japonesa: BARROS, Benedicto Ferri de Barros. **Japão: a harmonia dos contrários**. São Paulo : Queiroz, 1988.

a inserção era mais do que difícil. Mas a auto-organização foi fortalecida por instituições, como a Federação das Associações Ultramarinas, fundada pelo governo do Japão, e a Sociedade Colonizadora Brasil (Bratac) organizado pelo Brasil, as quais ambos apoiaram a integração em termos organizacionais. Com este intuito a Bratac adquiriu, em 1928, fazendas como Bastos, Tietê e Aliança em São Paulo, e Três Barras em Assaí no Paraná para colonizar japoneses (OGUIDO, 1988, p. 34).

Além de iniciativas do Estado, existiriam também iniciativas particulares, como em 1924 quando Ryu Mizuno, um dos organizadores das imigrações de japoneses para o Brasil, fixa residência em Curitiba. Este promotor da migração tentou montar primeiro uma colônia perto de Vila Velha em Ponta Grossa, mas essa não foi bem sucedida, pois a maioria preferiu ir para São Paulo, onde as terras eram melhores, então voltou Mizuno para o Japão e a Segunda Guerra Mundial o deixou preso no país e sem dinheiro para voltar. Anos mais tarde chegou Kenkichi Shimomoto, presidente e fundador da Cooperativa Cotia, que conseguiu recursos para trazer novamente Mizuno ao Brasil, mas chegando aqui – já velho e doente – Mizuno morreu em 1951 e foi enterrado em São Paulo (OGUIDO, 1988, pp. 58-9).

Nessa época, a comunidade era, devido à Segunda Guerra Mundial e a derrota do Japão, mais fechada do que nunca. No livro “Corações Sujos” do jornalista Fernando Morais pode-se aprender como se estabeleceu até um discurso independente da situação mundial e da “realidade” política, formando uma outra Realidade social maior, quando muitos japoneses no Brasil não acreditaram na derrota do Japão, achando que se tratou apenas de propagandas e notícias inventadas pelos Estados Unidos. A disputa sobre os “fatos” rachou a comunidade nipônica de forma violenta, com inúmeros assassinatos na comunidade. Ao mesmo tempo surgiram conflitos com os brasileiros e esses japoneses, que pensavam serem eles os “vencedores” da guerra (MORAIS, 2007, pp. 239-247).

Por exemplo, em Tupã (SP), milhares de japoneses da cidade eram cercados em um “campo de concentração” para protegê-los do linchamento

movido pelos brasileiros depois de que 14 assassinos da Shindo Renmei, uma organização secreta dos nacionalistas japoneses, atacaram a cidade para matar outros japoneses da lista negra dos traidores da pátria (MORAIS, 2007, pp. 270-287).

Esse exemplo de guerrilha urbana provoca uma reflexão sobre a função da resistência cultural, e sua interligação íntima com o orgulho nacionalista. As experiências traumáticas tanto da derrota da Segunda Guerra Mundial, como o parcial fracasso da integração dos japoneses no Brasil, criaram uma subjetividade isolacionista entre muitos descendentes em função deste fechamento cultural, fato que se inscreveu também na alteração do cotidiano destes nipo-brasileiros. Evidencia-se nisso a forte atitude cultural autônoma. Esta também fica visível com os internados japoneses após a Segunda Guerra Mundial, na prisão da Ilha Anchieta, onde ficaram prisioneiros japoneses por ter participado no movimento Shindo Renmei:

Com o tempo, porém, a situação se acalmou. A presença dos japoneses mudou o cotidiano da Ilha Anchieta. Às seis da manhã, quando tocava o estridente apito-despertador, os detentos viravam-se em direção ao nascente e faziam o *Saikerei*, a reverência ao imperador, seguida de um minuto de silêncio em homenagem à memória dos mortos na guerra, e encerravam o ritual cantando, todos juntos, o *Kimigayo*, o hino nacional japonês. Só então caminhavam até o refeitório onde era servido o café da manhã. Salvo um ou outro excessivamente rebelde, nenhum japonês ficava preso em celas, ao contrário dos criminosos comuns, que passavam todo o dia trancafiados. O major diretor do presídio percebeu que os novos hóspedes da ilha tinham habilidades que poderiam ajudá-lo a melhorar as condições dos próprios presos. Em poucas semanas já havia hortas espalhadas por todo lado, criações de galinhas e de porcos e algumas equipes que se encarregavam de garantir peixes para as refeições. O que sobrava da produção era vendido no continente (MORAIS, 2007, pp. 299-300).

Com esta situação anterior, chegaram, a partir de 1958, outros japoneses para formar a Cooperativa Agrícola Cotia. Essa cooperativa crescia primeiramente em terras curitibanas, organizando vários tipos de grupos culturais e econômicos, e penetrando também as instituições públicas e a política (OGUIDO, 1988, pp. 59-62). De Curitiba, como paralelamente ainda de São Paulo, começaram japoneses a se espalhar pelo Paraná inteiro. Sempre, sua base inicial era voltada à

agricultura e depois se instalaram no comércio, na política e em empresas nas cidades do interior. Ao contrário da imigração antes da Segunda Guerra Mundial, eles não se aglomeravam mais em grupos compactos, mas se inseriam no espaço paranaense através de interligações funcionais como, por exemplo, as cooperativas. Logo, várias cidades do Paraná estavam com a presença de um maior número de imigrantes japoneses, e Castro não foi diferente. Lá, chegaram em 1958 japoneses de São Paulo para dedicar-se ao cultivo de trigo, soja, batata, cebola e gado. Tratou-se de um grupo de 32 imigrantes, sendo que apenas 8 decidiram ficar em Castro, e adquiriram 460 alqueires de terras para começarem suas plantações de batata. Essas terras foram compradas da Fazenda Volta Grande, de Dario Macedo, que possuía 1.500 alqueires, onde antigamente era a Fazenda Maracanã (ver FIG. 12). A compra se deu pela Cooperativa, e foram repartidas as terras entre os 8 japoneses, no ano de 1958. Como foi alta a produção, a Cooperativa Cotia instalou-se na cidade em 1961 (OGUIDO, 1988, p. 218). As terras adquiridas pela Cooperativa Cotia ficavam vizinhas às terras adquiridas pela Cooperativa Castrolanda, e em ambas as situações as terras necessitavam de calcário para o plantio devido a serem ácidas. Grandes empresas de minas de calcários perto da região se beneficiaram e cresceram juntas com os imigrantes. Com o crescimento em 1962, como já mencionado, foi instalado o primeiro silo dotado de secador para cereais. E os japoneses trouxeram novas tecnologias sendo os pioneiros no uso de aviões agrícolas (BUENO, *op. cit.*, pp. 106-108). Mostra-se que a integração econômica cria a situação de um enraizamento num complexo tecnológico, resultado de uma disposição organizacional dos imigrantes em apresentar tecnologias desconhecidas aos demais.

Entre 1959 e 1960 se estabelecem outros japoneses em Castro, comprando 416 alqueires de terras da Fazenda Capão Alto. Com o aumento de japoneses criou-se também um internato onde os filhos desses passavam a semana estudando. Este primeiro internato localizou-se no centro de Castro perto da atual Prefeitura Municipal, onde estava sendo alugado. Porém, em 1961, o então prefeito José Pedro Novaes Rosa cedeu um terreno aos japoneses para que

esses construíssem no prazo de um ano o novo internato. Nele, os filhos dos imigrantes japoneses tinham acesso a dormitórios, alimentação e educação baseados na cultura japonesa, inclusive o idioma<sup>11</sup>.

As atividades do Internato duraram até o início do século XXI, quando foi vendido para um colégio particular de Castro. Então a secretária e todas as atividades do internato passaram para a sede da ACEC (Associação Cultural e Esportiva de Castro). Essa associação tinha sido fundada no dia 12 de março de 1977, em um terreno comprado pelos associados da Cooperativa Cotia medindo 3 alqueires dentro do perímetro urbano de Castro.<sup>12</sup> Ela é o centro da colônia japonesa em Castro. Ali acontecem todos os encontros recreativos e culturais, assim como eventos políticos, portanto é o *ponto de resistência* cultural *par excellence* desses colonos, com efeitos semelhantes como no caso dos holandeses.

#### 4.3.3. A Organização Espacial de Japoneses e Holandeses em Castro

Vimos que a organização espacial da colônia de japoneses em Castro se deu de modo disperso, enquanto a Colônia Castrolanda apresenta uma configuração compacta, onde nos encontramos no mesmo local o centro cultural, a sede econômica da Cooperativa, a igreja e as casas. Os japoneses, entretanto, penetram o espaço urbano de Castro de forma fragmentada, e nele encontramos o centro cultural e a cooperativa em lugares distintos da cidade, como também as terras e as casas dos associados da Cooperativa Cotia são espalhadas entre Castro e Piraí do Sul.

Também a vivência cotidiana dos colonos holandeses baseia-se numa vizinhança corporal, apresentando maior concentração de atividades no mesmo espaço, o que permite aparentemente uma maior conservação cultural do grupo. A isso se junta ainda o fato de que os holandeses têm um distrito urbano, o qual os separa do meio urbano dos brasileiros fazendo com que o seu *ponto de resistência* seja aparentemente menos influenciado diretamente. Vimos, em

---

11 ASSOCIAÇÃO CULTURAL E ESPORTIVA DE CASTRO. **Comunidade nipo-brasileira de Castro e Piraí do Sul – PR**. Castro : Setur, 1999, p. 4.

12 Registro Geral de imóveis, Tabelionato, nº 1.214.

contrapartida, que na vivência dos japoneses o *ponto de resistência* está imerso na malha urbana da cidade geral, e é cercado por brasileiros, como demonstra o seguinte mapa:

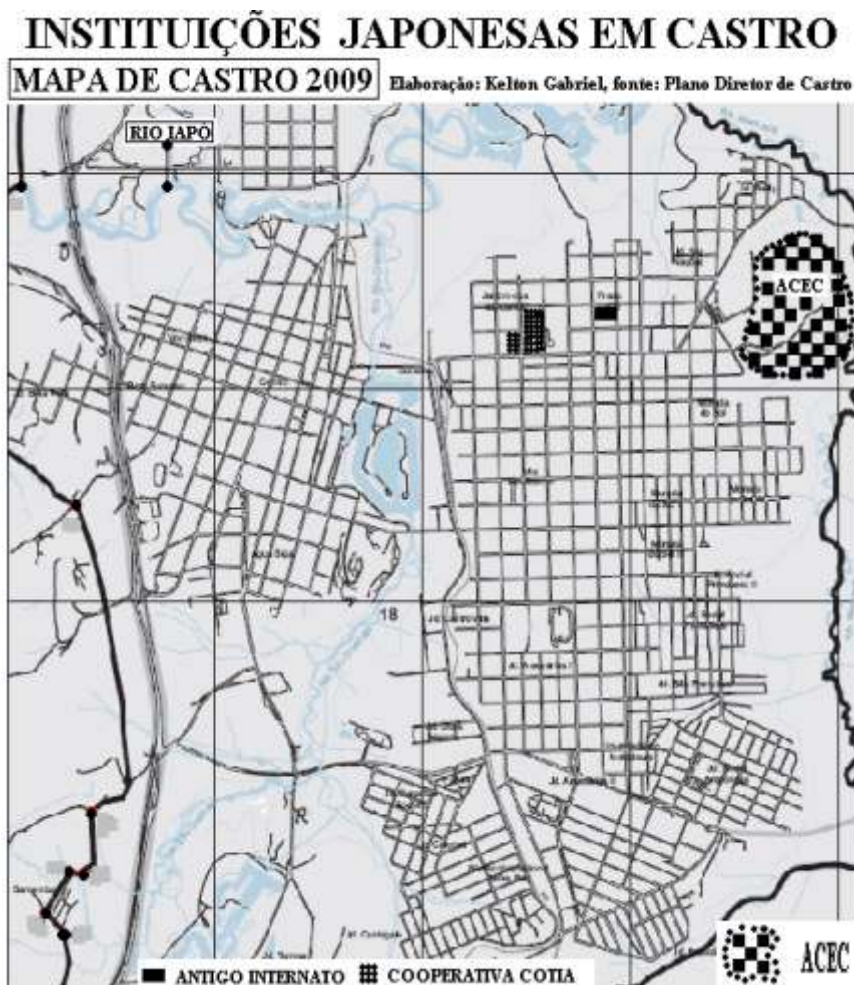


FIG. 15 – INSTITUIÇÕES JAPONESAS EM CASTRO

(Fonte: Plano Diretor de Castro, 2009; Organização: Kelton Gabriel 2009)

Diante desses fatos, o estudo tende em certos aspectos a entender se uma concentração/dispersão espacial no espaço urbano influi na resistência cultural da ZPC dos imigrantes, e de que forma isso se faz. Queremos avaliar, neste caso, quais são as perspectivas futuras para manter ou formar tradições, influenciados pelo privilégio geográfico de suas condições de vida.

A esta questão se junta também uma investigação dos elementos simbólicos. Símbolos são marcos da memória, os quais relembram os moradores

dos marcos profundos na sua psique (imagens arquetípicas), resultando da vivência dos imigrantes, como já tínhamos discutido em capítulo 2. Por isso é interessante observar dois marcos simbólicos das etnias em questão em Castro.

No ano de 2008, foram comemorados os 50 anos de imigração japonesa na cidade, como consta no marco comemorativo abaixo na figura:



FIG. 16 – MEMORIAL 50 ANOS IMIGRAÇÃO JAPONESA

Reparemos nessa figura as cerejeiras no fundo como símbolo do Japão, enquanto a pedra demonstra a eternidade e a-temporalidade da cultura, revelando sua característica como imagem arquetípica. Para os japoneses, o marco simboliza a consciência da colônia dos japoneses em Castro. A relevância de uma comemoração deste tipo pode ser revelada pelo alto grau de investimentos aplicados na comemoração, a qual prova que o evento era algo extremamente significativo para a comunidade, e serviu para garantir um grau maior de coesão para as subjetividades dos imigrantes e as relações entre os integrantes.



É noticiável que o marco dos japoneses está em um lugar particular de acesso controlado. Assim, os japoneses não expressam espacialmente o conceito de uma colônia, mas se revela que as subjetividades japonesas têm um caráter bem privado, não tanto no Brasil.

Por outro lado, os holandeses fixam espacialmente sua colônia num centro urbano com comércio local e estabelecimentos comunitários, o que caracteriza um povoado. Este espaço é aberto aos olhos e aos passeios do público, sendo que as vias do centro urbano de Castrolanda são públicas.

Também o memorial dos 50 anos dos Holandeses serve para chamar atenção não apenas para a comunidade, mas apresenta-se igualmente como um farol para outros brasileiros, como se vê na imagem abaixo. A resistência cultural está aqui desenvolvida em conjunto com o ambiente exterior, formando um outro tipo de subjetividade do que no caso dos japoneses:



FIG. 17 – MEMORIAL DOS 50 ANOS DE IMIGRAÇÃO HOLANDESA

Na comparação dos dois símbolos “arquetípicos” das comunidades encontramos os primeiros indícios para a diferenciação das subjetividades. Enquanto os holandês buscam um elemento extrovertido (até um elemento tecnológico que caracteriza a Holanda apenas a partir do século XV), os japoneses se referem de forma introvertida a elementos da natureza. Existem, já neste exemplo, e ainda de forma coletiva, diferentes estratégias para construir trilhas na consciência para projetar as subjetividades. Por isso, se precisa fazer um estudo do subjetivo dos integrantes de cada grupo para entender estes processos. Mostra-se aqui, que a resistência cultural, um fator individual de cada ZPC, muitas vezes está ligada aos compartimentos sociais, os quais se referem a estruturas arquitetônicas e muralhas territoriais espacializadas.

Mas apenas o intra-pessoal apresenta claramente os contornos dessa resistência cultural. Pois, os conteúdos herdados guardam aspectos traumáticos de uma cultura passada do imigrante, e assim se revelam defesas subjetivas culturais que muitas vezes são lidas *a priori* por outros (externos) como mera xenofobia. No entanto, visando questões mais essenciais do que o nacionalismo moderno, essas resistências culturais podem fazer parte de uma estruturação do indivíduo no seu subconsciente profundo.

## 5. ZONAS PESSOAIS COTIDIANAS DE CASTRO: 5 CASOS E SUAS INTERPRETAÇÕES

**RESUMO:** O que se segue é o capítulo onde apresentamos os estudos de casos e suas elaborações empíricas, que geraram por meio de pesquisa de campo os mapas da ZPC de 5 pessoas que consideravelmente se enquadravam dentro dos objetivos de análise desse trabalho. Em cada parte desse capítulo apresentamos um resumo direcionado de cada anexo de entrevista, para depois apresentarmos as interpretações dos dados de cada mapa da ZPC e suas comparações dentro do grupo e entre os grupos.

Conforme a nossa abordagem da Zona Pessoal Cotidiana, procuramos neste capítulo agora capturar alguns marcos importantes na vida de imigrantes e seus descendentes em Castro. Já avisamos anteriormente que a nossa abordagem ultrapassa uma visão dualista, onde fatores psicológicos e fatores materiais são vistos como duas dimensões separadas, e uma se explica pela outra. Aqui, tentamos captar a visão do mundo de forma solipsista, quer dizer que o mundo-mente de cada entrevistado se constrói na sua mente.

Restringimos a nossa pesquisa a casos, onde essa visão fica exageradamente clara, e portanto escolhemos casos, onde a função de isolamento cultural é desejada, onde processos de separação cultural superam processos de integração. Preferimos esta estratégia para compreender, de que forma se configura uma ZPC em seus elementos psico-materiais. Conseqüentemente, os casos escolhidos são apresentados com bastante detalhes na sua individualidade, mas não são expostos como representativos, semelhante ao modo como se pratica a Psicanálise.

Como já salientamos por questões de anonimato não iremos utilizar os nomes reais das pessoas envolvidas, pois nosso estudo não é sociológico nem mesmo histórico. Cada entrevista trata de um caso relacionado com holandeses e japoneses em Castro-PR. A escolha de cada entrevistado foi feita sob a tutela de que fossem imigrantes e tivessem vindo ao Brasil com no mínimo 10 anos de idade onde já passaram pela primeira e segunda infância da formação básica psicolingüística que caracteriza em alfabetização no país de origem. Isso é um

fator importante para a resistência cultural e a preservação da separação cultural. Foram escolhidos dois imigrantes de cada grupo, sendo desses um homem e uma mulher, com aproximadamente as mesmas características de idade atual e idade de imigração. Ainda, como ponto introdutório, apresentamos um caso muito específico, uma pessoa duplamente desenraizada, uma “gaijin”, que é de descendência alemã (terceira geração), que nasceu no Brasil, mas pelo convívio com japoneses apresenta uma ZPC bem particular.

Os resultados e os mapas desenvolvidos baseiam-se principalmente em conversas, onde os entrevistados tinham plena liberdade em se expor. As conversas que tivemos foram gravadas em áudio e serviram de suporte e fonte única de todas as informações que se seguem no anexo. Os textos foram transcritos do áudio para o texto sem alterações ou cortes. A única alteração segundo o *solipsismo epistemológico* foi a de fazer as palavras dos entrevistados as nossas, mudando o sujeito das sentenças em uma espécie de **acoplamento cognitivo**, que por si só montou a ZPC de cada imigrante. Sendo que toda vez que referimo-nos ao sujeito entrevistado estamos ao mesmo tempo falando “Eu” (nós) e “Ele(a)”, pois colocamos o sujeito em terceira pessoa sem retirar a ação original da primeira pessoa. Assim, não somos o centro do discurso e também não estaremos “fora” do mundo-mente de cada entrevistado.

Há toda uma conservação das estruturas e conjunções verbais do português que eles usam, exceto a nossa alteração do sujeito das frases (acoplamento cognitivo). Tivemos casos que a personalidade do entrevistado era extremamente objetiva, e por muitos momentos nos desviava do estudo claro de sua subjetividade. No entanto, dentro do solipsismo epistemológico não temos meios de distinção entre os discursos objetivos e subjetivos, desse modo o discurso objetivo sempre partia de um sujeito e por essa razão centralizadora foi possível montar sua ZPC solipsista.

Os mapas da ZPC são montados exatamente em base desse discurso, onde apenas representamos as “categorias de coisas” presentes em cada discurso. Por isso, os mapas representam, assim, a espacialização revelada apenas no discurso, prezando a exatidão de detalhes cotidianos e deixando de

“fora” tudo aquilo que não foi relatado pelo pesquisado, inclusive a omissão do desenho de quadras e ruas “objetivas”. Por outro lado, o que foi comentado sobre o seu dia-a-dia foi representado e legendado. A resistência cultural foi representada, depois da nossa análise, por uma linha “amarela” em todos os mapas. Trata-se de uma zona criada em momentos de atividade peculiares que estão vinculados diretamente ao país de origem, ou da própria personalidade. As horas de cada atividade foram representadas nos mapas dos discursos possíveis de se identificar, e os adendos configuram situações narradas onde a resistência cultural se acentua. Os detalhes geográficos em cada caso podem ser consultados com as informações do capítulo anterior, onde consta a cidade de Castro. A intensidade da “zona” em cada mapa varia conforme o espaço é valorizado no discurso de cada um. Quanto mais detalhes geográficos, maior é a representação e a intensidade da “zona” (consciência) em branco permitirá melhor visibilidade do espaço urbano e dos detalhes das quadras. A televisão sempre é representada quando estiver ligada em um canal estrangeiro dentro de uma linha de resistência cultural, e quando estiver ligada em canal brasileiro aparece apenas um sinal amarelo ou verde e amarelo sendo emitido da tela. As linhas de resistência cultural aparecem em momentos do uso da língua mátria de cada entrevistado, ou em momentos de atividades cotidianas ligadas à cultura de origem desses imigrantes.

### 5.1. A Apresentação dos 5 Casos

Começamos a nossa apresentação com um caso bem particular, mas que revela com bastante clareza, como se forma uma ZPC de forma solipsista. Trata-se de uma brasileira descendente de alemães que durante 10 anos estudou e morou no internato japonês de Castro no Paraná. O seu caso é muito interessante, pois nos possibilita uma visão de como era um verdadeiro “ponto de resistência cultural” nas décadas de 60 e 70. Sua vida nesse período permite uma análise de como funcionava um “território” estrangeiro dentro do Brasil, por ser ela a única brasileira no meio dos filhos de japoneses. Desta maneira, e como a cultura

japonesa é uma cultura com regras e limites sociais relativamente precisos, ela sofreu muitos tipos de preconceitos. Sempre vivia isoladamente, recebendo o apelido de “Gaijin”, o que significa em japonês “estrangeiro” (外人= *Gai* significa “fora”/ *jin* significa “pessoa”).

A visão de mundo dela pode definir exatamente o que significa o conceito de “ponto de resistência”, e na sua fala iremos analisar cada momento da experiência de um “ponto de resistência cultural”. O seu mundo-mente, é o significado das coisas psicológicas, quer dizer como as coisas foram vividas por essa pessoa no cotidiano, e como se constrói em base deste impressionante monólogo. O que nos traz ainda mais riqueza com esse caso é o fato dele já pertencer a um passado remoto, e com certeza as limitações dos relatos serão menores do que se fossem fatos do presente.

A conversa que tivemos com esta mulher foi no dia 20 de fevereiro de 2010, entre as 15:00 até as 19:30. A entrevista foi gravada e servirá de suporte e fonte única de todas as informações para formar o mapa da ZPC.

Depois tratamos de dois casos de holandeses que moram em Castrolanda, a colônia holandesa de Castro. O primeiro caso retrata o panorama solipsista da vida de uma imigrante de 69 anos, que será chamada nesse momento de Senhora X. Gentilmente ela concedeu uma conversa, no dia 29 de março de 2010 às 16:00 até as 18:30 em sua residência, nos explicando sobre sua vida cotidiana e sua história de vida.

O segundo estudo de caso holandês retrata a vida e as experiências de um imigrante que também tem 69 anos, que veio ao Brasil em 1951. Essa conversa ocorreu nas dependências do posto de combustível de Castrolanda no dia 06 de abril de 2010 às 16:00 até as 18:00. O presente pesquisado, que por anonimato será conhecido aqui como Senhor W, nos forneceu grande conhecimento sobre a Holanda e o processo político no Brasil.

Em seguida, apresentaremos dois casos de imigrantes japoneses. O primeiro estudo de caso trata de um imigrante japonês que mora na cidade de Castro. Este será conhecido de agora em diante como Senhor Senshu, o que significa em japonês – entre outros significados – “jogador”, pois sua ocupação

nessa fase da vida é jogar Park Golf. Park Golf é uma espécie de Golf japonês. A entrevista foi concedida em sua residência no dia 21 de abril de 2010, das 9:30 até as 11:40. Ele é praticante fervente deste esporte e já foi terceiro colocado no campeonato mundial realizado no Japão. Esse imigrante tem importantes contribuições para a comunidade japonesa em Castro. Por curiosidade, foi ele quem fez o marco dos 50 anos da imigração japonesa relatado no capítulo anterior, e plantou e cuida das cerejeiras da ACEC.

O último estudo de caso trata de uma imigrante que é professora de japonês em Castro. Essa será conhecida nesse trabalho como Senhora Sensei (professora). Com ela descobrimos que as atividades do antigo internato ainda hoje continuam em sua residência, onde leciona o idioma japonês. Ela também é responsável pelas aulas de Taiko, uma espécie de grupo musical com tambores. Além dessas atividades ela também participa de um grupo religioso budista, que influencia muitos brasileiros. A conversa ocorreu em sua residência do dia 27 de abril de 2010, no período das 9:00 até as 10:15.

Em seguida, resumiremos cada caso em específico, cujas entrevistas se encontram na íntegra nos anexos. Apontamos as suas características interpretativas de cada Zona Pessoal Cotidiana, para depois fazer uma comparação dos principais elementos.

## 5.2. O Caso da Gaijin: Uma Pessoa de Fora

A pessoa que nos denominamos Gaijin era filha de um descendente de alemães que moravam numa colônia perto de Castro, em vizinhança de um japonês que o pai da entrevistada prestava serviços. Não existia muito contato cultural entre eles, mas mesmo assim, Gaijin foi enviada em 1967 para o internato japonês, devido ao vínculo que seu pai tinha com os japoneses em seu trabalho. No Internato Japonês ela conheceu as rotinas rígidas da educação japonesa. Sentiu, o tempo todo, sua solidão, pela diferença cultural e o forte fechamento dos japoneses contra ela, que a tratavam como “estrangeira”. Mas neste internato entrou em contato tanto com as técnicas da educação e de estudos, mas também

com os costumes japoneses, assim que gradativamente, os seus próprios costumes foram sendo embutidos conforme vivenciados no ponto da resistência cultural japonês: Participou, assim, em atividades japonesas, como a ginástica matinal e a organização coletiva cotidiana com a distribuição dos afazeres.

A situação do isolamento dentro do internato, encontrava certo contraponto no caminho à escola, onde se lembra ainda de pontos de brasileiridade (natureza, sapataria etc.) que formavam seus elementos da paisagem cotidianos. Sempre ela era ignorada e separada do grupo social japonês. E sentia profundos ressentimentos por esse tratamento diferenciado.

*O trajeto do internato até a escola era todo de campo, não existia quase nada exceto o estádio do Caramuru. Não existia nada das construções da Cooperativa, que um dia fez parte da Cotia, mas a Cooperativa Cotia era lá do lado do morro do Cristo, o escritório e tudo. Todos vinham pelo meio de campo até próximo ao Caramuru. E gostavam de passar na ponte da rua Tiradentes, que tinha um muro e adoravam se equilibrar no muro, algo perigoso pois ao lado passava o rio. Às vezes quando não estavam acompanhados dos grande Gaijin passava com mais alguns pelos trilhos do trem passando pela ponte sobre o rio afluente do Iapó, onde lembra ter águas cristalinas.*

Chegando a escola ela se encontrava com brasileiros e se misturava com eles, enquanto na hora da recreação o grupo social de japoneses se isolava do restante dos alunos brincando apenas entre eles. A nossa entrevistada não participava na escola de nenhuma atividade com os japoneses devido a exclusão e o fechamento do grupo neste ambiente multi-cultural.

*Depois caminhavam em frente ao cinema, ao teatro e aos dois leões e entravam no portão lateral da escola Vicente Machado, e naquele tempo não existia merenda escolar, cada um tinha que trazer a própria merenda. Então na sala cada um sentava em seu lugar, e amigos não existiam muito mesmo em brasileiros. Essa escola era a única que existia em Castro nesse período para crianças em 1967. A primeira professora de Gaijin chamava-se Dolarinda. Ela estava no primeiro ano e era a última, e no recreio ela ficava perto dos japoneses, porém não conversava muito com eles, mas entre eles haviam conversas e os japoneses sempre eram muito unidos. Entre os brasileiros Gaijin não era discriminada, e era uma pessoa normal. Os alunos do internato sempre eram bem vistos, pois eram sempre os melhores alunos, e Gaijin acompanhava o ritmo de estudo e a média sempre era nove e dez. Na hora de entrar nas salas eles se misturavam, porém não eram muito de*



*conversar com os outros. Na hora da saída eles formavam o grupinho e os mais velhos do Vespasiano já estavam esperando os mais novos do Vicente, e o retorno de volta era o mesmo.*

Gaijin nos relata a geografia local que conhecia do Internato Japonês. Destaca apenas alguns detalhes dos locais que podia ter acesso, e outros como a sala dos professores e a parte dos meninos, ela relata apenas de modo generalizado. Essa geografia se formou basicamente por muitas rotinas. Essas eram rígidas no Internato, e Gaijin sempre tinha suas responsabilidades dentro delas. Nas atividades formais do Internato não haviam discriminações, e ela sempre participava de todas as atividades como se fosse uma japonesa, pois tudo era administrado pelo diretor geral e sua esposa, que por sua vez era responsável pela disciplina cotidiana das meninas do internato. Em todas as refeições no Refeitório haviam as tarefas destinadas a cada grupo, e sempre a alimentação era padrão. No período do jantar havia um momento para assistir televisão. Neste momento, o canal era brasileiro (e assim formou uma ligação para um outro ambiente cultural). Isso era uma atividade diária praticada por quase todos os alunos do internato. Já no quarto na hora de dormir novamente a nossa entrevistada se sentia discriminada sofrendo da rejeição do ambiente fechado social dos japoneses, pois a mais velha do grupo social, agora apenas meninas, contava histórias de terror, e todas se uniam arrastando as camas umas pertos das outras. Ela, entretanto, ficava isolada no centro a noite toda, onde se emocionava chorando todas as noites conforme nos relatou.

Por causa da situação “japonesa” no Internato, Gaijin era forçada a estudar o idioma japonês e ainda fazer as aulas de reforço para a escola. O idioma japonês no seu futuro a ajudou a arrumar um bom emprego no Banco Sul-Americano. Foi constatado que nossa entrevistada apreendeu o ritmo de estudo dos japoneses, que passavam as noites estudando no banheiro pois era a única lâmpada permitida para ficar acesa durante o período noturno. Esse ritmo fazia com que muitos dos japoneses passassem posteriormente entre os primeiros lugares no vestibular, inclusive Gaijin, a qual se beneficiou dessa maneira no

futuro depois de seu desligamento com o Internato, sendo aprovada com distinção como a melhor aluna do curso de Pedagogia.

Nos momentos de recreação no Internato, Gaijin sentia novamente uma zona de resistência cultural dos japoneses, pois sempre a ignoravam nas brincadeiras diárias do internato. Relatou que uma das japonesas disse: “Saí, filha de camarada”, depois que descobriu que o seu pai prestava serviços para o pai dela, que entre os japoneses eram conhecidos como “camaradas”.

*A aula de japonês era diferenciada segundo o nível de cada aluno. E Gaijin em certo momento sempre tinha a companhia de três alunos em todas as suas atividades, pois tinham a mesma idade e estavam no mesmo nível escolar. Depois da aula de japonês tinham atividades culturais, como dança, e bordados sempre ligados a cultura japonesa. Todo dia a atividade era diferente, e das cinco até as seis horas havia um tempo para brincar. E nesse momento que Gaijin era a empregada na brincadeira de casinha, com suas invenções.*

Todo sábado Gaijin voltava para a casa de seus pais, que era na fazenda, há 9 km de distância da cidade. Não haviam telefones na época, então passava os seis dias no Internato sem conversar com os pais. Ela se locomovia até a fazenda com o pai de seus colegas de internato, que eram seus vizinhos de fazenda. Passava o resto de sábado e todo o dia de domingo na fazenda, e depois retornava para a cidade onde dormia na casa de um padrinho, que na segunda de manhã a levava para o internato, pois a casa ficava apenas um quarteirão do internato.

### **A ZPC de Gaijin e sua Interpretação**

O mundo-mente acima descrito nos possibilita uma construção cartográfica e mostra como a ZPC solipsista da realidade vivida por Gaijin se constrói. Na perspectiva solipsista, o mundo torna-se um mundo-mente material e psicológico, e assim adquire um caráter relativamente restrito. A austeridade do internato e as suas rotinas durante 10 anos deixaram marcas profundas na ZPC de Gaijin. Por isso, encontramos um mundo extremamente restrito, com uma individuação forte, e fora de um contexto de relações sociais muito interativas.

# ZONA PESSOAL COTIDIANA DE GAIJIN

## ELEMENTOS DA PAISAGEM Categorias Identificadas

- coisas de chão
- máquina agrícola, cama, armários, mesas, bancas,
- fênix de lavar, cadeira, armário da cozinha, ôlho,
- coisas colocadas-carregadas
- malô, brinquedos, sineta, travessaro, capa, cobertas,
- livros, bacia, esponja, sabonete, caderno, xícara, faca,
- estogo de madeira, uniforme, copo de chá, jaqueta do pai,
- coisas guardadas
- roupas, buca, cabide, guarda-cho, mini, sapato, pijama,
- chônelo, caderno de contas, toalha, blusa, calça, Nemaki, Congo,
- coisas de visualização
- casa de riscos, interruptor, janela, mangalas, Sol, portas,
- vazal, prego do armário, azulejo, campos, mureta da ponte,
- rio, trilhos do trem, televisão, lâmpada, relógio da parede,
- coisas líquidas
- lagrimas, água quente,
- coisas sonoras
- sons de plomo, sons do sino, grito de Kazakimaru, li-dac,
- hino nacional
- coisas de paladar
- merenda, Gohan semi sal, salada, carne, batata, feijão, soja, chá,
- macaronada, Koro, água, pão caseiro, macarona, pão, café com leite,
- bolos, balas, banana, laranja, Miso, cebola,
- coisas animadas
- vizinhos, pai, mãe, puto, senpai, obaa-san

**QUARTO**

Limpeza	06:00h
Escolha de Roupa	12:00h
Chupado do Olen	20:00h
Ir ao banheiro	21:00h

**ESCOLA**

Entrada	07:20h
Recreio	09:00h
Saída	11:50h

**REFEITÓRIO**

Café da Manhã	06:45h
Almoço	12:10h
Café da Tarde	18:00h
Jantar	19:10h

**Casinha na Terra**

**BRINCADEIRA**

16:00h - 17:00h

● Gaijin

● Japoneses

● Brasileiros

Ponto de Consistência

Trilha Psicológica

Módulo de Ligação

Trajeto do Módulo

Zona Pessoal Cotidiana

Resistência Cultural

Compilado e desenvolvido no  
departamento de Geografia da  
UFPR, Elaboração Técnica:  
Kelton, Gabriel. Produção:  
Que Comunicação

0m 100m 200m 300m 400m

Assim, os **pontos de consistência** dessa existência são de grande influência. Eles se definem para Gaijin por três locais, o internato japonês, a escola e a fazenda dos pais.

No primeiro local, no Internato Japonês, encontramos 3 modalidades.

- a. No quarto do internato, a projeção representa os quatro momentos principais do dia neste local. Constatamos principalmente na hora de dormir uma forte resistência cultural, tanto dos japoneses contra a Gaijin, mas também de Gaijin na sua solidão contra a cultura japonesa. Isso é bem diferente das situações oficiais no internato, onde a individuação de Gaijin se perde nas rotinas comunitárias.
- b. No refeitório, temos a projeção dos momentos onde após as refeições os alunos se ajudavam a enxugar as louças, e pode-se reparar que a televisão está ligada no período noturno para quem tivesse vontade de assistir – sendo que era um elemento muito importante como interligação com o mundo (mas este apenas de forma virtual).
- c. A resistência cultural dos japoneses, se mostra mais forte nas horas de brincadeira de “casinha na terra”. Essa experiência foi de grande intensidade para Gaijin. Em todos os momentos dessa modalidade encontramos a resistência cultural dos japoneses, e percebemos que isso eram em momentos não formalizados.

Observamos que no segundo local, na escola, Gaijin tinha a chance em reunir-se com os brasileiros em situações formais e informais, através de uma semelhança cultural. Mas principalmente nas situações informais do recreio, isso era um momento de reunião dos japoneses que formavam desse modo uma resistência cultural contra ela e todos os outros alunos. Assim, mesmo num ambiente diferente do internato, continuou o mecanismo da exclusão, com toda sua carga psicológica para Gaijin.

No terceiro local, na Fazenda dos Pais (localizado no lado direito inferior do mapa, em distância de 9 km do centro de Castro), observamos os poucos momentos de uma integração mais ampla com o ambiente da fazenda. Entretanto, mesmo aqui se definiu uma espécie de separação cultural, pelo fato dos vizinhos

japoneses que estudavam no internato com ela não interagiam como crianças vizinhas, talvez devido a reprodução dessa resistência criada no Internato.

Essas situações de isolamento sofridos nos três *pontos de consistências* também se refletem nas **trilhas psicológicas** criando comportamentos e constelações psicológicas de exclusão. E isso se desenvolve principalmente entre a escola e o Internato. Aqui, o afastamento de Gaijin do grupo tem como consequência certa proximidade com elementos da paisagem, os quais são revelados no trajeto da ida, como a árvore de arazá, uma ponte ferroviária, a mureta da ponte viária, assim como o teatro e a sapataria, dando conforto na situação da solidão psicológica. Enquanto a ida ficava mais tensa, a volta ao Internato era mais descontraída, com menos resistência cultural acompanhada dos mais velhos do grupo do internato. Nesta situação um dos elementos destacado é o Estádio do Caramuru.

Além das trilhas psicológicas, os **módulos de ligação** têm certa influência no mundo-mente de Gaijin. Enquanto as ligações à pé representam uma interligação social e paisagística mais forte, o **módulo de ligação** “carro do vizinho”, que se dava no sábado de tarde, quando ela voltava para a Fazenda dos Pais de carona, não permitia a identificação de nenhum elemento da paisagem no trajeto (linha branca); também a volta com o “carro dos pais”, que se dava no domingo de noite quando voltava para a cidade de Castro e se hospedava na casa do padrinho, contém apenas um único elemento da paisagem registrado dentro da entrevista: a “jaqueta do pai”.

Vimos neste exemplo que a vida de Gaijin é definida por intensas situações de **resistência cultural**. Se, numa estimativa do tempo, fizermos uma porcentagem de tempo baseada nessa forma de existência sob as 24 horas do dia, percebemos que, em grandes partes do dia, Gaijin vivencia uma forte tensão cultural, quer dizer ela se encontra embutida em rotinas ou em situações de exclusão. Mais do que 50% do tempo do dia, sua imersão cultural se caracteriza

por um altíssimo nível de resistência cultural, o que forma um comportamento de extremo isolamento individual.

Isso, entretanto, nos permite captar com mais facilidade o seu isolamento. Principalmente a mais forte relevância de elementos da paisagem, como também das rotinas (estes em detrimento da interação igualitária social ou de uma imersão emocional de aceitação) podem ser interpretados sendo conseqüências dessa situação de individuação extrema.

### 5.3. O Caso da Senhora X: Relato Holandês

Ao contrário do relato acima, foram feitas 4 entrevistas com imigrantes. Entre os holandeses, fizemos uma entrevista com a Senhora X, a qual chegou no Brasil em 1953 com 12 anos de idade. Sua chegada foi de navio onde conheceu várias cidades portuárias do país antes de desembarcar em Santos (SP). Como os primeiros imigrantes holandeses tinham chegado em Castro já em 1951, ela encontrou em Castrolanda um núcleo urbano ainda não consolidado, mas que já estava em pleno funcionamento social. Recorda que na época existia apenas a construção antiga da cooperativa. Essa era durante a semana a escola, enquanto outra parte era o escritório da cooperativa, sendo que nos domingos todo o espaço era usado como igreja. Essa integração do espaço coletivo dos holandeses representa a forte integração interna entre eles.

Desde a infância, a senhora X já vivia no meio de holandeses de modo isolado, conversando apenas em holandês sendo que o idioma português foi apreendido aos poucos.

Seu primeiro casamento foi com um homem culturalmente “misturado”, de mãe holandesa e de pai alemão. Houve uma convivência com ele até seu falecimento. Mas culturalmente, ela vivia completamente num ambiente holandês fora da Holanda. Casou-se novamente depois do falecimento do marido, sendo esse atual marido holandês imigrante também.

A interação idiomática com os brasileiros sempre foi pouca desde sua chegada ao Brasil. Sendo que ela pratica a leitura principalmente em holandês, pois no idioma português ela lê pouco, apenas o básico. Em contrapartida, o

idioma português é mais usado e aprendido com a televisão. Como essa não existia no início da estadia (foi comprada apenas na copa do Mundo de 70), a integração lingüística começou verdadeiramente apenas com a televisão que ajudou muito para o idioma português. Porém, até hoje, a senhora gosta mais de ler do que assistir televisão, e por isso há uma soberania cotidiana no uso do idioma holandês. Desta maneira a vivência existencial se define pelo holandês.

No dia-a-dia, a senhora X conversa em casa apenas em holandês com seu marido, porém no seu trabalho, o qual é em uma oficina de costura, existem aprendizes brasileiras, assim necessita usar o pouco do português que conhece. No entanto, quando precisa explicar alguma coisa mais complexa usa o holandês utilizando outra colega de trabalho que compreende melhor o português, como tradutora de assuntos mais detalhados, assim consegue transmitir suas informações para as brasileiras. Relata que muitos dos brasileiros que trabalham com eles têm pouca escolaridade, e também usam apenas um português básico o que facilita a comunicação.

Atualmente, a senhora X mora no centro urbano de Castrolanda, porém não foi sempre assim. Boa parte do tempo desde sua vinda ao Brasil morava em área rural, o que a isolou ainda mais dos contatos com os brasileiros, e isso se exprime também na organização da casa:

*A casa da Senhora X é composta quase completamente por objetos da Holanda. A mesa central da sala eram dos pais dela, e foi comprada em 1929, na Holanda quando eles casaram. Quando os pais dela faleceram quase todos os móveis ficaram com a Senhora X. Existe esse conjunto típico que é para café que é da Holanda. Na época era muito fácil, não tinha arquiteto, a casa foi feita em um esboço e alguém vinha e fazia. Ela estava com 4 filhos e tinha ficado viúva e os pais dela moravam ali do lado, então para não deixar todos sozinhos ela vendeu as vacas e a fazenda para comprar esse terreno e terminar essa casa, que era uma casa pequena e foi aumentada em duas vezes, no centro de Castrolanda, e a arquitetura holandesa não tem muita influencia nessa casa, porque ela foi aumentada aos poucos então ficava do jeito que dava.*

Desta maneira, sua vida cotidiana em casa é marcada por afazeres domésticos bem definidos, em grande parte originado da Holanda. Na cozinha prepara todos os dias as refeições para o marido, sendo que a distância de sua

casa até a oficina de costura é curta. Na hora do lanche da manhã (9h) ela vai até a casa onde seu marido já a espera para preparar o café. E então retorna para o trabalho depois de deixar pré-estabelecida a refeição do almoço que acontece ao meio-dia com a presença do marido. E nessas refeições solitárias com o marido são executadas cerimônias religiosas, como ler um trecho da bíblia antes da refeição, e tudo isso em holandês.

Na Sala de Estar, depois do trabalho o casal assiste televisão que sempre está ligada em canal brasileiro. Porém, ela não assiste com o marido, mas prefere ficar lendo livros em holandês. Há uma costumeira recreação: trata-se de um jogo de cartas que ela joga com o marido depois do café da noite. Aqui, novamente, o idioma e os costumes holandeses imperam sendo um contra-ponto ao noticiário em português da televisão ligada.

Em casa ela também recebe a família. Toda a sua relação com os filhos é em idioma holandês, porém os filhos, já adultos e casados, usam mais o idioma português em seus afazeres diários. A relação com os netos é transitiva, pois alguns compreendem relativamente bem o idioma holandês, pois estudaram ou estudam na escola, e também o praticam escassamente com os pais em casas. A relação com os bisnetos é completamente em português, pois esses nada sabem do idioma holandês.

*Todos os filhos falam holandês de casa e português da escola. Entre os netos dela apenas uma menina fala bem holandês o resto não fala mais. Tem uma bisneta que fala para a outra “não entendo aquele inglês que a Oma fala”, se referindo ao holandês. As casas dos filhos dela têm bastante objetos da Holanda porque eles viajam muito hoje em dia e tem contatos com a Holanda. Não muito, mas a filha que mora lá trás as coisas de lá, se ela sabe que alguém gosta ela trás. A Senhora X diz que não são como os brasileiros, mas também não são mais como os holandeses lá da Holanda.*

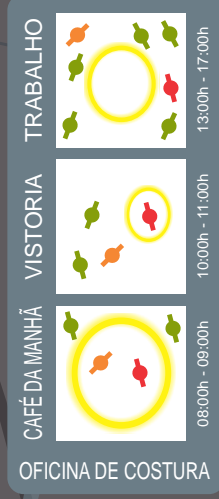
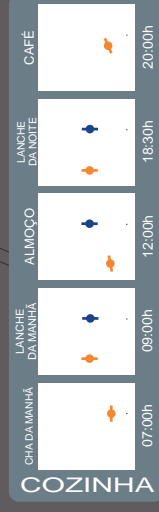
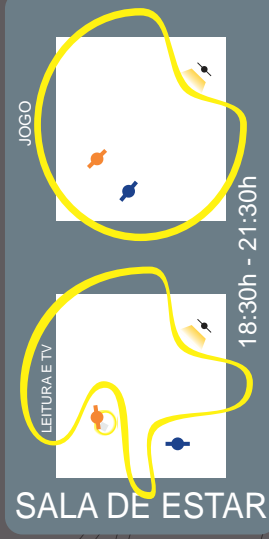
Um relato interessante é quando explicou que um holandês disse ao seu marido na Holanda, que ele não parecia ter vindo do Brasil, e sim do norte da Holanda, pois o sotaque ainda permanece com ele durante todos esses anos no Brasil, devido ao uso cotidiano do idioma.



# ZONA PESSOAL COTIDIANA DA SENHORA X

## ELEMENTOS DA PAISAGEM Categorias Identificadas

- coisas de chão  
verduras, cama, mesa central.
- coisas colocadas-carregadas  
livros, televisão, objetos decorativos da Holanda, conjunto típico de café, Bíblia, louça, computador, roupas, jogo.
- coisas de visualização  
cooperativa, escola, igreja, escritório, leiteria, casa dos pais, biblioteca, moinho, oficina de costura, casa.
- coisas líquidas  
chá com leite.
- coisas sonoras  
aula em português, leitura bíblica nas refeições, "Inglês que a Oma fala", sotaque do norte da Holanda.
- coisas de paladar  
pão, feijão, arroz, salada, carne, batata, fruto, legume.
- coisas animadas  
professora de 17 anos, o guia tradutor, vacas, pai, 1º marido, marido atual, aprendizes de costura, senhoras do estudo bíblico, amiga imigrante da oficina de costura, mãe, filhos, netos, bisnetos.



Casa

Igreja

- Senhora X
- Marido
- Familiares
- Colega Holandesa
- Brasileiros

**Ponto de Consistência**

**Trilha Psicológica**

**Módulo de Ligação**

**Trajeto do Módulo**

**Zona Pessoal Cotidiana**

**Resistência Cultural**

Compilado e desenvolvido no departamento de Geografia da UFPR. Elaboração Técnica: Ketlen Gabriel. Produção: Opa Comunicação, abril, 2010.

0m 50m 100m 150m 200m

Todo final de semana, a Senhora X vai para a Igreja reformada de Castrolanda e assiste os cultos, de preferência os que são em holandês. E esse é um hábito semanal agregado a sua vida cotidiana.

A entrevistada tem muitos pequenos afazeres que não são identificados como cotidianos, pois são esporádicos, como ir ao mercado da cidade de Castro, ao invés do de Castrolanda, ou ir para a casa dos filhos, pescar ou passear.

### **A ZPC da Senhora X e sua interpretação**

O mundo-mente acima descrito é bem diferente do nosso primeiro caso. A individuação da Senhora X se integra à atual perspectiva de vida cotidiana dos primeiros holandeses de Castrolanda. Nessa comunidade, muitos com idade já avançada, e até aposentados, convivem com pequenos afazeres ocupacionais num estado de isolamento no mundo e na relação social que sempre lhe foi mais forte, ou seja, com os próprios imigrantes. Podemos constatar em sua ZPC os seguintes aspectos:

Os **pontos de consistência** se distribuem na casa, no local de trabalho e na Igreja. No primeiro local, na casa, podemos ver 3 modalidades:

- a. Na cozinha, nossa entrevistada pratica os afazeres cotidianos onde a culinária, feijão e arroz brasileiro, se mistura com o hábito de comer uma fruta e um iogurte logo na sequência ou durante as principais refeições. Aqui ela prepara também pratos típicos da Holanda (detalhes no anexo). Desta maneira, a cozinha mostra-se como um lugar de transição cultural.
- b. Na Sala de Estar, normalmente no período noturno ela lê em idioma holandês e conversa com o marido em holandês, porém interage de modo indireto com a disposição de conteúdos televisivos brasileiros. Este lugar aparece, por causa da leitura e conversa, com um elemento, no qual se fortalece a ligação com a Holanda.
- c. A Família lhe visita de modo constante, e assim se pratica o idioma holandês com integração social com os filhos e

alguns netos. Nesta situação, ela precisa usar o seu pouco português com todos os bisnetos.

No segundo local, na oficina de costura, a Senhora X vivencia a companhia de colegas que falam também holandês, porém há uma maior interação com os brasileiros, sejam os funcionários aprendizes ou os próprios clientes que eventualmente aparecem da cidade de Castro. Podemos dizer que aqui domina também uma situação de transição cultural.

O terceiro lugar como principal centro social de resistência cultural de Castrolanda, entre os holandeses, aparece a Igreja reformada que fornece a interação semanal com outros imigrantes. Aqui, os cultos em holandês propiciam uma maior imersão cultural. E esse ponto de resistência influencia também a vida de nossa entrevistada.

Mostra-se, neste exemplo, que as trilhas psicológicas são menos pesadas, porque as limitações culturais são menos duras e rígidas do que no nosso primeiro exemplo. Assim, também as **trilhas psicológicas** ganham uma característica diferente. Assim, a ida de sua casa à Oficina de Costura, a qual é um trajeto curto, não teve elementos da paisagem identificados no discurso. Porém, podemos sugerir que seja uma caminhada sobre um local que ela ajudou a constituir, e é feita com um sentimento de pertencimento e integração muito forte. Na volta à Casa, pode se constatar que essa se define por uma tarefa rotineira a ser executada (refeições com o marido), por mais que não tenha se constatado isso no discurso solipsista. Desta maneira, é uma locomoção um pouco menos interativa com o espaço e com os elementos da paisagem, devido ao pensamento de cumprir uma tarefa e evitar o atraso na vida cotidiana do marido e a sua retomada nos afazeres da Oficina de Costura.

Devido ao pequeno espaço da comunidade (pedestre) de Castrolanda, o módulo de ligação, o carro do casal é pouco usado, apenas para se deslocar para a igreja. Não é um hábito constante, apenas em dias de atraso ou chuva. Porém, o carro também é usado para afazeres esporádicos como pescaria e compras na

cidade de Castro. Não foi constatado nenhum elemento da paisagem intra-módulo no discurso captado.

Mostra-se que neste caso o **nível de resistência cultural** parece mais baixo, pois muitas situações existem acontecimentos paralelos, com a televisão brasileira, uma mistura das comidas típicas, visitas de familiares que falam em holandês e português, um lugar de trabalho bilíngüe etc., mas mostra-se que a preservação do “mundo-mente” holandês para a senhora X é de fundamental importância. Mantenham-se, por causa disso, todos os pontos de consistência nessa cultura, apesar do contato cultural com a cultura brasileira. Podemos dizer, neste caso também, que a resistência cultural é menos segmentaria, mas consiste da mesma energia psicológica como no primeiro caso. Precisamos dizer, contudo, que este elemento se intensifica muito através do conjunto social holandês do local.

#### 5.4. O Caso do Senhor W: Relato Holandês

Além da senhora X, foi entrevistado outro membro da comunidade holandesa de Castrolanda, o senhor W. Quando este chegou ao Brasil em 1951, com 10 anos de idade, a mudança foi muito impactante para sua subjetividade. Primeiramente por causa da imensidão espacial do Brasil, que ele sentiu por causa do trabalho na agricultura. A agricultura era ainda forte no seu país de origem na época. Quando saiu da Holanda, cerca de 30% da população eram ainda agricultores, hoje, são menos de 1% que vivem da agricultura.

O Senhor W chegou ao Brasil junto com o grupo dos primeiros imigrantes de Castrolanda, e assim assistiu o início das primeiras adaptações na nova terra. Ele começou, junto com o pai, sua carreira profissional com a produção de leite que só terminou em 1969 quando Senhor W parou de trabalhar. As vacas holandesas do pai eram trazidas da Holanda e ficavam em quarentena em Santos (SP) para se adaptar ao novo clima. Nesta fase, muitas vacas morriam, lembrou o Senhor W. A leiteria era o ramo que exerceu junto com o seu pai, que trabalhava com a agricultura também.

Nosso entrevistado salienta que quando chegou ao Brasil, tudo foi multiplicado por quadro, desde a quantidade de terra até o trabalho:

*No Brasil tudo ficou 1 por 4, desde do tamanho das terras até o número de gado, tudo multiplicou por 4. Hoje em dia agricultura necessita de muita terra, com 30 a 40 hectares não sobrevive mais, mesmo na Holanda. Senhor W visitou em 1988 uma região da Holanda, onde antes seus pais tinham 30 hectares, e descobriu que apenas um único empreiteiro explorava 480 hectares com pequenos propriedades. Hoje se comprar uma máquina tem que fazer 1000 a 2000 hectares senão não sustenta o sistema. Essas máquinas verdinhas e vermelhinhas que se vê por aí, cada uma tem que fazer de 700 a 1500 hectares para se custear. O filho do Senhor W tem uma e tem que fazer de 500 em 500 hectares para manter o sistema.*

Ele aprendeu o português no dia-a-dia, porque havia o futebol e tinha que aprender pra xingar os outros em português, durante o jogo. Desde a infância jogavam com os brasileiros. Isso mostra que os meninos tinham muito mais liberdade com a exploração do novo mundo do que as meninas, que focaram mais nos espaços restritos da casa.

Mas a convivência no esporte foi quase o único elemento de integração com os brasileiros, porque o estudo para nenhum praticamente ajudou. Ele estava fazendo o quarto ano ainda na Holanda, e quando chegou aqui, começou no primeiro ano no Brasil com as aulas em português. Assim, não entendia nada. Brigava muito com os professores. Mas de outro lado, a qualidade da educação holandesa ajudou, quando a língua não era essencial. Assim, por exemplo, quando uma professora colocava números no quadro, as respostas deles muitas vezes já estavam prontas, porque para ele número era número, e as contas eram conhecidas. Na Holanda, no quarto ano, não eram feitos contas no papel, mas tudo na cabeça.

Ainda hoje, o idioma holandês domina na vida do Senhor W. Ele o utiliza em todos os dias, tanto em casa como no trabalho. Mas no trabalho, a situação é mais mista, como interage no atual ofício com muitas pessoas viajantes, entre eles holandeses, brasileiros, alemães, etc.. A situação lingüística é complexa neste ambiente de trabalho. Há predominância do holandês, no seu mundo-mente, mas no dia-a-dia percebe-se quando atende o telefone, que por hábito adquirido, já

consegue identificar se irá falar em holandês ou português na conversa: apenas o “alô” do outro lado da linha já lhe diz qual a língua que será melhor usar. Essa situação já é diferente no caso dos mais novos, que aprenderam indo pra escola e por isso tem mais facilidade em falar o português. Os que são mais velhos, como ele praticamente só falam holandês, porque não tiveram oportunidade para aprender o português de forma oficial. Por isso, para fazer um diálogo, a tendência sempre é usar o idioma materno. A sua mãe ainda tem um mundo-mente mais restrito, porque aprendeu o português apenas para conseguir fazer as compras.

Nosso entrevistado casou com uma holandesa, como no caso anterior, e os filhos não aprenderam muito bem o holandês porque passavam mais tempo nas escolas do que em casa. Porém, conseguem se comunicar em holandês, como, por exemplo, um dos filhos, que quando ficou durante seis meses na Holanda teve que sobreviver com o pouco holandês que adquiriu.

Além dessa situação lingüística mista em casa, o aspecto multilingüístico é forte em Castrolanda. Assim, senhor W comenta que, ao redor de Castrolanda, existem também colônias de alemães que exigiam dos filhos falarem apenas em alemão. Por causa disso, no comércio dos alemães para pedir explicação para um cliente, o filho tinha que falar em alemão como o pai, que não respondia se fosse em português. Essa imposição lingüística, forte entre os alemães da época, não existe tão fortemente em Castrolanda. Os alemães são mais conservadores, eles tiveram escolas em português desde 1920, mas muitos não conseguiam vir até Castrolanda e negociar em português porque em casa não se podia praticar o português e só na escola não era possível aprender o idioma.

Senhor W, como a Senhora X, tem o hábito de ler e diz que lê em holandês no mínimo três vezes mais rápido do que em português. Também, na televisão assiste na maioria canais da Holanda, e acompanha os canais do Brasil apenas para noticiários, enquanto janta com sua esposa. Gosta de passar as noites com palavra-cruzadas em holandês, porque para eles são muito instrutivas. Gosta também de palavra-cruzadas em português, mais do que assistir novela em português. Desta forma, suas interações lingüísticas são mais amplas do que no caso da Senhora X.

Também na culinária, para o Senhor W persistem as tradições holandesas. Pois o modo de fazer a alimentação é sempre ao estilo holandês e sempre existem pratos holandeses nas refeições, principalmente com batatas. Ele compartilha as refeições com a esposa, sempre se comunicando em holandês. Antes e depois da refeição, ambos lêem trechos da bíblia em holandês.

*Almoça em casa com sua esposa, ultimamente está apenas em família, mas antes quando trabalhava na cooperativa não tinha tempo e almoçava em restaurantes, mas hoje é apenas ele e sua esposa e não deixa ela sozinha almoçando. Praticam alguns costumes, começam cada refeição com uma oração, que é um costume que veio da Holanda, mas que é mais da religião, todo presbiteriano e luteranos tem esse costume que são muito próximos, todas as refeições no início e no final se faz uma leitura da bíblia ou de algum livro diário baseados em textos bíblicos, para manter os filhos também acostumados com as idéias e orientar a pessoa em suas definições. Os filhos são todos casados e participavam em holandês e hoje só falam em holandês em casa, mas às vezes tem a empregada e falam português, a esposa fala bem o português, mas quando tem algum texto complicado ela não consegue, ela quando lê prefere em holandês. Lêem revistas em português e holandês. A filha lê muito em português e lê às vezes em holandês. Ela estudou curso superior em Curitiba, assim como os outros filhos.*

Todos os finais de semana, Senhor W vai para a Igreja Reformada e assiste o culto em holandês. Como sua casa é um pouco afastada do centro de Castrolanda (no perímetro urbano), utiliza o carro para seu trabalho e para ir para a igreja.

### **A ZPC do Senhor W e sua interpretação**

O caso do Senhor W apresentou maiores dificuldades para espacializar as informações cotidianas, pois todos eram de uma natureza muito objetiva e racionalizada, assim que se perdeu um pouco o componente mental na construção deste mapa. No entanto, foi possível identificar algumas categorias de coisas e estruturar a sua zona pessoal cotidiana.

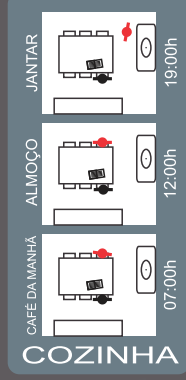
Como no caso da senhora X, identificam-se 3 **pontos de consistência**, o posto de combustível, a casa e a Igreja, mas o Senhor W dá mais importância para o local de trabalho do que a Senhora X. Assim, o primeiro local depende de

# ZONA PESSOAL COTIDIANA DO SENHOR W

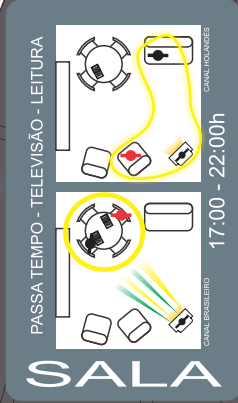
## ELEMENTOS DA PAISAGEM Categorias Identificadas

- coisas de chão**  
hectares de batata, sofá, cama, conjuntos de mesas, lareira,
- coisas colocadas-carregadas**  
telefone, livros, TV, bíblia, livro diário de textos bíblicos, revistas,
- coisas guardadas**  
Gado, carvão,
- coisas de visualização**  
neve de outubro, New Holand, complexo financeiro, Lewin, Massey Ferguson, quadro, canais holandeses, testes de palavras, Batavo, Arapoti, colônias holandesas, posto de combustível, casas estilo holandês, pousada, moinho, vidro duplo, paredes duplas, governo da Holanda,
- coisas líquidas**  
Leite litros/ola,
- coisas voadoras**  
gás carbônico, ar quente,
- coisas sonoras**  
aulas em português, "aiô" com solaque, oração nas refeições,
- coisas de paladar**  
arroz apimentado, batata, feijão,
- coisas de olfato**  
gás tóxico,
- coisas animadas**  
Gado, empregado, professora, mãe, filhos, esposa, 50 famílias, família na Holanda, néas, sobrinha, empregada,

- Senhor W
- Esposa
- Holandeses
- Brasileiros

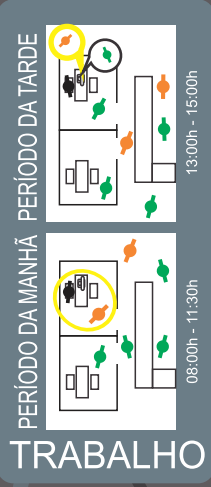


Casa



Igreja

Posto



Ponto de Consistência

Trilha Psicológica

Módulo de Ligação

Trajeto do Módulo

Zona Pessoal Cotidiana

Resistência Cultural



Compilado e desenvolvido no  
departamento de Geografia da  
UFPR. Elaboração Técnica:  
Kelton Gabriel, Produção:  
Opa Comunicação, mar. 2010.



uma convivência social mais aberta, apresentando uma multiculturalidade que implicada em relações com alemães, holandeses e brasileiros. Há uma tendência de fechamento cultural nas comunicações com outros imigrantes holandeses, mas estes competem no cotidiano com um grande número de brasileiros.

No segundo local, na casa, diferenciamos duas modalidades, a sala e a cozinha (ele não relata o quarto de dormir, por isso, esta seção da casa não faz parte da ZPC).

- a. Na sala, o Senhor W compartilha com sua esposa momentos de imersão cultural relativa sendo que está muito aberto aos negócios e notícias televisivas brasileiras. Porém, o uso do idioma holandês tanto falado como em leituras e jogos é mais freqüente do que o idioma português.
- b. Na cozinha, conforme captado no discurso, a alimentação e o modo de preparo estão ainda persistindo conforme os costumes holandeses, e principalmente o momento da oração antes e após as refeições faz com que aja uma resistência cultural nítida.

Diante dessa observação, o terceiro lugar, a Igreja, demonstra seu papel fundamental, como principal centro social da resistência cultural de Castrolanda. A igreja fornece a interação semanal com outros imigrantes, e os cultos em holandês propiciam uma maior imersão na cultura de origem. Ela representa assim, uma experiência muito mais conservadora culturalmente do que a integração do trabalho.

A maior flexibilidade de movimentação, mas a falta de rotinas de deslocamento fora do carro, não permite a identificação de **trilhas psicológicas** de experiência corporal. Encontramos apenas um pequeno relato sobre uma caminhada até as dependências empresariais na frente do Posto de Combustível, que são diárias, mas não fixas e determinadas, e até aqui ele utiliza às vezes o carro para executá-las. Assim, **módulo de ligação**, o carro é parcialmente responsável pela falta de profundidade existencial do espaço das trilhas psicológicas. No entanto também não aparecem elementos da paisagem, quando relata sobre o deslocamento entre a igreja, a casa e o posto de combustível.

O **nível de resistência cultural** é relativamente baixo, em comparação com os outros dois casos, principalmente em função do trabalho que oferece muitos momentos de integração cultural, enquanto a vida caseira é tão definida culturalmente pelo “holandeneidade” como o caso da Senhora X.

#### 5.5. O Caso do Senhor Senshu: Relato Japonês

O Senhor Senshu veio para o Brasil em 1957. Na época, tinha 20 anos. Veio sozinho para trabalhar na Cooperativa Cotia que junto ao governo japonês trouxe 2.300 solteiros para trabalhar e viver no Brasil. Primeiramente, trabalhou em São Paulo e depois chegou em Castro, em 1979, como professor do internato. No internado ensinava o idioma japonês, para pelo menos 180 alunos. Depois de um ano no internato, começou a trabalhar com silagem e secadores de cereais na Cooperativa Cotia de Castro, onde permaneceu durante 12 anos.

Sua vinda ao Brasil teve um impacto bastante forte. Como criança já veio de uma situação cultural traumática, pois em 1945 (ele tinha 9 anos) o Japão perdeu a guerra e, assim, faltava alimentação, empregos, e nem tinha formação consolidada. Ele tinha se formado no Japão junto com 40 alunos, dos quais 20 não acharam emprego. Lembra ainda muito bem da bomba atômica em Hiroshima e Nagasaki, porque morava a 80 km de Tokyo, sendo que a capital japonesa ficava apenas 700 km de Hiroshima. Também a sua cidade foi bombardeada pelos americanos, com bombas convencionais, porque tinha uma fábrica de aviões para guerra.

Senhor Senshu relata que a língua portuguesa é bem diferente da japonesa, e ele não domina bem o português. Ainda mais, como agricultor não estudou nenhum dia na escola brasileira, mas apenas trabalhou no campo. Em 1957, ele tinha se formado no Japão num curso de agricultura, que era uma formação profissional favorável para encontrar emprego no Brasil. Então veio trabalhar primeiro em São Paulo, mas conheceu ainda bastante outras cidades, como Brasília, Cambará e Amdirá, até que chegou em 1979 em Castro.

A casa do Senhor Senshu não é feita segundo a arquitetura japonesa por razões econômicas, mas o telhado ficou inclinado lembrando o estilo japonês dos chalés, muito comuns também em países de neve.

Senhor Senshu tem cinco filhos. Estes estudaram no internato japonês e por isso falam bem o idioma japonês. Três filhos estão atualmente no Japão, e dois no Brasil – um em Castro (em outra casa) e outro mora em Ponta Grossa. A esposa deste último filho também é japonesa e em casa se fala apenas em japonês. O Senhor Senshu hoje tem 73 anos, e é aposentado. Ainda cuida de uma pequena horta no quintal da casa. A esposa faz queijo de soja, o Tofu, e participa da feira de verduras todas as terça-feiras e sexta-feiras.

Por sua vez, o Senhor Senshu pratica todas as terça-feiras, sexta-feiras e nos domingos o seu esporte preferido, o Park Golf na ACEC. Esse não é o Golf americano, mas um esporte que veio do Japão, onde o chamam de “golfinho”. Apresenta taco e bola diferentes. O campo do ACEC existe há 10 anos, e reúne vários membros da comunidade japonesa. Existem campeonatos de Park Golf em todo o país e fora. Assim, em julho de 2009, 40 pessoas do Brasil foram para o Japão para participar num campeonato mundial, entre eles 12 pessoas de Castro. Participaram também pessoas de Curitiba, Itibaia e Londrina. Senhor Senshu participou na modalidade masculina, onde o campeão foi um chinês, mas o segundo e terceiro foram de Castro, enquanto o quarto e o quinto eram também da turma dos brasileiros. Por modéstia, ele não revelou que ele tirou terceiro lugar, e sua esposa o segundo lugar no campeonato feminino, mas isso podia ser identificado olhando os troféus. A competição brasileira é rotativa. Desta maneira, em janeiro 2010 aconteceu em Itapetininga, em fevereiro em Ponta Grossa, em maio em Carlópolis, em julho em Londrina, e em setembro em Atibaia. Também em 2010, o sul-americano foi em Castro, e no ano que vem os brasileiros irão para o Paraguai. Mostra-se que, a pesar da característica japonesa deste esporte, trata-se de uma ligação internacional.

Senhor Senshu visitou seus filhos no Japão em 2009, que o receberam com muita alegria. Dessa viagem trouxe muitas coisas lembrando o Japão, inclusive comidas japonesas. Na sua casa existem vários potes, onde guarda

produtos japoneses, como o “nato”, soja cozida, gengibre, cebola japonesa e o “rakyo”. Todos esses alimentos são preparados em casa, e esse conhecimento aprendeu aqui no Brasil com outros japoneses mais velhos. A alimentação é desta maneira fortemente japonesa.

Sua disciplina cotidiana também se manteve em rigidez japonesa, como nos já conhecemos do primeiro estudo de caso. Acorda todo dia às seis horas, e às seis horas e meia já anda pelas ruas com sua esposa. O almoço acontece todo dia em ponto ao meio-dia, e o jantar se faz às sete horas da noite.

Outros afazeres também indicam uma forte resistência cultural através da rotinização, mas também na esfera lingüística:

*Lê somente em japonês os livros, a TV é somente a NHK do Japão. Fala em português no dia-a-dia, mas pouco. Esse é nossa família falecido, do vó, chama-se “butsudan”, onde guarda a memória dos antepassados. Esse é o NHK, único canal que gosta de assistir. ....E esses são filmes todos em japonês e são os filhos que mandam para assistir.*

Em casa sua relação com a esposa, eles moram apenas em dois, se desenrola completamente no idioma japonês. Ela também é imigrante japonesa. A rotina narrada com seu português facetado revela claramente que o japonês é o seu primeiro idioma mesmo no Brasil, e que seus costumes permanecem firmemente. Os filmes, livros e os contatos diretos com uma rede social de japoneses pela Internet o englobam com seus familiares e os organizadores de Park Golf. Ele também cantou no coral do Japão, onde ainda hoje mantêm contatos pela Internet - tudo em idioma japonês. Sua influência política na colônia é forte e ele sempre se mostra responsável para organizações de eventos e atividades na ACEC.

O Senhor Senshu gosta ainda muito de pescar, e por isso sempre foge de sua rotina diária para ir pescar no rio Paranapanema.

### **A ZPC do Senhor Senshu e sua interpretação**

# ZONA PESSOAL COTIDIANA DO SENHOR SENSU

## ELEMENTOS DA PAISAGEM

Categorias Identificadas

- coisas de chão**  
tijolos, horta, campo de Park Golf, ouro, ofuro de madeira, cerejeiras do ACEC, pedra do memorial, carro, roçadeira, enxada rotativa,
- coisas colocadas-carregadas**  
Silo, taco de Park Golf, bola de Park Golf, livros, Tv, prêmios, Buchida, vela, quadro do coral japonês,
- coisas guardadas**  
Potes de alimentos, medalha internacional, cartão de visita, atas de reuniões da Cota, quadro de homenagem na ACEC, calendário da Kugler, vara de pescar do Japão, rubalo,
- coisas de visualização**  
Segunda Guerra Mundial, Departamento de Senhoras, feira de verduras, canal NHK, desencontro na parede, internet, DVD e livro do cirquentenário, Jornal Nikkei, agência de turismo, fotos de sakura, sushimatsuri, coral no Japão,
- coisas líquidas**  
Parapanapema,
- coisas voadoras**  
Boeing B-29, bombas,
- coisas sonoras**  
taiko, ichi-ni-san,
- coisas de paladar**  
Tofu, Nato, soja cozida, gengibre, rakyo, urne, soja torrada, natto, shoyu,
- coisas de olfato**
- coisas animadas**  
Filhos, esposa, jogadores, pessoa de londrina que fez as letras na pedra do memorial, monge budista, amigo do Paraguai, nela, amiga da filha, nora, sogra do filho, cônsul geral do Japão, caseiro, agrônomo da terceira geração,

**COZINHA**

ALMOÇO 12:00h

JANTAR 19:00h

TELEVISÃO PRÊMIOS BUTSUDAN

**SALA**

**QUARTO**

LIVROS EM JAPONÊS COMPUTADOR

**CEREJEIRAS**

MARCO COMEMORATIVO

**PARK GOLF**

DIAS DE SEMANA: 13:00h  
DOMINGO: 14:00h

**Senhor Sensu**

**Esposa**

**Ponto de Consistência**

**Trilha Psicológica**

**Módulo de Ligação**

**Trajeto do Módulo**

**Zona Pessoal Cotidiana**

**Resistência Cultural**

Complado e desenvolvido no departamento de Geografia da UFPR. Elaboração Técnica: Kelton Gabriel. Produção: Opa Comunicação, Abril, 2010

0m 10m 20m 30m 40m

No presente estudo de caso, identificamos uma forte resistência cultural. Praticamente não existem contatos cotidianos através do idioma português, de modo que se evidencia no discurso uma ZPC extremamente restrita em termos culturais, mas ampla em termos geográficos.

Desta maneira, diferenciamos dois **pontos de consistência**, a casa e a ACEC. O Senhor Senshu apresenta uma forte ligação com sua casa em função da grande permanência dele neste ambiente. Na entrevista, ele materializa muitos elementos da casa (móveis, troféus etc.), que fortalecem o imaginário do Japão no seu mundo-mente. Ainda, o cuidado com a horta, e a administração dos eventos de Park Golf e da ACEC exercem a mesma função. Não surpreende que a construção lingüística deste espaço seja absolutamente japonesa, quando convive com sua esposa dialogando apenas neste idioma, assistindo canais e filmes na mesma língua e lendo livros em japonês. Quase todos os Elementos da Paisagem identificados na área interna da Casa, representam aqui meios de *ligações mnemônicas* que recordam outros tipos de categorias de coisas.

Enquanto a casa exerce esta função mnemônica, a associação castrense de japoneses ACEC exerce outra função através da função mnemônica, ela integra pelas ações sociais o grupo japonês. Ele tem um grande papel administrativo na organização da comunidade, e ele cuida de toda a parte de zelar as dependências e as dezenas de árvores de cerejeiras que ali plantou. Foi ele também quem construí o marco de memorial dos 50 anos de imigração dos japoneses em Castro. Desta maneira, ele reconstrói a imagem do Japão com Elementos da Paisagem, que também são importantes pontos de ligação mnemônica para muitos outros japoneses.

No cotidiano, Senhor Senshu apresenta **trilhas psicológicas** muito menos simbólicas do que os seus pontos de consistência. Na caminhada matinal, por exemplo, tem o hábito, aliás muito comum entre os japoneses, de caminha toda a manhã para beneficiar a saúde física e mental. Junto com sua esposa, inicia essa caminhada às seis e meia da manhã pelas ruas. Entretanto a rota, no discurso pouco comentada, foi tracejada de modo lógico no mapa pelo conhecimento prévio que temos das vias, pois o discurso relata apenas o

caminhar no Parque. E essa trilha psicológica não conecta um ponto de consistência com outro, mas é um caminhar cotidiano, e assim não foram constatados elementos da paisagem nesse trajeto, evidenciando um grande desligamento interativo com o espaço durante a atividade.

O carro é o **módulo de ligação** para Senhor Senshu se locomover até a ACEC, num trajeto de aproximadamente 1 km, mas também não foram constatados *elementos da paisagem* nesse trajeto.

O caso do Senhor Senshu é um caso curioso de **nível de resistência cultural**. De um lado, se preserva o nipônico em quase todos os sentidos, com um alto nível de resistência cultural, mas de outro é exatamente um destes elementos que garante a convivência com outras culturas e pessoas (o Park Golf), inserindo o entrevistado num ambiente até global, que cada vez mais engloba praticantes de outras culturas.

#### 5.6. O Caso da Senhora Sensei: Relato Japonês

A Senhora Sensei chegou no Brasil em 1962, em julho. Neste momento, estava com 19 anos de idade. Ela não veio para trabalhar, mas para casar, pois naquela época existiam casamentos por contrato. O marido dela já estava no Brasil há 5 anos. Eles não se conheciam no Japão, mas foram se conhecer apenas no Brasil. Depois da 2ª Guerra Mundial, a política de crescimento da população permitia aos casais terem mais de 6 filhos, em casos até 10 filhos. O marido dela é 24 anos mais velho do que ela.

Senhora Sensei completou seus estudos no Japão. Veio de navio em uma viagem de 45 dias, chegando aqui no dia 20 de julho de 1962. Com ela desembarcaram no Brasil entre 1200 até 1300 japoneses. O governo fez a chamada “campanha japonesa de imigração de noivas”. Eram jovens mulheres enviadas para casar com os imigrantes japoneses que moravam no Brasil. A cooperativa Cotia era fortemente integrada neste processo, porque seu marido e os outros colegas precisavam de uma ajuda na casa. Não queriam casar-se com brasileiras, apenas com japonesas. Cada mês em cada navio vinham entre 12 e

15 noivas. Alguns casais já se conheciam no Japão, mas o caso dela não era assim.

Ao contrário dessa forma de organização, a Senhora Sensei queria vir para o Brasil para trabalhar, e não para casar. No entanto, na época uma mulher japonesa não podia vir sozinha para o Brasil; pelas regras do Brasil, teria que casar antes ou arrumar família para depois conseguir a autorização de imigração. Assim, ela desceu no porto de Santos e foi para Pirai do Sul, e ficou lá um ano, então se mudou para Castro em 1 de agosto de 1963. Ela e seu marido trabalharam numa fazenda de um japonês, onde o seu esposo era o administrador. Durante dez anos, ela ajudou o marido na agricultura. Quando finalmente parou de trabalhar no campo, o filho mais velho já estava com 9 anos. No total, ela tem 5 filhos, e todos estão no Brasil, formados no Ensino Superior.

Uma de suas filhas estudou durante 10 meses a língua japonesa na Universidade de Tokyo. A Senhora Sensei relata que eles sempre falavam em Japonês com os filhos, e hoje todos falam bem o idioma japonês. Porém, seus netos não compreendem o idioma. A Senhora Sensei aprendeu o português num único ano em uma escola brasileira. Na época, com alguns amigos imigrantes ela se reunia em aulas particulares para reforço.

Em 1962 construíram o internato japonês, justamente no ano em que veio para o Brasil. Quando o filho completou seis anos ela o deixou no internato japonês, enquanto trabalhava no campo com o marido, e seu filho estudava na Escola Vicente Machado, tendo mais ou menos a mesma rotina educacional de Gaijin do nosso primeiro estudo de caso. .

Em fevereiro de 1973 parou de trabalhar no campo e começou a trabalhar no internato japonês, onde lecionava o idioma japonês e Educação Física. Desde 1973 até os dias atuais as aulas de japonês são lecionadas por ela. Mesmo que o internato japonês tenha fechado as aulas de japonês da escola foram transferidas para sua casa. E uma parte das aulas de Educação Física transformaram-se em aulas de Taiko que são ministradas na ACEC.

*Começou a dar aula aqui na casa em 2006 quando venderam o internato. Em 2004 ainda estava fazendo aula em uma sala, mas em 2006 veio*



*para casa, e o nome da escola ainda é da ACEC, e tinham 7 alunos que dormiam aqui na casa, porque cada filho tinha um quarto e tinham 5 quartos e todos casaram e tinham espaço para todos os 7 alunos. Mas hoje não tem mais, e os pais ajudavam pagar pensão, comida e água, os pais deles moravam em Venceslau Bras e em Carlópolis, e agora estão no Japão falam bem estão ganhando bem.*

A sua vida cotidiana está atrelada aos compromissos com a educação dos novos descendentes japoneses. Assim, normalmente às seis horas da manhã ela acorda, faz 35 minutos de caminhada (e não no mesmo lugar), ou caminha na esteira quando chove. A Senhora Sensei, depois da caminhada, pratica técnicas budistas e faz orações. Essa atitude religiosa a liga fortemente – para não dizer existencialmente – aos fundamentos da cultura japonesa. Depois de uma oração de mais ou menos uma meia hora, às sete horas e quinze minutos de manhã, ela começa a limpeza da casa. Às 8:30 horas, começam as aulas e os alunos chegam. Durante as aulas, um jovem japonês nascido no Japão está ajudando. Isso dá a possibilidade à Senhora Sensei preparar um almoço para os alunos. Desta maneira, ela reconstrói o antigo internato em casa. Como a maioria dos alunos é de descendência japonesa, mas nasceram aqui, as aulas não são completamente administradas em japonês, pois precisa do apoio do português. Por isso, essas aulas não podem ser interpretadas como uma completa imersão no idioma japonês, mas representam uma transição cultural. Ainda mais, essas atividades representam uma mistura entre aulas e convivência social.

*Onze e meia Senhora Sensei volta da aula para fazer o almoço, que é quase tudo comida japonesa. Meio dia e quinze é servido o almoço. Uma hora começa a aula até as quatro horas. Dez hora da manhã ela tem que arrumar lanche para os estudantes. Hoje só tem dois alunos, e vem duas vezes por semana, e é um grupo do mesmo nível cada turno.*

Além das aulas, as atividades da Senhora Sensei são múltiplas, e inseridas na cidade:

*As três horas da tarde tem que fazer café para os alunos, e depois vai para o ACEC jogar Park Golf. E em outros dias vai nos mercados fazer compras. O marido joga Shogi, uma espécie de xadrez japonês. E sempre vem amigo dele jogar aqui, e ela sempre tem que fazer sala fazendo café e atendendo os amigos. Ela sempre tem contatos com*

*amigos, e cerca de uma hora e meia ela usa o computador para enviar recados para os amigos, tudo em japonês. Conversa sobre coisas da escola, e de noite passa até as dez hora da noite conversando pela internet. O contato com o Japão não é apenas familiar, tem bastante professoras e alunos com quem ela se corresponde.*

O contato com o idioma japonês e a cultura japonesa é forte e em geral:

*Português ela só lê a revista de religião, mas não entende tudo, os livros que lê são tudo em japonês. Esse é o almanaque de Curitiba, de 2010, é em japonês com signos japonês de animais. O contato com o dia-a-dia é a maioria com japonês, e usa metade e metade do seu tempo entre o japonês e o português, em número de pessoas que tem contato, entre trabalho e amizade, pode-se falar que é 60% japonês e 40% brasileiros, porque na religião a maioria são brasileiros.*

Uma atividade muito relevante no cotidiano da Senhora Sensei é a religião budista. Em Castro, ela é pioneira na organização dessa religião. Enquanto Curitiba tem um grande número de templos budistas, Castro até agora não apresenta nenhum, e assim cada um do grupo se alterna fornecendo a própria casa. Ela e o marido estão organizando cultos também em casa, porém, como a maior parte dos integrantes são brasileiros, essa atividade tão japonesa também mostra características multiculturais, pois entre os 32 a 35 membros, participam somente 7 japoneses.

Desta forma percebe-se que sua ocupação, segundo ela, é na metade da sua vida dedicada ao budismo, enquanto a outra metade é ligado ao ser professora de japonês e de Taiko (dança com tambores japonês). Até ano passado, ela ainda dava aulas de Taiko, mas hoje, como já tem vários alunos com grau de orientador, estes ficam no lugar dela. Ainda, entretanto, ela é a orientadora responsável. As aulas de Taiko acontecem no sábado, das duas até as seis horas, na ACEC.

No domingo, ela sempre pratica o jogo de Park Golf. Como o entrevistado anterior, ela já ganhou muitos prêmios. No seu grupo, a maioria são japoneses idosos, sendo 30% japonês “de cara” (usando suas palavras), enquanto a metade são brasileiros.

A casa da senhora Sensei apresenta um valor especial neste mundo-mente. Através da interpretação dessa ZPC percebemos que a sua casa representa o sentido da sua vida. Por isso, o Butsudan, o qual é o local sagrado onde se colocam as cinzas dos antepassados, se mostra uma âncora existencial neste ambiente.

Para finalizar:

*Senhora Sensei se sente mais brasileira do que japonesa, porque ela gosta mais daqui, porque quando ela foi para o Japão todo mundo, a família e os colegas falaram que ela mudou, que não era mais japonesa, e a pele fica mais escura, mas o sotaque do japonês não mudou, mas quando chega do Japão fica dois ou três dias misturando o português com o japonês, por exemplo: “café o mimasho”, não é assim, é: “cohii o mimasho”. Então mistura mas logo já volta para o japonês, mas aqui no Brasil também às vezes também mistura um pouco de Japonês quando está falando português.*

### **A ZPC da Senhora Sensei e sua interpretação**

Vimos que no caso da Senhora Sensei podemos observar uma ampla gama de atividades ligadas na cultura japonesa, os quais são exercidas em espaços variados, mas principalmente organizados em dois locais, em casa e na ACEC. Desta forma, os **pontos de consistência**, com fortes cargas simbólicas se organizam na sua casa em especial e na ACEC. A casa não é definida por uma privacidade, mas através de sua função pública, dedicada a preservação e instalação da cultura japonesa. Por isso, a Senhora Sensei executa nas dependências as aulas de japonês, os afazeres diários da cozinha, e as tradições religiosas em conjunto, garantindo uma profundidade filosófica para este tipo de vivência, bem diferente dos outros imigrantes que sempre destacaram seu espaço de casa como um ponto de referência de vida fechada. Por isso, quase todos os Elementos da Paisagem identificados aqui estão na área interna da Casa, e apresentam uma ampla tendência de *ligações mnemônicas* entre as coisas identificadas com outros tipos de memórias.

Na Associação Castrense dos japoneses ela tem um forte papel educacional, pois cuida de toda a parte das aulas de Taiko, assim este ponto de

# ZONA PESSOAL COTIDIANA DA SENHORA SENSEI

## ELEMENTOS DA PAISAGEM

### Categorias Identificadas

■ **coisas de chão**  
camas, máquina de andar (esteira), Butsudan.

■ **coisas colocadas-carregadas**  
Computador, televisão, livro da religião, revista de religião, livros, almanaque, máquina de costura, rádio, remédio do Japão.

■ **coisas guardadas**  
apostilas.

■ **coisas de visualização**  
campanha japonesa de imigração de noivas, Universidade do Japão, Universidade de Tokyo, bolsa de estudo no Japão, Shogi, Park Golf, canal NHK, canal Globo, Soka Gakkai, grupo de Taiko.

■ **coisas voadoras**  
avião.

■ **coisas sonoras**  
oração budista, mistura de idioma.

■ **coisas de paladar**  
Kare, niku, macarrão branco, porco com alho, costela, sushi, soja, temperos, verduras, miso, shoyu, tofu.

■ **coisas de olfato**  
cheiro de alho.

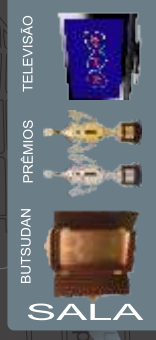
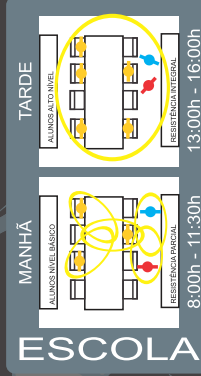
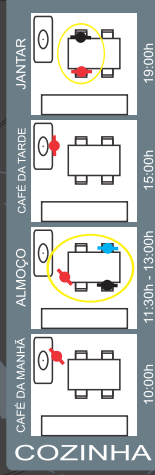
■ **coisas animadas**  
marido, colegas de trabalho do marido, filhos, netos, alunos, secretária, pai, mãe, filhos de aluno, professor ajudante, brasileiros do budismo, colegas do Japão, Colega do Paraguai, aluno filho de holandes.

● Senhora Sensei

● Marido

● Profº de Japonês

● Alunos



Casa

ORAÇÃO EM CASA



6:35h / 16:00h / 22:00h

ACEC

TAIKO



Ponto de Consistência

Trilha Psicológica

Módulo de Ligação

Trajeto do Módulo

Zona Pessoal Cotidiana

Resistência Cultural

Compilado e desenvolvido no  
departamento de Geografia da  
UFPR. Elaboração: Técnica:  
Kelton Gabriel. Produção:  
Opa Comunicação, Abril, 2010



0m 100m 200m 300m 400m

CASA DOS BUDISTAS

consistência quase assume a mesma função da casa da Senhora, que se divide com a escola de idioma japonês.

Devido a esse fato, não se observam **trilhas psicológicas** como no caso anterior, a carga simbólica dos elementos da paisagem não são reveladas nas caminhadas para beneficiar a saúde física e mental, porém sua alteração cotidiana da rota sugere uma tendência de comportamento interativo com o espaço urbano. O **módulo de ligação** (o carro) também não tem muita importância psicológica revelada no discurso, mas é responsável pela ligação entre os pontos de consistência.

O **nível de resistência cultural** da Senhora Sensei é complexo. Como toda a sua vivência e práticas cotidianas são dedicadas a preservação da cultura japonesa num ambiente brasileiro, podemos falar que psicologicamente este nível para ela é alto. Entretanto é exatamente a prática do ensino, ainda com muitos membros aculturados à cultura brasileira que garante uma forte interação social e assim diminui em grande parte as tendências de separação cultural. Isso fica mais do que evidente, quando se observa o caso do budismo.

#### 5.7. Os Mapas das ZPC e os Pontos de Resistência Cultural

Cada um dos 5 relatos dos entrevistados foi acompanhado de uma transição gráfica nos mapas da Zona Pessoal Cotidiana, que organizam as características interessantes em relação a disposição do mundo-mente dos entrevistados, principalmente em relação aos pontos de resistência cultural. A comparação permite que não seja necessário uma origem cultural idêntica, para se sentir dentro desse mundo-mente.

Observando o caso de Gaijin, por exemplo, fica claro que um posicionamento deste tipo sempre é em transição, não se define por posições fixas dentro de determinadas culturas, mas por processos cotidianos de práticas e funções mnemônicas e imaginadas, que não se originam necessariamente na cultura de origem. Sob a perspectiva da cultura, a visão de “fora”, ou seja, da posição de quem observa a resistência cultural, é de fato algo existente, algo em existência (do latim: *exsistere* que significa se revelar, ou elevar-se) que se define

por processos mentais-materiais. Os mapas apresentados mostram um mundo geográfico específico, um posicionamento de “dentro” que não é uma coincidência com características culturais, mas um posicionamento dos imigrantes entrevistados, sob a perspectiva de uma comparação entre aspectos comuns derivados do uso desses pontos de resistência cultural e as características específicas individuais dos autores desses mapas.

Percebemos que a organização do ponto de consistência da casa, onde se configura a existência na sua forma mais profunda, começa num ponto de individuação. Entretanto, a configuração diferenciada dessas casas chama atenção. Em alguns casos, elas são abertas e socialmente rotinizadas, como no caso da casa da Senhora Sensei ou do internato da Gaijin. Em outros, eles mostram fortes elementos de privacidade com características mnemônicas, como no caso dos dois holandeses ou do Senhor Senshu. Mostram-se aqui as possibilidades da compreensão mental-material diferenciada, independente se estes lugares são definidos com características culturais ou não.

Também, observa-se que alguns lugares são pontos de conexão interculturais, sendo estes muitas vezes ligados ao trabalho. Assim, podemos entender a escola de Gaijin com esta função, como a oficina de costura da Senhora X. Também, o posto de combustível do senhor W aparece neste sentido, e até a casa da Senhora Sensei como um ponto de formação cultural de japoneses e “não-japoneses” tendem nesta direção. Até o mais resistente caso, o Senhor Senshu, mostra o jogo de Park Golf como um ponto de possibilidade de internacionalização.

Um elemento muito importante, mas que os entrevistados não destacaram tanto, e por isso faz parte da esfera inconsciente, são as trilhas psicológicas que se observam nos movimentos das pessoas entre os pontos de consistência. Aqui observam-se vários elementos. Primeiro a função que os elementos da paisagem nestes caminhos adquirem. Principalmente o caso da Gaijin demonstra, como esta trilha, como caminho real e rotineiro, é importante para trabalhar a problemática relação dentro/fora através de simbologias materiais. Observa-se também que este caminho não é sempre destacado. Assim, as caminhadas dos japoneses, a

pesar que eles se definem por uma movimentação semelhante, não adquirem este valor. Também, o mapa do Senhor W não apresenta uma trilha deste tipo. Podemos constatar também que a função da televisão exerce um papel específico neste contexto, porque permite uma caminhada dentro da casa em relação da transição entre as culturas, e assim da transição do próprio autor do mapa.

Os pontos de consistência não se configuram apenas em locais de moradia, ou particulares, mas também em lugares de conformação e confirmação cultural. Neste momento até algumas das casas reaparecem, com é o caso do Internato japonês, ou da casa da Senhora Sensei.

Observa-se, nesta perspectiva, que para os holandeses, a Igreja reformada é o principal Ponto de Resistência Cultural, uma âncora cultural, onde o espaço se define também pelo ambiente lingüístico (uma resistência pública contra um ambiente de outra língua). Ambos os entrevistados, tanto a Senhora X como o Senhor W, freqüentam a Igreja Reformada nos finais de semana, e sempre assistem preferencialmente os cultos em holandês. Esse fato já caracteriza que quase todas as pessoas que estão na igreja nesse momento sabem falar holandês e, conseqüentemente, quase todos os imigrantes são mais velhos confirmando de forma mnemônica seu passado, enquanto os filhos desses terão a oportunidade semanal de se encontrarem com seus fundamentos psicolingüísticos na cultura de origem. Nesse processo, se conserva em muitos aspectos a cultura holandesa, que se reflete também no cotidiano, o que pode-se perceber na projeção dos mapas da ZPC dos entrevistados, especificamente no hábito cotidiano de orar em holandês, lendo trechos da bíblia antes e depois das refeições, etc.

Surge, desta maneira, a coesão social holandesa através dos cultos em holandês na igreja de Castrolanda. Poderíamos chamar atenção também pelo grande número de festas ou encontros étnicos, mas estes são um tipo de “contra-cotidiano”, porque nem sempre aparecem e também não foram mencionados nos discursos.

A mesma configuração observamos com os japoneses. Pode-se considerar a ACEC como o Ponto de Resistência Cultural japonês de Castro.

Ambos os entrevistados japoneses, tanto o Senhor Senshu quanto a Senhora Sensei, interagem e utilizam o espaço destinado a atividades culturais japonesas. O que podemos perceber de comum entre ambos os entrevistados é a prática do Park Golf, que é uma atividade esportiva importantíssima para reunir os mais velhos imigrantes. Assim, como os cultos holandeses de Castrolanda, essa atividade esportiva permite o uso social cotidiano, e não se define apenas pelo o restrito uso do japonês entre o casal dentro das casas. E esse uso social que garante uma melhor identificação de identidade social, para afirmação da individuação subjetiva, e também como a afirmação identitária na interligação em um ambiente intercultural.

Afinal, mencionamos ainda a função da língua que nós parece muito importante. Em quase todos os casos fica claro, que o papel da diferença lingüística muda entre as gerações. Por isso, o fortalecimento do uso cultural do idioma, coincide com os pontos de resistência, mas adquirem diferentes funções entre as gerações. Para os mais velhos, é uma auto-confirmação da individuação mental, que com eles vivem embutidos no seu cotidiano lingüístico de “fora” no Brasil. Para a geração seguinte, através da escola, da televisão, das leituras, a língua adquire um valor mnemônico, lembrando origens profundas, e às vezes míticas. O que é a base essencial para a resistência cultural em meio a um espaço hospedeiro da primeira geração, que vira elemento de uma comunicação intercultural (vejam o caso da Senhora Sensei) na segunda geração. E os contornos geográficos definidos da Zona Pessoal Cotidiana mostram, como reage a imersão da cultura desses indivíduos na hibridação brasílica, revelando os verdadeiros indícios de aspectos fronteiriços (zonas) ativos em mecanismos sociais cotidianos.

Parece que o grupo japonês tem um altíssimo nível de resistência cultural, que é superior ao nível de resistência cultural holandês. Para dar sentido lógico a essa afirmação podemos levar em consideração que o ponto de resistência cultural freqüentado pelos imigrantes holandeses é a igreja, que exerce apenas uma atividade cultural, a religião, e essa aos poucos já está sendo ministrada no idioma português, e não há nenhuma imposição cultural pelos mais velhos para



impedir. Em consequência, grande parte dos costumes se perde ou se altera com a transmissão para o idioma português, que em si já carrega ligações diretas com a hibridação brasileira. Desta maneira, um dos elementos importantes para essa ordem é que a terceira geração dos holandeses, em nenhum dos casos, foi encontrado alguém que domine o idioma holandês.

No caso dos japoneses, esta situação é mais complexa. A dificuldade de aprender o japonês, tanto na fala do que na escrita (como se trata-se uma língua não-européia) cria uma segregação lingüística mais profunda. Mas de outro lado, a forte atratividade da cultura nipônica para os não-nipônicos no Brasil, como no caso do Budismo, permite uma interação social transcultural, com a manutenção dos padrões culturais de origem. Recentemente, os holandeses da região tentam produzir uma situação semelhante com o Parque histórico em Carambeí ou com a construção do Moinho de Castrolanda, o qual se tornou um ponto turístico importante na região.

Utilizando os dados e o modelo proposto de identificação desses dados obtidos nas entrevistas, não podemos fazer muitas afirmações sobre os grupos étnico-sociais e suas dinâmicas em comparação, levando em consideração que cada grupo é representado apenas por dois integrantes da comunidade. Porém se entendermos que os aspectos comuns identificados nesses membros sejam uma tendência (processo de individuação) coletiva – o que é provável pelo número de freqüentadores dos Pontos de Resistência Cultural e suas atividades semelhantes – os dados obtidos podem representar um certo valor de realidade de grupo.

Com essas tendências qualitativas obtidas no estudo profundo desses casos, compreendemos com base da sensibilidade que tivemos ao “entrar” nesses mundos-mente que alguns dos imigrantes entrevistados tiveram trabalhos de reflexão sobre os próprios limites fronteiriços de sua cultura, uma espécie de conscientização do *self* (si-mesmo). Assim, ficamos felizes que isso foi algo obtido pela vivência cotidiana subjetiva, e não pela análise da paisagem objetiva como no estar “fora” sugerindo lógicas aparentes da resistência cultural.

## CONCLUSÃO

A intenção desta pesquisa era de encontrar uma forma de descrever o trabalho cultural no processo de individuação de imigrantes num contexto extra-cultural. Para estes fins tínhamos proposto o Modelo da Zona Pessoal Cotidiana que, através de uma crítica de culturalizações do processo de migração, destacamos a *processos de individuação* no cotidiano de imigrantes e suas ações fronteiriças entre um *aqui* e o *forasteiro*.

Então, apoiamo-nos em elementos de teorias do cotidiano que destacam a função do símbolo nas ações do cotidiano (simbolismo interacionista), elementos de poder nas abordagens marxistas do cotidiano, o formismo de Michel Maffesoli e Simmel, como também as teorias de ação espacializadas (acionismo), como propostas por Werlen e Sahr.

Foi a nossa intenção em desenvolver uma abordagem que supera a costumeira divisão dualista entre o mental e o material. Por isso, partindo de uma abordagem fenomenológica e existencial, propusemos uma perspectiva que faz este ambiente mental-material um “absoluto”, onde a subjetividade se nutria de diferentes elementos vividos que não se apóiam na diferenciação entre o material e o mental, mas onde surge - como num rizoma (Deleuze/Guattari) – uma individuação. Como a nossa pesquisa se refere a pessoas individuais, entendemos este processo teórico como um solipsismo que pode se exprimir geograficamente na Zona Pessoal Cotidiana. Isso não significa que as pessoas pesquisadas são solipsistas, mas que teoricamente nos recortamos espacialmente a vida dessa pessoa ao “indivíduo” em sua ação cotidiana, assim suas influências culturais serão recolocadas num ambiente cultural, sob uma outra perspectiva, do qual às vezes até então emergia do subconsciente da pessoa, porém não se refletia claramente no espaço paisagístico.

Nossa proposta, entretanto, é que nós pesquisamos a parte consciente desta individuação, do mundo-mente do parceiro que contribuiu na nossa pesquisa, onde o *self* do imigrante é organizado a partir de complexos arquétipicos (no sentido de Jung). Para isso necessitou-se uma abertura metodológica para as

vibrações e os pensamentos do mundo-mente do entrevistado, para captar elementos essenciais sem cair numa prefiguração das pessoas pesquisadas através da abordagem teórica.

O nosso caso de estudo eram 5 pessoas na cidade Paranaense de Castro, que apresentam uma ligação com a cultura holandesa e japonesa, duas etnias com uma história relativamente recente na região. Identificamos para cada um deles os *pontos de consistência*, suas *trilhas psicológicas*, e seus elementos importantes das suas paisagens pessoais. Fizemos a nossa pesquisa em base de entrevistas que relatam um contexto passível de representação e com isso pode-se adquirir a construção do mundo-mente dessas pessoas, apresentando seus lugares e suas interações em mapas denominados de ZPC.

Assim, identificamos como a *resistência cultural* se espacializa principalmente na casa dos entrevistados, onde se reconstroem costumes, elementos lingüísticos, lembranças e influências através de livros, jornais, televisão etc., numa forma rizomática, mas sempre interligada com a cultura de origem. Ao contrário disso, escolas, lugares de trabalho, apresentam encontros efêmeros que ajudam construir relações interculturais. Mas também existem lugares de fortalecimento cultural e da resistência, os quais se definem pela coletividade de origem, como clubes étnicos, lugares religiosos ou até pontos turísticos, que foram denominados aqui de *pontos de resistência cultural*.

Um elemento principal dessa ambientação cultural da Zona Pessoal Cotidiana é a língua: esta promove cinturões de resistência cultural, mas sua força é bastante dinâmica. Assim, a resistência do espaço lingüístico se diminui com o seguimento das gerações. Dessa maneira que a escola nos descendentes possibilita a convivência mais aberta, e a mistura cultural do Brasil, e assim cooperam com a diminuição gradativa das suas barreiras culturais. A comida como uma mistura culinária cultural exerce uma função semelhante.

Neste sentido concordamos com a contribuição da geógrafa Maria Geralda de Almeida, que nos possibilitou em diálogo a reflexão entre a “resistência” e a “persistência” cultural. Concluimos que este jogo é complexo e rizomático. Estabelecer uma “resistência cultural” significa considerar o diferente como inimigo

e combater sua participação na sua vida, enquanto a “persistência cultural” seria aceitar as diferenças dos outros na vida, embutindo elementos e transformações na construção da sua individuação, porém persistindo com as suas tendências originais sem imposições ou fechamentos. E justamente por ser diferente que existe a possibilidade de se ter relação e, portanto, a “persistência cultural” é um acréscimo a “resistência cultural”. E onde se aprende um idioma do outro e se vive nos costumes de uma outra cultura abre-se com isso uma relação com um complexo do inconsciente coletivo, da memória e do pensamento/agir atual num patamar interessante. Enquanto alguns elementos deste complexo são invisíveis, mas podem ser criados nas lógicas das pessoas de “fora”, uma investigação do mundo-mente pode revelar estes elementos pela vivência cotidiana, ou um *acionismo* investigativo. A nossa pesquisa tendeu a demonstrar isso na construção das 5 ZPCs apresentadas.

## **ANEXOS**

Todos os anexos são as entrevistas completas com os entrevistados levando em consideração o “acoplamento cognitivo” explicado no começo do capítulo 5.

## **ANEXO 1 – O CASO DE GAIJIN**

*O pai de Gaijin era um agricultor descendente de alemão que possuía máquinas agrícolas, que na década de 60 tratava-se de algo raro, sendo que com seus maquinários ele começou a prestar serviços para outros agricultores, onde a maioria eram japoneses. Os japoneses necessitavam de seus serviços e por essa razão o pai de Gaijin tornou-se membro da cooperativa Cotia em Castro-PR. Sua prestação de serviços para com os japoneses possibilitou um vínculo de amizade que em 1967 resultou na matrícula da primeira e única pessoa não-nipônica que estudou no internato japonês de Castro.*

*A fazenda do pai de Gaijin ficava perto do Maracanã, onde já não tinha mais escolas, pois quase todos os filhos de alemães moravam e estudavam na Terra Nova (colônia alemã em Castro-PR), porém interessado na educação da filha o pai de Gaijin matriculou ela no internato na cidade de Castro, onde passava de segunda a sábado estudando e morando. Do Maracanã até o centro de Castro percorria-se 9 km, e sendo uma distância considerável ficava evidente a necessidade de Gaijin morar na cidade de Castro. O pai de Gaijin quando ele veio em 1937 de Santa Catarina para Castro estudou no Maracanã, pois os alemães da Terra Nova e Maracanã trouxeram uma professora de Santa Catarina, a Anneliese Grosse, que está fazendo seus 90 anos em 8 de março, e ela está morando em Joinville. Essa professora morava na casa do avó de Gaijin, o pai do pai, para conseguir dar aulas. No maracanã essa época, já na década de 40, os alemães já tinham fundado uma igreja, um clube e a escola; onde o pai de Gaijin teve os quatro anos primários que equivalem ao ensino médio, pois sabiam sobre os planetas, a lua, rotação da terra, cálculos, as porcentagens. Se não fosse o internato Gaijin teria que ir e voltar, e bem no começo não tinham pessoas que faziam isso, aliás, tinha um ônibus que não dava no horário da escola.*

*Dos que estudavam em Castro e moravam no Maracanã não tinha muita gente, apenas os filhos dos japoneses da fazenda vizinha, pois a maioria era da Terra Nova, que tinha escola, e nessa escola era a Alice Roffman, que está viva ainda, que lecionava.*

*O senhor Gorokubo era o vizinho da fazenda do pai de Gaijin, e era o que mais necessitava dos serviços dele, sendo que ele tinha três filhos e dois deles também já iam estudar no internato. Deste modo Gaijin pegava carona nos finais de semana com o senhor Gorokubo e seus dois filhos até o internato em Castro. E foi em 1967, nos seus primeiros 7 anos (ela nasceu em 1960) que Gaijin entrou no internato japonês de Castro, onde ficava a semana toda de segunda a sábado, e final de semana como o senhor Gorokubo tinha que passar por lá para pegar seus filhos fazia o favor de buscar Gaijin do internato.*

#### **O ESPAÇO COTIDIANO DE GAIJIN NO INTERNATO JAPONÊS**

*Era a única estrangeira, a loirinha, a polaquinha, a diferente, o patinho feio, e não sabia o que ia acontecer, sabia que seu pai e sua mãe levaram ela lá, fizeram a sua mala e de repente levaram Gaijin até aquele quarto enorme e disseram que tinha que ficar ali, junto com os filhos do vizinho. Pelo menos aqueles dois Gaijin conhecia, era um casal, ela era um ano mais velha que Gaijin e ele um pouco mais, no caso ela estava no segundo e Gaijin iria entrar no primeiro; sendo que era a última em tudo: a mais pequena, a loirinha e a do primeiro ano. Então os pais de Gaijin falaram que ela teria que ficar ali e saíram sem se despedir nem nada e foram quietos embora.*

*Os dois vizinhos não faziam intermediação, lá eles eram unidos com os outros japoneses, então o que Gaijin sentia era que na hora de brincar ela era separada. Montavam as casinhas, as meninas, e os meninos brincavam juntos sem constrangimento nenhum, eles eram pai e mãe, e eram irmãos e andavam de mão dada; e se fazia no chão na terra os riscos da casa e aqui era o quarto, aqui era a cozinha, aqui é isso aqui é aquilo e se levava os brinquedinhos no período da tarde que tinha um horário pra brincar, e eles emprestavam os brinquedinhos de Gaijin e não a deixavam brincar, e de vez em quando eles deixavam ela brincar.*

*Onde sempre havia uma chefe, uma líder no grupinho, a mais velha que seria a mãe seguida pelos filhos e Gaijin podia ser a empregada, portanto pode-se ver como eram as coisas, em toda aquela inocência, e por Gaijin ser a diferente era a empregada, mas ela queria tanto brincar junto que não se importava, e foi apelidada, de Gaijin, a estrangeira.*

*O hábito matutino no internato começava sempre quando tocava o sino 6 horas da manhã e a coisa era tudo muito rápida. A cama de quem ficava perto da luz, era essa que tinha que levantar e acender a luz a outra perto da janela abria a janela. Então trocavam a roupa, e arrumavam a cama, esse trabalho Gaijin já sabia fazer pois aprendeu em casa sendo que arrumar a cama, lavar a louça isso já era tarefa de criança naquela época. Gaijin desde pequena já tinha que ajudar nessas tarefas de casa, e no internato não foi problema nenhum, mas a diferença era que tudo tinha que ficar impecável, na cama não podia ter nenhuma ruga na colcha. Era tempo de travesseiro de pena, e o dela era um travesseiro enorme, ficou muitos anos com ele e quando deu conta de trocar a capa observou umas manchas e por ser de pena sempre tinha que ficar no sol, depois de muitos anos Gaijin verificou e lembrou o porquê dessas manchas em seu travesseiro, lembrou que muitas vezes ela chorava a noite naquele travesseiro; e ela gostava tanto do seu travesseiro porque ele era enorme, ele dava a largura da cama, o seu era diferente de todos, as sua cobertas também eram diferentes, porque os japoneses usavam futon, e as cobertas naquela época eram feitas de penugem de pato, antigamente eles pegavam as patas, e tiravam as peninhas da barriga – a penugem – e colocavam nas cobertas e travesseiros, porém agora é caríssimo comprar um desse. Gaijin ficou os 10 anos com o mesmo travesseiro.*

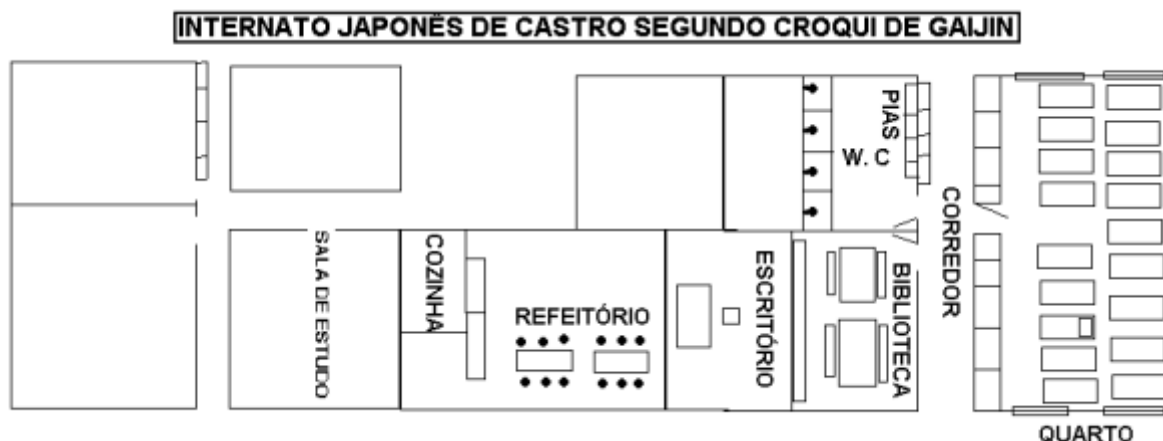
*A responsabilidade que todos tinham era igual, o armário era de cada um era de uma porta só, alguns cabides para pendurar as roupas, o guarda-pó era branco, a meia era branca, o sapatinho era preto e todos tinham que lavar suas roupas íntimas. No quarto os armários ocupavam a parede da porta era uma parede inteira de armários, com uma porta só para cada um, uma parte dos armários pra cá a outra pra lá e a porta no meio, e duas carreiras de camas, as camas todas iguais. Sim, mais tinha um espaço entre as camas. As meninas no*



começo eram todas no mesmo quarto, depois em 1973 já eram 150 pessoas, em vários quartos. Os armários eram de madeira e o máximo em cada quarto era 18 pessoas. Caso você não fosse daquele quarto tinha que pedir licença para a líder do quarto e conseguir entrar.

Não se podia entrar no quarto e ter os pés da cama logo na frente da porta, segundo os japoneses não dá prosperidade, naquela época as camas eram com os pés para a parede dos armários e a cabeceira na parede oposta da porta, para conseguir visualizar a saída e entrada do quarto. E nessa parede oposta tinham as janelas, três com venezianas. Eles (os japoneses) chegavam a noite e encostavam as camas em dias de chuva, e Gaijin sempre ficava sozinha.

Tudo era arrumado perfeitamente, para fazer a limpeza do quarto duas meninas menores pegavam uma cama e encostavam e ali ficava um espaço, então as meninas maiores varriam, a primeira cama ia pra parede e a terceira então iam varrendo ligeiro, e a turminha era dividida em duas para as tarefas.



Saindo do quarto tinha um corredor, e no outro lado tinha uma sala de estudo, uma porta, uma biblioteca onde tinham umas mesas maiores e armários com Barsas e outros livros, eram mesas retangulares com bancos. Havia as portas do banheiro das meninas e da biblioteca no corredor o banheiro com mesas e lavatórios, esse lugar (banheiro) no corredor tinha uma porta, e aqui tinha um varalzinho.

E pra lá tinha escritório, onde o sensei que era responsável ficava, esse quarto pra lá era dormitório deles, da obaa-san (equivale a “tia”) e do sensei (professor), no escritório do professor ele fazia o recebimento, havia uma

*escrivaninha. Ao lado ficava o quarto deles e o banheiro deles, e na frente ficava o refeitório, e no início as mesas eram bem grandes, uma encostada na outra, e depois a cozinha anexada ao refeitório. Continuando tinha mais um espaço onde haviam as mesas e o banheiro dos meninos, onde eles também tinham um tanque de lavar roupa junto ao dormitório. As meninas ficavam pra cá e o escritório no meio e os meninos pra lá.*

*Até 1975 tinha duplicado, não lembro a quantidade que foi aumentando, estávamos em 1976 com 150 pessoas. Foi aumentado para ambos os lados com dormitórios, e no meio fizeram uma cancha de esportes, e também mais 4 salas de estudos e um salão enorme que deixou o internato independente com seus eventos, não precisando mais usar o teatro e o cinema da cidade, pois no dia das mães faziam apresentação no cinema o que passaram a fazer no salão, onde também faziam muita ginástica e até ginástica olímpica e salto mortal.*

#### **A ROTINA DIÁRIA DE GAIJIN NO INTERNATO**

*Começava seis horas da manhã quando o sensei tocava o sino. Ele saía do quarto dele e pegava a sineta e tocava o sino do começo até o final e nunca atrasou, perfeitamente, então às 6 horas acordavam. A noite haviam as historinhas que contavam os mais velhos. Os japoneses não tinham a religião deles no internato, nunca trouxeram ou profetizaram a religião oriental dentro do internato, eles eram católicos, no caso, eles professavam as duas, mas somente nas suas casas eles tem o oratório e professam a religião oriental, e fazem oferendas para os que se foram, e nessa sociedade eles participavam do catecismo, eles não eram freqüentadores da igreja católica, mas eram católicos para conseguir casar. Então a noite a primeira coisa que eles faziam depois de se recolher naquele estilo tradicional, com o respeito dentro das pessoas, a obaa-san entrava com a meninas todas nos quadradinhos onde ficavam os banheiros, e uma por uma tomava seu banho com a sua bacia, com sua esponja, e pijama, e passavam a esponja com sabonete em todas partes muito impecavelmente limpinho, então com o corpo limpo e outra roupa limpa entravam no ofuro (banheira japonesa), onde terminavam o dia no relaxamento das águas quentes.*

*Gaijin gostava dessa parte de ficar no ofuro, era prazerosa, mas nunca houve insinuações ou coisas assim entre as meninas e do outro lado do meninos. Sempre silêncio, nunca tinha conversa nesses horários, coisa de japoneses.*

*Então acordavam às 6 horas e trocavam as roupas, eram roupas normais, não usavam uniformes dentro do internato, as calças jeans não eram daquela época. Logo em seguida lavavam o rosto, penteavam o cabelo, a higiene normal matinal feita no banheiro. O ofuro ficava bem mais pra lá, e somente era usado a noite. Cada um tinha seu sabonete, e todo mundo usava sabonete “Gessy”, todo mundo usava “Havainas”, porque eles forneciam ali, pois todos tinham uma caderneta de contas, e se acabasse o sabonete, eles não podiam sair do internato para comprar, então falava para o sensei e ele fornecia e anotava na caderneta, então depois quando os pais vinha pagar a mensalidade pagavam aquilo tudo que foi usado por eles. Os cadernos eram todos iguais e diferentes dos outros na escola da cidade. Sim esse ciclo se repetia no outro dia, a turma dividida, arrumar o quarto e assim por diante.*

*Os meninos também faziam tudo isso, a turma era dividida para limpar o quarto e o banheiro. No início Gaijin era aquela que puxava a cama depois foi crescendo até varrer o chão. Até às 6:30 estava tudo impecável e prontinho, aí formavam-se no corredor filas com a obaa-san pro lado das meninas e o sensei pro lado dos meninos. Ao som de um piano sempre em oito teclas, tudo era em oito, e faziam a ginástica matinal, sem muito o que conversar, faziam a ginástica a distância perfeita um do outro com o maior atrás da fila e o menor na frente. A ginástica era um exercício que mexe com o corpo total, sempre se ficava no mesmo lugar ano todo até crescer de tamanho, e durava cerca de 10 minutos. Jamais poderia-se fazer a ginástica com preguiça. Tudo era oito, contava-se até oito e fazia o exercício para o outro lado. Gaijin gostou e achou normal no primeiro. Nunca haviam discussões e sempre silêncio. Na hora da ginástica não tinha diferença nenhuma entre Gaijin e os japoneses. Terminado a ginástica todo mundo ia para o banheiro lavar as mãos. Dentro do armário de cada um haviam pregos para pendurar toalhas e tudo era impecavelmente organizado, aqui é a blusa, a calça, o nemaki (pijama) aqui, a “conga” ali, e não existiam tênis, a obaa-san*

visitava quarto por quarto para ver se estava tudo limpo, e arrumado, e se estivesse errado alguma coisa a obaa-san era dura e dizia: “kitanai ne” (está sujo né).

Sentavam cada um em seu lugar e na sua cadeira, no primeiro dia era definido o lugar para se sentar e assim ficava até o final do ano. E ninguém arrastava a cadeira erguia-se a cadeira, e o sensei falava coisas sem japonês e todos falavam “itadakimasu”<sup>13</sup> e todo mundo no mesmo momento ITADAKIMASU bem alto e então tomavam o café, que era somente uma xícara e uma faca, era um em frente ao outro e em duplas dividiam as duas pontas de faca de margarina e assim foi durante todos esses anos que Gaijin viveu no internato. Era um pão francês para cada um, e em cada mesa haviam seis pessoas, e três pães a mais, sendo que se alguém tivesse vontade de comer mais, poderia comer no máximo um pão e meio.

Todos esses anos que morou lá tiveram essas duas pontas facas de margarina e o café era com leite, e já estava na mesa pronto, no início era mesa cumprida, mas depois ficou seis em seis, mais tarde as mesas estavam mais separadas, desde o início entravam na sala do refeitório e cada um sentava no mesmo lugar sempre seja de manhã, ao meio dia ou de no final do dia.

Todos acordavam às seis horas da manhã e até às sete tinham que estar todos prontos porque precisavam ir a pé até a escola no centro da cidade. Por isso havia uma divisão da turma para enxugar a louça e amanhã era outra turma. O trabalho com as louças sempre era das meninas, os meninos não ajudavam a lavar as louças. Os meninos eram responsáveis em receber todo o lixo dos banheiros e queimar no tambor, esse era o trabalho dos meninos. As meninas não lavavam a louça, eram as empregadas, elas apenas enxugavam e guardavam a louça dentro da cozinha. No início Gaijin tinha que ajudar um dia sim e um dia não, depois aumentou o número de alunos e a turma dela lavava apenas uma vez por semana, e era sempre perfeito, nunca podia ter um pouco de sabão se fosse

---

13 Significa “vamos comer”, é uma forma polida para existir sincronia na hora da refeição, sendo que começar a comer antes de todos, ou sair da mesa antes de todos terminarem é considerado falta de respeito.

*encontrado uma xícara mal enxugada era devolvida e era considerado vergonhoso porque não estava bem feito.*

*Esse era o tooban, lavar louça, e as meninas menores apenas levavam no armário e as maiores enxugavam toda a louça, e a hierarquia era por idade, e Gaijin depois assumiu idade elevada e com isso assumiu lugares de destaques. Quando aumentou o número de alunos, a obaa-san não fiscalizava mais os quartos, pois cada quarto tinha uma chefe, que era sempre a mais velha do quarto. A chefe de quarto tinha a responsabilidade de cuidar de tudo, e todos os dias os azulejos brancos do banheiro estavam brilhando, e nunca ficou sujo.*

*Depois do café escovavam os dentes e colocavam o uniforme da escola, os menores estudavam no Vicente Machado, e os maiores no Major Vespasiano, e era o percurso a pé. A educação física era em contra-turno no Vespasiano três vezes por semana. No começo Gaijin sofreu discriminação, pois no caminho para escola ninguém andava junto com ela. Fora da formalidade a obaa-san nunca se envolvia nas brincadeiras, e o caminho até a escola era quase todo repleto de campos.*

*A noite todo mundo se ajoelhava para orar com as mãos juntas encostadas nas camas, parecia um colégio de freiras. E oravam no mínimo uns dez Pai-Nosso. E antes de dormir contavam histórias de terror e juntavam as camas e nesse momento Gaijin ficava de fora.*

*O trajeto do internato até a escola era todo de campo, não existia quase nada exceto o estádio do Caramuru. Não existia nada das construções da Cooperativa, que um dia fez parte da Cotia, mas a Cooperativa Cotia era lá do lado do morro do Cristo, o escritório e tudo. Todos vinham pelo meio de campo até próximo ao Caramuru. E gostavam de passar na ponte da rua Tiradentes, que tinha um muro e adoravam se equilibrar no muro, algo perigoso pois ao lado passava o rio. As vezes quando não estavam acompanhados dos grande Gaijin passava com mais alguns pelos trilhos do trem passando pela ponte sobre o rio afluente do lapó, onde lembra ter águas cristalinas.*

*Gaijin sempre tinha que seguir, e todos iam juntos e os meninos mais velhos que cuidavam do grupo. A mala deles eram pesadas, e tinham que*

*carregar tudo e andavam até meio tortos, era uma mala de carregar com estojos de madeira e todos os cadernos. Gaijin lembra que no meio dos campos existia araçás do campo, e algumas vezes alguém da turma sentia necessidade fisiológica e precisava fazer ali mesmo no campo e era um fato traumático, mas aconteceu poucas vezes. Gaijin ficava sempre triste, não queria estar junto com eles, pensava que os pais dela não gostavam dela, e as vezes quando ela estava muito perto todos corriam para frente e deixavam ela para trás. E ela não observava muito o trajeto pois sempre estava olhando o grupo que tinha que seguir, pois não estava fazendo parte. Tanto na ida e volta era desse modo, e depois de 1970 veio a Kombi, e já não iam mais a pé.*

*Gaijin sempre lembra do seu trajeto nessa época rumo a escola da sapataria do Senhor Olivério. Ela sempre lembra dessa sapataria, e lembra que a porta às vezes estava aberta e outras vezes fechada. E as suas condições financeiras na época não eram boas, e um sapatinho dela durava cerca de dois anos, e a sola sempre gastava de tanto ela caminhar. A mãe de Gaijin era muito econômica, e para tudo tinha que falar com a mãe primeiro antes de falar com o pai, e a mãe de Gaijin sempre fazia ela ter a atitude para tudo, para ela ir na sapataria consertar seu sapato e teve uma ocasião que o dedo do pé de Gaijin saiu de seu sapato obrigando ela a tomar a atitude de ir sozinha no trajeto da escola consertar o sapato nessa sapataria. E pediu para ele consertar e perguntou o preço para pedir para mãe o dinheiro, e o senhor Olivério falou: “Poxa, mas você andou um bom tempo com o dedinho para fora, não é?”, e foi que Gaijin respondeu: “eu não sei, não é meu esse sapato”, demonstrando vergonha na situação de admitir que o sapato era dela. Então esse dinheiro extra foi pedido ao pai para pagar a conta. Era uma “conga” colegial preta, e comprava-se em Ponta Grossa.*

*Depois caminhavam em frente ao cinema, ao teatro e aos dois leões e entravam no portão lateral da escola Vicente Machado, e naquele tempo não existia merenda escolar, cada um tinha que trazer a própria merenda. Então na sala cada um sentava em seu lugar, e amigos não existiam muito mesmo em brasileiros. Essa escola era a única que existia em Castro nesse período para*

*crianças em 1967. A primeira professora de Gaijin chamava-se Dolarinda. Ela estava no primeiro ano e era a última, e no recreio ela ficava perto dos japoneses, porém não conversava muito com eles, mas entre eles haviam conversas e os japoneses sempre eram muito unidos. Entre os brasileiros Gaijin não era discriminada, e era uma pessoa normal. Os alunos do internato sempre eram bem vistos, pois eram sempre os melhores alunos, e Gaijin acompanhava o ritmo de estudo e a média sempre era nove e dez. Na hora de entrar nas salas eles se misturavam, porém não eram muito de conversar com os outros. Na hora da saída eles formavam o grupinho e os mais velhos do Vespasiano já estavam esperando os mais novos do Vicente, e o retorno de volta era o mesmo.*

*Depois que Gaijin fez exames de admissão em 1970, ou era aprovado para entrar na quinta série ou era reprovado e tinha que estudar mais para conseguir entrar no Vespasiano. A delegacia não existia ali na rua Tiradentes, era perto do Banco do Brasil.*

*Chegava no internato um pouco depois do meio dia, e a rotina era almoçar no refeitório, e o cardápio era japonês; o gohan o arroz úmido sem sal, feijão com soja, meio a meio, sempre tinha salada e carne, com batata, e basicamente era essa a alimentação. De noite tinha a diferenciação com o chawan de sopa que se podia pegar, e também às vezes tinha macarronada e kare com pimenta amarela, que tinham que comer com água por motivo da pimenta, e Gaijin gostava e não eram de comer muito. Na quantidade de alimentação Gaijin sentiu uma diferença com a vida que levava em sua casa, pois em casa sempre tinha um pão caseiro a sua disposição.*

*Antes de almoçar todos tiravam o uniforme da escola e ninguém poderia sair da mesa antes do último comer daquela mesa de seis pessoas. Havia a gentileza de passar a alimentação para o do lado. E uma vez por mês homenageavam os aniversariantes do mês, e havia um bolo, onde cada um pegava um pedaço com um copo de chá, e meia dúzia de balas, e às vezes uma banana ou uma laranja, que às vezes era a sobremesa.*

*A sopa fazia parte do cardápio noturno, um dia tinha outro dia não, e eram sopas simples algumas tinham apenas o miso dentro com cebola, e sempre era*

diferenciada. O refeitório tinha janelas, mas Gaijin não se acostumava prestar atenção para fora, sempre prestando atenção na refeição em silêncio como todos e o sensei sempre chamava a atenção caso tivesse alguma mesa bagunçada. No dia que se comemorava os aniversários do mês o sensei falava em japonês que seria o dia de comemoração e pedia para cada aniversariante se levantar, e deixavam a cadeira ao lado, e Gaijin ficava tão orgulhosa do dia de seu aniversário porque todo mundo cantava parabéns, e então pegava a laranja ou a banana, e era proibido que alguém trouxesse de casa alguma alimento diferente.

Uma hora da tarde exatamente todos iam para as salas de estudo e se faziam as tarefas da escola. Tinha uma professora auxiliar que dava uma reforço, e tinham muita tarefa, Gaijin passava mais de duas horas fazendo tarefas de português matemática, e naquele tempo tinha que se estudar muito. E a professora de reforço também dava tarefas, e ela era japonesa e a aula era em português. Então depois iam todos tomar o chá da tarde, com meio pão sem nada. E depois do chá todos iam fazer aula de nihongo, a aula de japonês, e depois as meninas faziam trabalhos manuais com bordados.

A aula de japonês era diferenciada segundo o nível de cada aluno. E Gaijin em certo momento sempre tinha a companhia de três alunos em todas as suas atividades, pois tinham a mesma idade e estavam no mesmo nível escolar. Depois da aula de japonês tinham atividades culturais, como dança, e bordados sempre ligados a cultura japonesa. Todo dia a atividade era diferente, e das cinco até as seis horas havia um tempo para brincar. E nesse momento que Gaijin era a empregada na brincadeira de casinha, com suas invenções.

Com o passar dos anos foi melhorando a vivência de Gaijin com os japoneses. Eles tinham uma amizade fiel, e por ela ser sempre mais isolada tinha mais aproximação com todos que estavam tristes e também isolados. Então tinham as confidências e os segredos e Gaijin sabia sempre o que acontecia entre eles, mas sempre ficava em silêncio e guardava o segredo.

Quando tinha o sensei, a obaa-san ou professoras, não havia a discriminação, mas quando estavam sozinhos Gaijin era diferenciada. E houve crianças que receberam educação em casa que não se podia conversar com



estranhos ou brasileiros. Por essa razão teve uma vez uma menina pequena que disse para Gaijin no banheiro onde todos arrastavam o chinelo que ela não podia se aproximar dela. O pai de Gaijin foi convidado pelos pais dessa menina para jantar em sua casa e receber o pagamento pelos serviços prestados, e Gaijin foi junto em um domingo. E as duas não conversaram na mesa e se mantiveram a formalidade, e os pais de Gaijin provaram a comida japonesa, e a menina observou que o pai de Gaijin trabalhou para o pai dela, e no outro dia, na segunda-feira no internato a menina disse para Gaijin: “sai, não chega perto, sai, filha de camarada”. Os japoneses costumavam chamar os empregados de camaradas, e os camaradas jamais entravam dentro da casa, o máximo que eles chegavam era na janela para receber o pagamento, e assim era o relacionamento com os brasileiros.

Então depois da janta que começava as seis horas era a hora do ofuro, e ficavam ali na água quente, e não podia se ficar muito tempo no ofuro porque tinham muitas meninas, e era pequena, retangular, e o primeiro era feito de madeira, e para os meninos e as meninas era a mesma, só tinha uma parede com um furinho, e as vezes tinha malandragem do lado dos meninos, eles colocavam o dedo para o lado das meninas, e às vezes colocavam outra coisa.

Depois tinha um tempo para assistir televisão no refeitório, e gostavam muito de assistir o desenho “Nacional Kid”, que era um desenho japonês. A novela que Gaijin de lembra era “Irmãos Coragem”. E assistir televisão era uma opção, e então às vezes se dedicavam ao estudo. E no estudo de japonês Gaijin não gostava, e eles sabiam falar e ela não sabia e não tinha tradução para ela, e ela lia sem saber entender o que estava falando, ela decorava, e no primeiro ano não tinha conseguido ir muito bem, mesmo sendo alfabetizada antes de ir para escola Gaijin teve dificuldades com o idioma japonês, e escrevia errado às vezes. Passando o tempo ela se manifestou que não queria fazer japonês e eles não aceitaram abrir exceção porque Gaijin não sabia o quanto aquilo poderia ser importante para ela. E foi que de fato foi importante no seu primeiro emprego no banco América do Sul, e ao descobrirem que além dela ser a melhor em outras disciplinas ela sabia falar japonês, o que a deixou em grande situação dentro do

banco. Desse modo muitos japoneses que moravam em Ponta Grossa mandavam remessas de dinheiro para o Japão, e sempre quem sentava junto com esses japoneses para pegar endereços era Gaijin. E muitos deles trabalhavam na Harima do Paraná, na petroquímica, que vinham do Japão para trabalhar e mandar dinheiro para seus parentes no Japão. Uma vez um japonês chegou para ela e disse: “eu quero cassar”, e então como o guarda-chuva em japonês chama-se kasa ela mostrou o seu guarda-chuva e perguntou se era aquilo, então ele respondeu que não, e ela perguntou “okane iru” (você quer dinheiro?) e ele respondeu, “hai, hai, okane” (sim, sim, dinheiro). Ele queria falar no começo “eu quero sacar”.

Em determinada hora o sensei desligava a televisão e falava “oyasuminasai” (boa noite), todo mundo ia para seu quarto. Normalmente neste horário todos escovavam os dentes e nem sempre dormiam. A competição entre eles era sempre levada a sério, uma palavra que sempre falavam era “gambate” e o lugar onde eles mais estudavam era no banheiro, onde eles decoravam toda a lição. Eles fechavam a porta do banheiro, sentavam e decoravam toda a lição da escola. Gaijin lembra que sempre quando ia escovar os dentes encontrava alguém no banheiro decorando nomes de rios, capitais para a prova de geografia. As aulas de geografia na escola eram muito puxadas, todas tinham que saber no mínimo oito localizações de cor, por exemplo: se a professora chamasse para ir até o quadro e apontasse para um país, o aluno teria que saber todos os dados geográficos de cor, população, área, rios, etc. Na escola os alunos do internato eram os melhores e Gaijin lembra que todos os alunos passaram no vestibular na primeira tentativa.

Depois quando Gaijin virou chefe de quarto não houve mais histórias de terror a noite, porque sempre os mais velhos é que sabiam as histórias e ela nunca gostou. Todos iam estudar no banheiro a noite porque o banheiro sempre ficava com a luz acesa, muitas vezes Gaijin levantava a noite, assim como outros japoneses, e ia ao banheiro estudar. O exagero nos estudos era fruto da exigência dos pais, professores e a competição entre os alunos. A rotina do internato continuou com Gaijin durante toda a sua vida, ela lembra que trabalhava o dia

*todo e que tinha apenas dez minutos para tomar o café e ir para a universidade a noite. Gaijin relata que só não foi a melhor aluna do curso de pedagogia porque a outra turma teve uma aluna que tirou uma nota melhor em filosofia porque os professores eram diferentes, e no trabalho a educação japonesa também influenciou muito.*

*Muitos alunos queriam fazer o científico no período da noite porém a administração do internato não permitia que os alunos estudassem de noite e isso foi um dos motivos para a perda de muitos alunos no internato. A maioria que tinha condição financeira arrumou um lugar para seus filhos ficarem em barracões e conseguiram estudar nesse período, deste modo os alunos saiam do internato e conseguiam estudar os dois cursos, era uma rotina árdua, no tradicional científico eram seis aulas os horários eram das 12:45 até às 17:50 e a educação física em contra turno. Física, tinham todos os dias, matemática e português todos os dias da semana, por isso que passavam no vestibular.*

*Sábado Gaijin arrumava as capas da cama e as roupas e se preparava para voltar para casa, sendo que as roupas mais pesadas eram levadas para casa para sua mãe lavar. Naquela época não havia telefone e ela ficava os seis dias sem falar com os pais. No início ela não gostava de voltar ao internato depois do domingo, não gostava da discriminação que sofria. Gaijin chorava muito quando sabia que seus pais estavam levando-a ao internato. Domingo a noite ela ficava na casa de um padrinho de casamento da mãe dela que moravam próximo do internato; os pais de Gaijin ficavam com ela na casa do padrinho até que ela dormisse, então voltavam a fazenda. No outro dia o padrinho levava Gaijin uma quadra a pé até ao internato. Gaijin no domingo a noite colocava seus braços sob a jaqueta de seu pai sabendo que se dormisse ele iria embora e não a deixaria ali, e pensava que desse modo acordaria. Porém quando acordava de noite nessa casa escutava o tic-tac do relógio e este barulho identificava que estava na casa do padrinho então ficava em pavor, isso acontecia de domingo para segunda, e de sábado para domingo ela dormia entre os pais abraçada.*

*Na fazenda Gaijin achava bom ficar com os pais, no entanto domingo ainda tinha as tarefas de casa. Ela vivia entre educação alemã e japonesa e*

*percebe hoje que o que mais pesava era a obediência e o nunca responder, o pedir desculpas e fazer sempre na primeira vez, não existia falar duas vezes; a obediência nascia dentro de casa e persistia no internato. Ainda hoje Gaijin sente dificuldades de fazer o que se quer, sempre acaba seguindo alguma ordem mesmo contra seu gosto. Gaijin se identifica com o japoneses. E lembra do dia que o professor mandou uma aluna ao quadro para escrever um kanji, e a aluna se negou ir ao quadro então o professor disse: “se você não sabe fazer uma letra no quadro você não serve pra humanidade, shinda yo, se mate”. E Gaijin disse que aquilo foi muito forte, e choraram na sala, e serviu de lição para ela nunca desistir e sempre persistir.*

*Gaijin ainda conta sobre a comemoração do “undokai” (a festa do camponês, no dia 25 de julho. E para os japoneses que estão aqui, em primeiro lugar é o Brasil, o país que acolheu eles, e depois o Japão, eles não esquecem suas origens, então nessa data era hasteada a bandeira do Brasil e cantado o hino brasileiro e em seguida a bandeira do Japão e cantado o hino japonês. Depois começavam as competições com méritos, desse modo os alunos começaram a acordar as cinco da manhã e ficavam até as seis horas correndo, pois esse era o pensamento japonês de resistência, se morar até 3 km da escola deveria ir caminhando, mesmo que chova e quanto mais esforço mais forte se fica, e essa perspectiva Gaijin ainda pensa desse modo.*

## **ANEXO 2 – O CASO DA SENHORA X**

*Senhora X chegou no Brasil em 1953, e ela estava então com 12 anos, e foi uma coisa boa vir para outro país, pois tudo era diferente. De Holanda para cá veio de navio e passou por vários lugares como Recife e Vitória, e dava-se para perceber que era tudo diferente e bonito. Todos eram holandeses e os mais velhos já faleceram. Quando Senhora X chegou em Castrolanda o núcleo urbano não existia por completo, tinha apenas a cooperativa, um local onde durante a semana era escola, uma parte era o escritório da cooperativa e nos domingos era usado como igreja. Esse local era onde está hoje a cooperativa Castrolanda.*

*Todos falavam holandês e quase ninguém falava português, e pode disser que colocamos todas essas famílias da Holanda aqui e continuamos vivendo como se estivesse na Holanda. A relação com os brasileiros era pouca, não tinham funcionários, eram eles mesmos que tinham que trabalhar. E a escola era nas duas línguas, como Senhora X não falava português os pais dela mandaram-a para escola, e ela ficava toda perdida porque no começo era tudo em português e ela não entendia nada. Uma moça de 17 anos que dava aula e também ficava perdida. Logo foi se adaptando com o idioma português, e haviam pessoas que sabiam bem português e fizeram tudo que tinha que ser feito em português e o resto ficou em holandês. Quando se precisava assinar alguma coisa tinha uma guia que explicava direito do que se tratava.*

*O pai da Senhora X na Holanda tinha verduras e vacas, então aqui ele começou com vacas leiteiras, então comprou vacas na Holanda, trouxe para o Brasil e trocou por outras vacas que já estavam acostumadas com o clima, porque as vacas holandesas morreram bastante no começo. O pai dela não era uma dos grandes então no começo sendo pequeno agricultor sabia que tinha que trabalhar bastante e segurar bastante o dinheiro para conseguir, e eles conseguiram. A Senhora X trabalhava na leiteria com seu pai, e o pai dela já tinha 56 anos quando veio para o Brasil, e ele ficou doente então sendo filha única ela começou a ajudar a tocar sozinha os negócios da família. Eles já estavam bem, então os pais dela compraram uma casa no centro de Castrolanda para passar a velhice, enquanto ela ficou na fazenda que eram 7 km do centro de Castrolanda.*

*Então a Senhora X casou-se com um homem de pais misto, a mãe era holandesa e o pai alemão, e ele morava em Carambeí. Porém ele se acidentou e faleceu, então a Senhora X se casou novamente, com um holandês de Castrolanda. Ela terminou o ensino básico na Holanda, porém no Brasil não progrediu devido ao trabalho, então não podia mais fazer estudos, porém ela lê bastante e o idioma português ela aprendeu sozinha. A interação com os brasileiros sempre foi pouca, e a leitura em holandês sempre foi mais fácil, o idioma português ela lê pouco, o idioma português é mais usado e aprendido com a televisão. No começo não tinha televisão, mas depois compraram a televisão na copa do Mundo de 70, e a televisão ajudou muito, porém Senhora X gosta mais de ler do que assistir televisão. Existe uma biblioteca grande em holandês no moinho. No dia-a-dia conversa apenas em holandês, em casa é apenas em holandês, porém no trabalho que é uma oficina de costura existem aprendizes brasileiras onde pratica um pouco da língua. Mas quando Senhora X precisa explicar alguma coisa deve ser em holandês, porque uma coisa mais complicada falta palavras em português. Como também estão trabalhando com o povo daqui, os trabalhadores daqui, que também não foram muito pra aula, que tiveram talvez o ensino médio ou básico, e eles também não são tão envolvidos, então o português nosso dá conta.*

#### **A CASA**

*A casa da Senhora X é composta quase completamente por objetos da Holanda. A mesa central da sala eram dos pais dela, e foi comprada em 1929, na Holanda quando eles casaram. Quando os pais dela faleceram quase todos os móveis ficaram com a Senhora X. Existe esse conjunto típico que é para café que é da Holanda. Na época era muito fácil, não tinha arquiteto, a casa foi feita em um esboço e alguém vinha e fazia. Ela estava com 4 filhos e tinha ficado viúva e os pais dela moravam ali do lado, então para não deixar todos sozinhos ela vendeu as vacas e a fazenda para comprar esse terreno e terminar essa casa, que era uma casa pequena e foi aumentada em duas vezes, no centro de Castrolanda, e a*

*arquitetura holandesa não tem muita influencia nessa casa, porque ela foi aumentada aos poucos então ficava do jeito que dava.*

### O COTIDIANO DA SENHORA X

*Senhora X acorda 7:00 ou 7:30 então levanta e vai fazer o café, e por ser evangélica sempre lê uma trecho da bíblia depois de todas as refeições do dia, em holandês. A refeição matinal é chá com leite e pão, então ela vai lavar a louça, arrumar a cama. Segunda-feira ela vai para um estudo bíblico com algumas outras senhoras, então tomam um café juntas e fazem oração para quem querem e depois lêem trechos da bíblia em holandês, e cada segunda-feira elas vão em uma casa diferente, não apenas no centro de Castrolanda, mas também nas fazendas.*

*Então depois vai para casa preparar o almoço no estilo brasileiro, feijão e arroz, salada e carne. O que é holandês é um fruto e ou um iogurte na sobremesa, e também uma batata como preparada na Holanda. Depois de tarde ela vai visitar um doente, um idoso, ou vai para cidade de Castro, é uma tarde livre. A Senhora X é aposentada, e o marido dela vai jogar sinuca e das 17 até as 18:30 ele chega e fazem uma janta, e ele tem duas noite que vai jogar cartas, então ela vai ou visitar alguém, ou vai no computador se comunicar com sua filha e parentes na Holanda. A filha dela está na Holanda e casou com holandês e os outros três filhos estão na colônia Castrolanda e falam português com sotaque, enquanto os netos dela já não conseguem entender muito bem o holandês.*

*A Senhora X tem uma atividade na oficina de costura com uma amiga também imigrante. Onde ajudam outras pessoas a apreender a costurar e pegam alguns trabalhos da cidade de Castro e eles podem trabalhar em outros lugares e ganhar com isso. É um curso que tem duas fixas que ganham salários, e vendem roupas, chegou a ser uma micro-empresa.*

*Terça-feira até sexta-feira eu levanto cedo, e esse é o último ano na oficina de costura, Senhora X vai fazer 70 anos e quer mais paz para continuar. Ela gosta de ir para a oficina de costura porque tem muito contato com pessoas. Ela aprendeu a costurar no Brasil e quando trabalha lá ela de manhã faz o café*

*em sua casa e leva para a oficina de costura e dá uma olhada em tudo. Então depois de tomar chá pela manhã existe no costume mais um lanche pela 9:30, esse ela vai tomar com o seu marido, e logo depois arruma a casa e volta para a oficina para dar uma ajudada, e volta novamente para casa fazer o almoço, e então de tarde ela volta para a oficina e lá fica até as 17:00.*

*Antes não era assim ela abria e fechava a oficina, mas agora existe uma funcionária que pode fazer isso por ela. Pela tarde ela faz o lanche lá na oficina, e não volta para casa. O lanche substitui o jantar, pelas 18:30. Logo após isso ficam em casa a Senhora X e o seu marido, então assistem televisão, Jornal Nacional, e ela às vezes vai ler um livro. E depois os dois jogam juntos. O português é basicamente pela televisão, mas o marido dela tem mais contato porque é agricultor e trabalha com muitos brasileiros fora da colônia. Os pais da Senhora X não aprenderam a falar português e pra eles importante porque se sempre falam em holandês como poderão falar com seus netos? Então também a Senhora X precisa manter a língua portuguesa.*

*Todos os filhos falam holandês de casa e português da escola. Os netos dela apenas uma menina fala bem holandês o resto não fala mais, e tem uma bisneta que fala para a outra “não entendo aquele inglês que a Oma fala”, se referindo ao holandês. As casas dos filhos dela têm bastante objetos da Holanda porque eles viajam muito hoje em dia e tem contatos com a Holanda. Não muito, mas a filha que mora lá trás as coisas de lá, se ela sabe que alguém gosta ela trás. A Senhora X diz que não são como os brasileiros, mas também não são mais como os holandeses lá da Holanda. Mas quando estão indo para Holanda, encontram pessoas que perguntam: “da onde vocês são”, e respondem: “nós estamos morando no Brasil”. Eles não acreditam porque ainda estão falando bem o holandês. E também na Holanda se tem as línguas diferentes, no norte, no meio do leste. Quando o seu marido fala bem a língua dele com o sotaque na Holanda, uma vez ele conversou com um holandês e disse que veio do Brasil e o holandês disse que não, e que ele tinha vindo do norte da Holanda devido ao sotaque. Então ele não queria acreditar, mas era verdade, mas com a leitura você cresce e não usa o holandês antigo, e tem muitos que assistem o canal holandês, mas ela*



*não quer justamente por causa da língua, porque se assistir apenas holandês ela vai perder o português e ela tem os netos e os bisnetos que só falam em português, e aí não pode mais falar com eles.*

*Quarta-feira sempre vou na biblioteca trocar livros, e vai fazer compras em Castro também e a rotina é assim.*

*No sábado de manhã fica em casa arrumando e lavando roupa, e de tarde os filhos levam ela para algum evento, então pela noite chega em casa e janta assiste televisão e lê um livro.*

*No domingo vai a igreja no culto das 9:30 e de noite as 20:30, é um em holandês e outro culto em português. Ela acha que de 70 pra cima ainda quer holandês, e o resto não precisa mais. Domingo pela tarde é outras atividades, vão visitar as crianças, ou vai pescar, ou passear.*

*Nesse momento da conversa chegou o marido da Senhora X e disse:*

*Sim usam meio misturado, meio holandês, meio português, depende também com quem que vai conversar. Automaticamente a língua vai pra trás, claro, o holandês com o tempo pode saber que some, porque o contato com a Holanda é mais por parentes do que por interesse, então com o tempo pode saber que somente vão usar o português. Com o tempo o parentesco fica mais longe e vai se gastando a língua. A língua brasileira é muito rica, e muito bom. Na sinuca se fala holandês, e o sistema do jogo muda um pouco, tem o bilhar e a sinuca. Bilhar é outro jogo, é com três bola somente. Nosso jogo é com 15 bolas, e falam meio holandês e português.*

*Senhora X continua:*

*Todos os empregados são de língua portuguesa, e eles tem empregados, e então as crianças também falam em português, eles vão para a aula de holandês, mas é opção, não precisa fazer. Então o professor diz que devem falar em holandês em casa, mas ninguém fala, a tendência é falar menos o holandês. Os dois netos são casados com brasileiros. Tem muitos que falam que o holandês não é tão importante, o inglês é melhor. Enquanto tem família lá se usa holandês. Os filhos fizeram estudos aqui, universidade é diferente. Os mais velhos falam em holandês.*

### **ANEXO 3 – O CASO DO SENHOR W**

*Quando Senhor W chegou no Brasil em 1951 a mudança foi muito impactante, primeiramente por causa da imensidão do Brasil, e o Paraná é oito vezes maior do que a Holanda. Com a população muito parecida com o da Holanda, o Paraná com quase 240 mil km<sup>2</sup> e a Holanda com 37 mil km<sup>2</sup>, e tem que descontar 5% de água. A agricultura era forte, no tempo que os pais saíram da Holanda, cerca de 30% era agricultura, hoje é menos de 1% vivem da agricultura. Aquele tempo o governo da Holanda queria eliminar 50% dos agricultores com facilidade de imigração, e hoje desses 1% a meta do governo é que 60% saiam do ramo. Quando os pais saíram as propriedades eram de sete alqueires.*

*Em 1969 quando Senhor W parou de trabalhar com leiteira haviam 200 pessoas trabalhando, e ainda hoje são, mas ao invés de ter perto de 1.500 litros/dia, hoje os sistemas alcançam 20.000 litros/dia. Senhor W parou em 1969 quando o maior produtor atingia 1.800 litros/dia, e esse era o ramo que assumiu junto com o seu pai, que trabalhava com agricultura também. E as propriedades eram na média de 10 a 15 hectares na Holanda, e o gado era fechado em curral para evitar custos com empregados e depois da neve de outubro nada mais sobrevivia no pasto.*

*No Brasil tudo ficou 1 por 4, desde do tamanho das terras até o número de gado, tudo multiplicou por 4. Hoje em dia agricultura necessita de muita terra, com 30 a 40 hectares não sobrevive mais, mesmo na Holanda. Senhor W visitou em 1988 uma região da Holanda, onde antes seus pais tinham 30 hectares, e descobriu que apenas um único empreiteiro explorava 480 hectares com pequenos propriedades. Hoje se comprar uma máquina tem que fazer 1000 a 2000 hectares senão não sustenta o sistema. Essas máquinas verdinhas e vermelhinhas que se vê por aí, cada uma tem que fazer de 700 a 1500 hectares para se custear. O filho do Senhor W tem uma e tem que fazer de 500 em 500 hectares para manter o sistema.*

*A New Holand tem indústria nos USA no Brasil, mas hoje são todas do mesmo complexo financeiro. Quando Senhor W visitou no Holanda a fábrica das máquinas Lewin eles dentro daquela fábrica eles faziam oito marcas, só trocavam*

os carimbos, e todas na mesma linha de produção. A Massey Ferguson, por exemplo, antigamente era uma marca, hoje é apenas um dos itens daquele complexo industrial.

O Senhor W aprendeu o português no dia-a-dia, porque havia o futebol e tinha que aprender pra xingar os outros em português. Jogavam com brasileiros quando criança. E a convivência foi tudo, porque o estudo pra nenhum praticamente ajudou, porque estava fazendo o quarto ano na Holanda e chegou aqui e começou o primeiro ano no Brasil e as aulas em português, e não entendia nada e brigava com os professores, porque quando ela colocava números no quadro as respostas muitas vezes já estavam antes dela responder, porque número é número, e as contas eram conhecidas, e na Holanda no quarto ano não eram feitos contas no papel, eram tudo na cabeça.

Todo dia o Senhor W usa o holandês, tanto em casa como no trabalho, e ele recebe muito viajante, e quando atende o telefone, mal pega e já sabe se irá falar em holandês ou português, porque apenas o “alô” do outro lado da linha já lhe diz qual a língua que será melhor usar. Senhor W divide as classes de pessoas que usam o idioma com si mesmo, diz que os que são mais novos que ele aprenderam indo pra escola e tem mais facilidade em falar o português e os que são mais velhos que ele praticamente só falam holandês porque não tiveram oportunidade didática para aprender o português. E para fazer um diálogo a tendência é usar o idioma materno. A mãe dele aprendeu o português apenas para conseguir fazer as compras, e somente isso. Os irmãos mais velhos sempre estudaram no Brasil e aprenderam bem o português.

Senhor W casou com uma holandesa, e os filhos não pegaram muito bem o holandês porque passavam mais tempo nas escolas do que em casa, mas um dos filhos ficou seis meses na Holanda e teve que sobreviver com seu holandês. Geralmente em algum ramo de estudo faltam as palavras para ele se expressar, e aqueles que aprenderam o português nos estudos não conseguem se expressar na linguagem do dia-a-dia do comércio. E isso se permanece. Como foram 50 famílias, um grupo de 380 pessoas, então se tem 380 pessoas para se falar a língua mãe. Ao redor tem colônias de alemães que exigiam dos filhos para falarem

*apenas em alemão, e na loja deles para pedir explicação para um cliente o filho tinha que falar em alemão com o pai na frente do cliente porque o pai não respondia se fosse em português. Forçar a falar, não existe isso aqui em Castrolanda. Os alemães são mais conservadores, eles tiveram escolas em português desde 1920, e muitos não conseguiam vir aqui em Castrolanda e negociar em português porque em casa não se podia praticar o português e só na escola não era possível aprender o idioma.*

### **IMPACTOS**

*A alimentação mudou completamente na consistência, em primeira parte Holanda é um país mais frio, o corpo precisa mais gordura. Na Holanda não se planta arroz, é sempre importado e assim é mais caro. As antigas colônias holandesas, como a África do Sul, indonésia, e isso trouxe muita coisa para culinária holandesa no estilo da indonésia, um estilo que o brasileiro não como aqui no Paraná, mas come na Bahia, mais apimentada e a culinária é mais africana, e mais apimentada como a holandesa. O modo de fazer a alimentação é sempre estilo holandês e sempre temos pratos holandeses nas refeições, são plantadores de batata e tem que consumir batata também. Antigamente se plantavam 8 a 10 hectares de batata por ano, hoje plantam 350 hectares por ano, e plantando o ano inteiro. Na Holanda era uma só vez, e aqui plantamos 8 meses e depois plantam no norte do Paraná em regiões mais quentes e plantam mais 3 meses, e produzimos batatas o ano todo.*

### **COTIDIANO**

*Senhor W tem o hábito de ler e diz que lê em holandês no mínimo três vezes mais rápido do que em português. E o canal de televisão ele assiste tanto os canais da Holanda quanto os canais do Brasil, e varia dependendo do programa, porque tem programas que tem grande parte política, os programas da Holanda sempre assiste política porque eles tem opinião mundialmente e com muito mais ingredientes do que aqui, e as políticas entre os canais do Brasil são sempre diferentes. Gosta de pegar os testes de palavras da Holanda, porque são*

*muito instrutivos, e valores das palavras, e gosta também de coisas desse gênero em português, gosta mais disso do que assistir novela, raramente ele gosta de entender a amostragem da política mostrada nas novelas, as políticas que por traz das cenas estão maquiadas em novela ele gosta de entender.*

*Senhor W tem relação com poucas pessoas na Holanda, uma relação familiar, e relação financeira ele não tem. Porque aqui é autosustentável, e poucas pessoas tem aqui como ramo aplicação financeira, que a maioria da agricultura está reaplicando suas condições financeiras dentro da Sistemac, poucos investem no mercado financeiro.*

*A relação com Carambeí é forte entre familiares e amigos, mas o trabalho não é muito ligado. A Batavo é a Batavo, Castrolanda é Castrolanda e Arapoti é Arapoti. Tem eventos de esporte organizado em seis comunidades holandeses do Brasil, onde ocorre todo ano em uma dessas comunidade, e também participam pessoas da Holanda e outros holandeses que moram no Brasil mas não estão dentro dessas seis comunidades.*

*Senhor W prefere usar as duas línguas, a profissão dele no posto de gasolina obriga a usar os dois idiomas. Os que trabalham em ramos agrícolas e são da idade do Senhor W têm mais dificuldades para falar português. Ele mora no centro urbano de Castrolanda atualmente, mas morou 53 anos na mesma propriedade encostada no centro urbano. Dá 1,5 km de sua casa até o posto, porém vai de carro não devido a distância mas por não saber exatamente o que precisará fazer no dia, onde deverá ir, às vezes tem que ir para Castro fazer compras. Duas vezes por semana tinha que ir para Curitiba, porque ele representava diretorias, e ficou 15 anos na cooperativa e dez anos como presidente da cooperativa Castrolanda, e tinha que viajar para todos os lugares.*

*A casa onde o Senhor W mora não tem arquitetura holandesa. As casas que têm aqui não são em grande maioria de estilo holandês. As casas holandesas tem telhados muito inclinados devido a neve e é usado a parte superior do sótão, e também não são casas muito grandes devido ao alto custo da calefação. As casas têm parede dupla para manter a calefação, e aqui raramente existem casas com paredes duplas para manter a calefação no inverno. No verão é mais frio que*

*aqui, e a pousada em construção é em parede dupla, essa é um estilo holandês assim como o moinho. Na Holanda as janelas são menores porque são lugares de desperdício de calefação, exceto de colocarem vidros duplos. Aqui encontram-se casas com janelas grandes. Se visitar a colônia Guarapuava e Witmarsung o escritório deles é tudo construído com vidro duplo, uma estética bastante usada na Alemanha. Não é apenas para estética, e sim para temperatura também, porque aqui de manhã a temperatura chega quase a 5°C no inverno, e chega a ser útil o duplo vidro.*

*Na casa do Senhor W parte dos móveis são trazidos da Holanda devido a herança dos pais, porém sofá, camas e outros não são mais, e alguns conjuntos de mesas ainda tem origem da Holanda. Essa lareira aqui do posto não é holandesa, é fabricada em Curitiba no Shopping Center Morumbi, na antiga indústria Fundação Morumbi, de alemães, e revendia-se aqui no posto porque tem muita estética e estilo muito parecido com a holandesa, mas a holandesa é fechada, totalmente fechada, e não usa carvão, porque carvão solta muito gás tóxico, e na Holanda tem que ter muito controle do fogão para não ter esse risco de tóxico no ar, porque existe na Holanda um certo risco de morte por intoxicação por gás carbônico, e esse gás é silencioso, vem acalma e a pessoa nem percebe e não acorda mais. O gás carbônico é mais pesado que o ar quente que saí, e por isso o risco, e hoje é tudo fechado com vidro e mica. Hoje na Holanda uma pessoa gasta cerca de 30% do salário apenas para a calefação nos seis meses de frio. É caro e necessário, a média é cerca de 15 a 12 graus negativos, e vai de Janeiro até Maio, e assim o volume de frio é maior, e isso significa que a população não cresce, pois as pessoas saem de lugares ruins para viver, pois a sobrinha está trabalhando para uma empresa no Canadá aqui em casa, ao invés de ficar lá em 36° negativos, ela está trabalhando pela internet em ótimos dias.*

*A imigração da Holanda para o Brasil reduziu muito, parte da convivência do Brasil com linguagem portuguesa é maior. No Brasil não tem ainda esses lugares onde podem se virar em inglês, as pessoas vêm da Holanda e pensam que com o inglês podem se virar, mas apenas 1 em 10 dos funcionários das companhias aéreas falam inglês. As netas ainda estão falando em holandês, e*

*quem vai se interessar pelo holandês aqui vai começar a se interessar pelo ramo de trabalho. Em todos esses anos as famílias aqui continuaram dentro do ramo agropecuário, mas a continuação das famílias vai cortando as propriedades e então vão pessoas para o comércio de trabalho, e todos os meninos que conseguirem levar as bolsas de estudos aqui conseguem melhores trabalhos na Europa do que aqui no Brasil justamente por falar mais do que duas línguas, normalmente os jovens falam o português, holandês e o inglês. No Brasil há muita concorrência para eles, pois se formam e tem que conseguir entrar nos 20% que conseguem emprego no ramo que se formaram. Os outros ficam em funções não definidas, administradores não definidos.*

*Diversos jovens daqui foram pra Holanda porque conseguem empregos por 2.000 euros, e justamente são melhores que a média geral por lá devido as duas ou três línguas que falam. As conexões exteriores eles tem sempre vantagem, pois tem direito a cidadania holandesa, e conseguem se comunicar muito bem em outros idiomas. Isso aqui ajuda muito aos jovens. Antigamente o holandês para assumir a cidadania brasileira perdia a holandesa, o Senhor W não perdeu a cidadania pois não se tornou brasileiro, ele não se sente brasileiro nem holandês, apenas se sente muito bem aqui no Brasil. Muitos dos seus colegas viraram brasileiros para conseguir terrenos em nomes e propriedades, mas como o Senhor W conseguia falar bem português sempre conseguia adquirir os terrenos que queria, apenas demorava um pouco mas sempre conseguia a autorização.*

*O posto não é vinte e quatro horas, fica aberto das sete as sete, e geralmente o Senhor W chega as oito da manhã e volta para casa as cinco da tarde. Almoça em casa com sua esposa, ultimamente está apenas em família, mas antes quando trabalhava na cooperativa não tinha tempo e almoçava em restaurantes, mas hoje é apenas ele e sua esposa e não deixa ela sozinha almoçando. Praticam alguns costumes, começam cada refeição com uma oração, que é um costume que veio da Holanda, mas que é mais da religião, todo presbiteriano e luteranos tem esse costume que são muito próximos, todas as refeições no início e no final se faz uma leitura da bíblia ou de algum livro diário baseados em textos bíblicos, para manter os filhos também acostumados com as*

*idéias e orientar a pessoa em suas definições. Os filhos são todos casados e participavam em holandês e hoje só falam em holandês em casa, mas às vezes tem a empregada e falam português, a esposa fala bem o português, mas quando tem algum texto complicado ela não consegue, ela quando lê prefere em holandês. Lêem revistas em português e holandês. A filha lê muito em português e lê às vezes em holandês. Ela estudou curso superior em Curitiba, assim como os outros filhos.*

*A maior parte da população de Castrolanda mora na área rural, os que moram no centro urbano têm ligação com o campo, pois aqueles que tem fazendas distantes preferem montar as casas aqui no centro para os filhos e a esposa. Os primeiros montaram quase todos as casas em suas fazendas, e como quase todos trabalham com leiteira precisava-se de uma dedicação maior, um atendimento disponível para o gado. Raramente um que trabalha com gado mora aqui no centro, e os que trabalham com agricultura e tem fazendas longe a maioria moram aqui no centro urbano. Cerca de 25% mora no núcleo urbano, os outros moram nas fazendas. O que une aqui, por um lado é a cooperativa e também a igreja. Os mais jovens se casaram e não tinham propriedades por perto e montavam as casas aqui para ir todo dia trabalhar, e os que montaram as casas nas fazendas distantes com o tempo os filhos foram crescendo e resolveram vir morar aqui no centro urbano. E sempre está crescendo. Muitos passaram as propriedades para os filhos e vieram morar aqui, como o filho do Senhor W que hoje mora na propriedade que ele morou por 53 anos. Pois ele que tem que trabalhar, e essas mudanças sempre acontecem.*

*Aqui existe escola em holandês que o próprio governo da Holanda estimula e querem que volumes de pessoas usem e mantenham a nacionalidade da Holanda e a língua. Aqueles que não tem a duplo nacionalidade ainda existe uma responsabilidade do governo da Holanda para ajudar em momentos de colapso financeiros e de saúde, e manter o idioma. Dos filhos os dois estão estudando a língua holandesa, a filha mais velha é casada com um político e não consegue pegar bem a língua pois não usa em casa. A escola é uma escola particular e recebe brasileiros, ela é a básica, e tem a parte brasileira que é*



*completa, e é obrigatória, então a parte holandesa é opcional e não é completa. Porque a escola holandesa pratica mais a língua e a cultura, e a obrigatória continua sendo a brasileira. Tem brasileiros entre eles que participam da escola holandesa e praticam teatro em holandês e conseguem falar em holandês. Porque nessa idade eles estão mais abertos para receberem, porque a mesma idade das crianças estimula o aprendizado. Alguns estimulam e outros não gostam, cada um no seu.*

*Os japoneses começaram em 1958 comprando as terras em redor as de Castrolanda, e sempre eram ligados a Cooperativa Cotia, e descobriram que nessa região se conseguiam fazer sementes de batata, precisava-se de uma temperatura estável então eles começaram a fazer cavernas onde deixavam as sementes em temperatura estável e a temperatura de 15°C deixava a batata crescer bem. Já na época da guerra, os japoneses estavam com praticamente 80% da produção de hortaliças de São Paulo, começou-se a retirada de alemães e japoneses de suas terras por ações políticas, e como 80% da produção de hortaliças de São Paulo parou tiveram que permitir novamente que os japoneses trabalhassem. Nem todos os japoneses eram fanáticos, mas os alemães quase todos eram fanáticos aqui na região.*

#### **ANEXO 4 – O CASO DO SENHOR SENSU**

*Senhor Senshu veio para o Brasil em 1957, e tinha 20 anos na época. Veio sozinho para trabalhar com a Cooperativa Cotia, que junto ao governo japonês trouxe para o Brasil 2.300 solteiros para trabalhar e viver no Brasil. Primeiramente trabalhou em São Paulo e depois chegou em Castro em 1979, como professor do internato. Colônia Japonesa aqui começou em 1958, ficou apenas um ano no internato depois mudou para trabalhar com silo, secador de cereais da Cotia. Trabalhou na Cotia por 12 anos, que em 1994 fechou. Ele ensinava no internato a língua japonesa, e tinham 180 alunos, e 160 internados, e todos descendentes de japoneses.*

#### **IMPACTOS**

*Teve bastante impactos, porque em 1957 esteve aqui, e em 1945 o Japão perdeu a guerra e não tinha nada, não tinha comida, não tinha emprego e se formavam e não tinham profissão, ele se formou com 40 alunos e 20 não acharam emprego, estava com 9 anos quando terminou a guerra. Lembra da bomba atômica em Hiroshima e Nagasaki, morava em 80 km de Tokyo, e Hiroshima é 700 km de Tokyo, mas foi feio e a sua cidade tinha há 10 km uma fábrica de aviões para guerra, e os americanos bombardearam bastante essa fábrica. E lembra que boings B-29 com quatro motores jogavam bombas de uma tonelada.*

*A língua portuguesa é bem diferente da japonesa, e como agricultor não estudou nenhum dia na escola, apenas trabalhando no campo, e com 53 anos de Brasil ainda não fala bem. Estava até 1957 no Japão e se formou no curso de agricultura e veio trabalhar em São Paulo, e andou por bastante lugar, São Paulo, Brasília, Cambará, Amdirá e chegou em Castro em 1979.*

*A casa não é arquitetura japonesa, agora sim, mas antes não foi assim, esse foi em 2000 reformado e em 82 com seus dois filhos construiu aqui, a planta era mais reta e ficou mais inclinado o telhado porque faltou telhas e não foi copiado estilo holandês, ficou assim sem querer.*

*Senhor Senshu tem cinco filhos, quando um dos filhos completou 15 anos começou a assentar tijolos para construir a casa. Os filhos estudaram no internato*

*e por isso falam bem japonês. Uma filha e dois filhos estão no Japão, um mora em Castro e o outro mora em Ponta Grossa. A esposa dele também é japonesa e em casa falam apenas em japonês. Senhor Senshu com seus 73 anos hoje é aposentado. Tem uma pequena horta aqui como tiririca faz pequenas coisas. A esposa faz queijo de soja, o Tofu, e segunda-feira ela faz o Tofu com o departamento de Senhoras da associação de japoneses faz duas vezes por semana a feira de verduras, nas terça-feiras e sexta-feiras. Perto da prefeitura e ali na estação rodoviária.*

*Terça-feira, Sexta-feira e Domingo jogam na ACEC o Park Golf, esse não é o Golf, veio do Japão, é o golfinho, taco diferente e bola diferente também. Jogam no ACEC porque lá tem o campo fazem 10 anos. Existem campeonatos, ano passado em julho 40 pessoas do Brasil foram para o Japão em um campeonato mundial, 12 pessoas eram aqui de Castro, também pessoas de Curitiba, Itibaia e Londrina. Senhor Senshu foi participar, quatro pessoas, no masculino o campeão foi chinês, mas o segundo, terceiro, quarto e quinto foi ocupado pela turma dos brasileiros. Segundo e terceiro lugar foram aqui de Castro, e quarto lugar de Curitiba e quinto de Itibaia. No feminino primeiro e segundo lugar foram aqui de Castro, e o terceiro de Itibaia. Foi bom mesmo. Aqui no Brasil em janeiro teve competição em Itapetininga, e em fevereiro aqui e em Ponta Grossa, em maio em Calópolis, em julho em Londrina, e em setembro em Atibaia. E como esse ano em Castro o sul-americano vai ser aqui em Castro, e ano que vem os brasileiros vão para o Paraguai. Não é somente japoneses, tem bastante brasileiro também.*

### **ALIMENTAÇÃO**

*Os filhos estão no Japão e ano passado foi ao Japão trouxe muita coisa e a comida japonesa, o “nato” é um produto de japonês. Nesses vários potes guardo os produtos, esse é soja cozido, este é gengibre, come-se no almoço e na janta, este não é nem cebolinha, nem cebola, é outro tipo chama-se “rakyo”, em conserva. Este aqui não é pêssego nem cereja é “ume”, também é bem salgado e com esse produto meio vermelho de folhas. Este é frutos em conserva, tem outra*

*peessoa que planta, tem no ACEC também, não vem do Japão. Esse também é “ume” sem as folhas. Este é soja torrada, e este é outro tipo de comida, é o “ume” tem o mesmo gosto. Este é o “natto”, soja fermentada, esse come com molho japonês “shoyu”. Tudo isso é feito em casa, aprendeu com a esposa que veio com 15 anos, e aprendeu aqui no Brasil com outros japoneses mais velhos. Esses alimentos comem de manhã e tarde.*

*Almoço todo dia ao meio-dia e jantar é as sete horas, acorda todo dia as seis, e seis e meia anda pelas ruas com a esposa. Terça-feira, sexta-feira e domingo joga depois das 13 horas joga no clube o Park Golf. Só um taco e só uma bola, e é igual a golf, é mais fácil para velhos. É muito parecido com o Golf e a regra também é quase igual. A bola é maior, e a distância do buraco e o lugar mais longe é até 100 metros, é baseado no Golf americano.*

*Lê somente em japonês os livros, a TV é somente a NKH do Japão. Fala em português no dia-a-dia, mas pouco. Esse é nossa família falecido, do vó, chama-se “butsudan”, onde guarda a memória dos antepassados. Esse é o NKH, único canal que gosta de assistir. Esse são os prêmios, a esposa foi a terceira colocada, e todo mês tem campeonato e final do ano soma e dá prêmio, esse Senhor Senshu foi quinto lugar nesse ano, e esposa foi quinto colocada também. Esse é a medalha internacional, no qual foi terceiro lugar, e treina bastante. E esses são filmes todos em japonês e são os filhos que mandam para assistir.*

*Esse aqui como o Senhor Senshu e o seu filho começaram a assentar tijolo e puxaram a linha e quando se encontraram ficou um desencontro na parede. Esse é o “ofuro”, como agora esfria muito ai só usa esse que é mais rápido. Este também é “ofuro” de madeira, mas não dá vazamento, essa madeira é da Amazônia. Pela internet conversa muito com os filhos. Ano passado em 2008 fez cinqüentenário da imigração japonesa aqui em Castro, e não terminou a história, Senhor Senshu está fazendo DVD e livro sobre a história dos 50 anos, mas não tem tradução ao português. Ele é presidente da federação brasileira de Park Golk esse ano, e a cada dois anos muda. Bastante cartão de visita em japonês, esse é do jornal Nikkei, esse é da agência de turismo, pegou quando foi a São Paulo esses dias. Aquele calendário em japonês também é a agência de Turismo. O*

*contato com o Japão é familiar e também profissional, esse do federação do Park Golf faz parte da federação internacional, e entra em contato para organizar eventos.*

*Esse é as fotografias dos 50 anos do livro que está fazendo. Essas cerejeiras são do ACEC, e foi ele quem plantou todas as árvores. Junto com essas fotos de “sakura” Senhor Senshu quer comentar sobre a história da colônia japonesa em Castro no DVD. Também terá o livro. São três que vai montar e colocar tudo no DVD e para assistir em televisão. Pretende terminar esse ano, ninguém ajuda. A associação da ACEC que vai cobrir as despesas, mas para ele não paga nada. Esse livro desde 62 até 66, são atas de reuniões da cooperativa Cotia tudo em japonês. Agora acabou a Cotia em 1994. Esse é da inauguração. Agora é a Uni-Castro, é outra cooperativa. Esse é o livro, no dia do cinquentenário, essa pedra do memorial foi ele que fez, ele trouxe as pedras e foi buscar perto do Guararema com caminhão. Essas letras mandou fazer, e foi uma pessoa de Londrina que fez. A pedra preta é mármore e comprou em Ponta Grossa, veio um monge budista. Nessas fotos aqui tem o “sashimi”, e esses o Departamento de Senhoras, que fazem a feira. Esse é o grupo de dança japonesa, e esse prêmio é de uma revista de agricultura do Japão a “ie no hikari”, e essas senhoras da feira receberam esse prêmio da revista pelas plantações. Aqui são fotos do internato, esse é do começo, e aqui vários professores entre ele Senhor Senshu, que também moravam. Essas duas são brasileiras, porque aluno meio dia estuda em escola brasileira e meio dia em japonesa, e para reforçar as professoras brasileiras ajudavam. Esses são os falecidos da colônia.*

*Essas fotos são do Park Golf. são fotos de 2006 do campeonato Sul-Americano que teve aqui em Castro. Essas são fotos de cerejas. As reuniões são sempre pela primeira sexta-feira do mês com o pessoal da diretoria da ACEC, os outros associados participam cada um em seu evento. Agora maio vai ter o “sushimatsuri”, a janta japonesa, então se reuni todo mundo da colônia. Quase todos os japoneses de Castro fazem parte da ACEC, são 80 famílias, quase 200 pessoas. Esse senhor de Atibaia ganhou um prêmio de esporte, ele trabalhou*

*muito e foi reconhecido pela revista de São Paulo. O jornal Nikkei é quatro vezes por semana e chega até a casa dele.*

*Esse veio do Paraguai vende tacos e bolas de Park Golf, esse e-mail está em japonês, ele é japonês. Muitos contatos dele são para japoneses no Brasil, Paraguai e Japão. A maioria dos contatos é relacionado ao Park Golf.*

*Este quadro é quando em 2000 estive no Japão a Nona Sinfonia de Bethoven, ele ia ao Japão cantar no coral japonês, de 1985 a 1999 ele foi cinco vezes, agora não vai mais. Tem ele na foto no meio dos outros japoneses cantando no coral. Os filhos vem ao Brasil a cada quatro ano. Senhor Senshu se sente mais japonês morando aqui no Brasil. Este é neta dele na foto da família do Japão, no casamento de uma amiga de sua filha com um monge budista, monge japonês pode casar não é padre. Não se usa muito kimono, somente em festas e eventos. Aqui não usa kimono, muito difícil.*

*Este é o seu filho na foto com netos e esposa de nora que estão no Japão. Essa é neta, nora, sogra de filho, amigo e esposa de amigo, o sogro e o cásula que está no Japão, todos nasceram aqui no Brasil, todos tem dupla nacionalidade.*

*Justamente no centenário da imigração japonesa foi o quinquentenário, essas fotos é do dia da festa na ACEC. Esse é o cônsul geral do Japão de Curitiba, este é o prefeito e outros. Essa é a homenagem, e o Senhor Senshu também ganhou, porque fez muito trabalho no ACEC e ele que limpou o campo e plantou as cerejeiras, é grande tem oito alqueire. Não tem plantação somente cerejeiras. Esse jantar foi em 2008 no ACEC. Foram quase todos. A esposa desse de kimono é japonesa. Quando um japonês casa com uma brasileira, o filho casou com uma brasileira e os netos não falam em japonês. Com o tempo vai perdendo um pouco, só se for estudar no Japão então aprendem.*

*Esse é o marco colocou todas as pedras e o cimento sozinho. É assim. A cooperativa Uni-Castro agora tem bastante brasileiro, a metade é japonês e a metade é brasileira.*

*O dia-a-dia passa praticamente aqui na casa e no ACEC, e vai de carro. Vai para cuidar das flores de manutenção, tem caseiro lá e ele passa a roçadeira e limpa os campos, mas tem que mandar. Senhor Senshu é diretor do ACEC, e*

*cada um tem uma função, o presidente, o tesoureiro, tem piscina e campo, mas está desativado, e a criançada faz Taiko, o internato não tem mais, e agora tem uma pessoa que dá aula particular de japonês. O ACEC é o coração da colônia japonesa. Duas vezes por ano a janta japonesa, e as festas de ano novo, e a festa da cerejeira é feita no ACEC.*

*O estilo da casa não é japonês é misturado. Esse é o calendário da Kugler e essa é a flor de cerejeira do ACEC que foi ele quem plantou. Sakura é o hino japonês, o símbolo do Japão. Senhor Senshu gosta de pescaria, essa vara de pescar é japonês, a linha passa por dentro e de noite não atrapalha, porque não enrosca. Vai pescar no Rio Parapanama, em Guaruva, no porto de São Francisco, pesca rubalo. Tem técnicas de pescar.*

*É bom conversar com “nissei” aí entende mais. No escritório tem e eles explicam melhor. Tem terceira geração que ainda fala bem japonês. Tem agrônomo de terceira geração, que ainda fala japonês. Mas tem poucos, não tem muita chance, mas se estudar no Japão já aprende bem. A terceira geração e quarta geração freqüenta a ACEC ainda. E para jogar esse Park Golf para marcar os pontos é sempre “ichi, ni, san”, só em japonês.*

*Minha neta e meu neto da primeira filha falam bem japonês, esse tempo que esteve no Japão eles ficaram uma ano no Japão. Ela aprendeu bem, e é terceira geração e fala mais na terceira geração. O pai e a mãe são japonês, mas em casa não falam muito mas usam o japonês. Qualquer dia pode ir no ACEC para assistir, sempre domingo de tarde depois das duas. Ou depois das cinco horas os rapazes também jogam. Domingo joga das duas até as cinco e meia. É gostoso. O primeiro lugar feminino no campeonato Mundial é de Piraí do Sul.*

*Ali é um porão e aqui a plantação da esposa. Aquilo é uma enxada rotativa.*

*A previsão para terminar o trabalho da ACEC é daqui a dois meses que pretendo terminar.*

## **ANEXO 5 - O CASO DA SENHORA SENSEI**

*A Senhora Sensei chegou no Brasil em 1962, em julho, estava com 19 anos, e não veio para trabalhar, veio para casar com o marido. Ele já faziam 5 anos que estava no Brasil. Não se conheciam no Japão, naquela época depois da guerra, o marido dela já tinha vindo para o Brasil porém se conheceram apenas aqui. Naquela época cada casa no Japão tinham de 5, 6, 7, 8 até 9 filhos, porque depois da guerra era preciso repovoar o Japão. O filho foi na guerra e morreu, então os pais tinham que ter mais filhos para repovoar o Japão.*

*O marido dela é 24 anos mais velho, porque papai e mamãe tem que deixar o filho, e ela tinha 8 anos quando terminou a guerra. Ela estudou tudo completo no Japão. De navio duravam 45 dias até o Brasil, e o navio chegou aqui dia 20 de julho de 1962. Aquela época era difícil viajar de avião. Veio bastante pessoas, mais ou menos 1200 até 1300 pessoas. O governo fez a campanha japonesa de imigração de noiva. A cooperativa Cotia era muito forte junto com a sociedade, então o meu marido com os colegas dele, e no contrato eram 4 anos de trabalho, e veio independente para Castro, e ele precisava casar para ajudar na casa, e não queriam brasileira, era japonesas, e os colegas com ele pediram para trazer moças do Japão. E todo o mês vinha 12, 13, 15 noivas em cada navio. Algum já era conhecido no Japão, ela e seu marido nunca se encontraram no Japão. Senhora Sensei queria vir para o Brasil para lutar, trabalhar e não para casar. Só que quando mulher não podia vir sozinha para cá. Tem casar ou arrumar família, então ela aceitou casar com ele, e levou sorte porque ele é um homem muito bonzinho. Ela desceu em Santos, e foi para Pirai do Sul em São Paulo, 50 km da capital, e ficou lá um ano, veio para Castro em 1 de agosto de 1963. Ela e ele trabalharam na fazenda de um japonês e ele gerenciava. Ela ajudou por dez anos o marido na agricultura, e o filho mais velho já estava com 9 anos quando ela parou de trabalhar no campo com ele. Ela tem 5 filhos, e todos estão no Brasil, todos formados na faculdade. Um é formado em agronomia e estudou na Universidade do Japão por 2 anos o curso de Bain Technology, que é para plantação, tirar folhas para fazer mudas, é a mesma coisa que médico, ele fez dois anos lá no Japão e está trabalhando aqui no Brasil com isso.*



*A primeira filha estudou 10 meses língua japonês. Ela foi estudar na Universidade de Tokyo estudar japonês, e ficou 1 ano. E antes falavam aqui Japonês com os filhos, e agora os dois só falam em japonês, mas com os netos não. Os filhos não tinham dificuldade com o japonês, era direto para a escola, direto para a universidade. A Senhora Sensei aprendeu o português por um ano na escola, e se ajuntavam em aulas particulares. E depois aprendeu praticando. Em 1962 construíram o internato, justamente no ano que veio para o Brasil, e chegou aqui em 1963. Quando o filho completou seis anos ela o deixou no internato para estudar japonês e vir estudar no centro aqui no Vicente Machado. E todos foram estudar lá, pousar e comer tudo lá. Até fevereiro de 1973 parou de trabalhar no campo e começou a trabalhar no internato porque ela no Japão estava na ginástica típica, e treinava lá em competição, e começou a lecionar educação física e japonês, desde 1973 até agora porque a escola está continuando, o marido e ela trabalham no internato, e 1% do total da cooperativa Cotia era destinada ao internato. E aqui tem três casas, essa é a mais nova, e tem a mais antiga e sempre tinha 10 ou 12 alunos e precisava ficar aqui nessa casa da frente porque no internato era muita despesa e não podia se manter com 10 ou 12, e as gerações novas não tiveram muito interesse na língua japonesa, e hoje só tem cinco estudando. Não tem jeito. Então alugaram o prédio e depois venderam em 2006 para a escola.*

*Começou a dar aula aqui na casa em 2006 quando venderam o internato. Em 2004 ainda estava fazendo aula em uma sala, mas em 2006 veio para casa, e o nome da escola ainda é da ACEC, e tinham 7 alunos que dormiam aqui na casa, porque cada filho tinha um quarto e tinham 5 quartos e todos casaram e tinham espaço para todos os 7 alunos. Mas hoje não tem mais, e os pais ajudavam pagar pensão, comida e água, os pais deles moravam em Venceslau Bras e em Calopolis, e agora estão no Japão falam bem estão ganhando bem.*

*E em 1989 o imperador do Japão faleceu. E a diretora da escola aqui do internato estava casada e não queriam mais ficar aqui no internato e decidiram ir para o Japão e a Senhora Sensei ficou sozinha cuidando de tudo. E em 1989 ficou sozinha com 43 alunos no internato. E ficava o dia inteiro, e tinham os que*

*dormiam, e tinha uma secretária que ajudava com o dinheiro, e ela sabia o português e estava terminando a faculdade, e Senhora Sensei não trabalhava com os papéis, só dava aula, música, dança. Em 1989 até 1995 cada vez diminuindo alunos, e 1995 foi a penúltima vez que foi para o Japão, o pai dela faleceu com 82 anos e precisou ir visitar. Então deixaram por três meses o Brasil, e justamente nesse tempo um aluno foi para o Japão estudar, e ela orientou muito ele. Ele ficou 2 anos no Japão, outro aluno foi pelo governo. Tem dois meios de ir para o Japão, uma pelo Governo, e outro por cada província do Japão, e se o aluno tem descendência em uma província pode tentar a bolsa de estudo.*

*Senhora Sensei é da província de Gunma e o filho dela dava para ir para Gunma e depois conseguiu passar a prova e foi e deu sucesso, e o governo deu dinheiro para estudar. Em 1998 ele voltou e ficou mais um tempo sem pagar nada, o governo pagava tudo. E por três meses estudou na faculdade de Tamagawa.*

*No Japão se aprende mais rápido o japonês, usa mais os gestos, e ela gostou de aprender a ensinação (sic) do idioma japonês nesse curso que fez junto com o aluno. Em 2003 ela foi para o Japão novamente sua mãe estava doente e faleceu com 88 anos. Daí quando foi em 2003 o Japão estava muito desenvolvido, e os degaseki que iam trabalhar lá ganhavam muito. Naquela época um mês de salário aqui era o mesmo que um dia de trabalho no Japão. Porque naquela época um salário mínimo aqui no Brasil era menos que 100 dólares, e lá se ganhava no mínimo 100 dólares por dia. Um ano de Japão valem 30 anos no Brasil, porque lá tem hora extra, mas hoje não está tanto. Até agora bastante aluno dela estão bem lá no Japão, um já casou e tem dois filhos e sempre mandam cartas.*

## **COTIDIANO**

*Normalmente as seis horas ela acorda. Faz 35 minutos de caminhada, e não é sempre no mesmo lugar, porque pode ser perigoso, e ela tem a máquina de andar também quando chove. Senhora Sensei depois da caminhada todos os dias pratica o budismo e faz sua oração. Então mais ou menos meia hora ela faz oração e até sete e quinze, então começa a limpeza da casa e oito hora termina e oito e meia começa a aula e os alunos chegam. E tem um rapaz que ajuda ela na*

*aula de japonês, que é um jovem japonês nascido no Japão. Ela prepara o almoço enquanto ele ajuda nas aulas. Mas as aulas não são completamente em japonês, é misturado porque os alunos mais novos ainda não sabem bem o idioma, mas os mais velhos sabem falar bem o japonês.*

*Onze e meia Senhora Sensei volta da aula para fazer o almoço, que é quase tudo comida japonesa. Meio dia e quinze é servido o almoço. Uma hora começa a aula até as quatro horas. Dez hora da manhã ela tem que arrumar lanche para os estudantes. Hoje só tem dois alunos, e vem duas vezes por semana, e é um grupo do mesmo nível cada turno. Sexta-feira não tem aula. As três horas da tarde tem que fazer café para os alunos, e depois vai para o ACEC jogar Park Golf. E em outros dias vai nos mercados fazer compras. O marido jogo Shogi, uma espécie de xadrez japonês. E sempre vem amigo dele jogar aqui, e ela sempre tem que fazer sala fazendo café e atendendo os amigos. Ela sempre tem contados com amigos, e cerca de uma hora e meia ela usa o computador para enviar recados para os amigos, tudo em japonês. Conversa sobre coisas da escola, e de noite passa até as dez hora da noite conversando pela internet. O contato com o Japão não é apenas familiar, tem bastante professoras e alunos que ela se corresponde.*

*Em casa conversa somente em japonês com o marido e a televisão é assistido mais o canal da NHK, mas os nacionais também são assistidos. A Globo também assiste, mas o marido é direto o NHK. Depois das quatro faz a meditação, e o jantar é comida japonesa e vai das sete até as oito horas. Tem Kare, Niku, macarrão branco. Dormir sempre é as dez ou dez e meia da noite, e tem a oração de uma hora do budismo antes de dormir.*

*Esse é o livro de religião, e isso é o Butsudan, tem bastante membro de Curitiba. Essa religião é budista, aqui em Castro é pioneira, ela que é a pioneira na organização dessa religião. E em Curitiba é bem grande, e não tem templo, cada um faz em casa, e é desde o começo da imigração que existe, e esse dia 3 de maio o presidente que é esse aqui, vai estar em Ponta Grossa para o dia da Soka Gakkai, e tem 192 países membros dessa religião, e essa revista saí no Brasil todo. Este jornal é semanal, e ela e o marido estão organizando, e a maior parte é*

*brasileiro, e japonês tem menos membros. E nossa comunidade de um brasileiro que mora no Canta Galo. Não é igual aquela perto do Vespasiano, aquela é Sheisho-Noe, são amigos, mas a religião é separado, essa aqui é muito rigorosa. Não é assim tão ampla. Tem 32 ou 35 membros, e somente 7 são japoneses. Em Curitiba também a maioria é brasileiro. Metade de sua vida é budista, e metade é professora de japonês, e também dirige o grupo de Taiko, ela quem fundou o Taiko em Castro. E ano passado dava aulas de Taiko, mas hoje esse ano, já tem alunos que conseguiram o grau de orientador, e agora ficam no lugar dela, já tem três que podem orientar, e então diminuiu o trabalho dela, e nesse sábado apresentaram em Castrolanda bastante músicas. Ainda ela é orientadora responsável. No sábado das duas até as seis horas.*

*Domingo sempre tem jogo de Park Golf, sempre tem a competição de Castro, e sempre tem 30 e poucas pessoas, e fazem a competição para saber quem é o melhor. E sempre tem o interno, com pessoas de Piraí também, e quando é competição grande é em Ponta Grossa, Curitiba, Londrina, Assaí e Cianorte. E a maioria é japonês idoso, e 30% é japonês de cara, mas a metade é brasileiro porque nasceu aqui. Mas Japonês japonês mesmo já tem muito pouco. Todo mundo vai na terça-feira e sexta-feira jogar, e quando não tem nada para fazer vai treinar.*

*Os dias passam praticamente aqui em casa e no ACEC. E para ir no ACEC vai junto com o marido de carro. Por enquanto não tem outras atividades, mas até 1998 até 2006 ia para Piraí do Sul fazer aulas de japonês, duas vezes por semana.*

*Português ela só lê a revista de religião, mas não entende tudo, os livros que lê são tudo em japonês. Esse é o almanaque de Curitiba, de 2010, é em japonês com signos japonês de animais. O contato com o dia-a-dia é a maioria com japonês, e usa metade e metade do seu tempo entre o japonês e o português, em número de pessoas que tem contato, entre trabalho e amizade, pode-se falar que é 60% japonês e 40% brasileiros, porque na religião a maioria são brasileiros. Senhora Sensei se sente mais brasileira do que japonesa, porque ela gosta mais daqui, porque quando ela foi para o Japão todo mundo, a família e os colegas*

*falaram que ela mudou, que não era mais japonesa, e a pele fica mais escura, mas o sotaque do japonês não mudou, mas quando chega do Japão fica dois ou três dias misturando o português com o japonês, por exemplo: “café o mimasho”, não é assim, é: “cohii o mimasho”. Então mistura mas logo já volta para o japonês, mas aqui no Brasil também às vezes também mistura um pouco de Japonês quando está falando português.*

*Quando chegou no Brasil não tinha alimentação especial, mas não sofreu muito, tinha muita saúde, mas o alho não aceitava o cheiro a primeira vez, mas depois gostou e achou muito gostoso, e matava porco e sem olho não ficava gostoso, e a culinária brasileira o marido que ensinou, a feijoada, e outras. E agora a costela é a preferida, e tem sushi com costela, e entre os dois ela prefere a costela assada. Mas muitas refeições são japonesas porque é melhor para a saúde, não pode muita gordura e uma vez por semana o marido compra costela assada, mas não pode todo dia. Somente verdura, com soja e temperos, que os amigos trazem, não tem horta mais aqui, trazem tudo de presente, miso, shoyu, tofu, e ela faz tudo, e é barato para comprar as verduras.*

*Os móveis não tem muito do Japão, tem uma máquina de costura e de trico, e tem um rádio que coloca pilha e naquela época era muito moderno para o Japão. Ela precisa de dois remédios do Japão, e a irmã manda para ela por correio quando termina.*

*Os livros tem bastante aqui, a família enviavam todo mês livros para ela do Japão, dicionários, e um colega dela da imigração japonesa para o Paraguai, que estudou junto com ela no Japão, ele trouxe o dicionário completo e não tem filhos, e deu todos os livros para ela quando foi visitar ele na colônia Iguaçu no Paraguai. E a maioria dos livros ele quem forneceu. Ele trouxe de navio.*

*Os filhos usavam bastante os livros, para aprender o japonês aqui, sempre tem o exame no Brasil todo e usam apostilas que são fornecidos com graus, e usam esses para estudar aqui. Esse aprende letras, e depois esse outro e no Brasil inteiro tem o grau. E é feito em São Paulo, e precisa pagar uma mensalidade para essa organização fornecer o material. Essa é a prova. Este é a fundação.*

*Entre os alunos dela tem filho de holandês, brasileiro e filhos de japoneses. Os níveis dos livros vai até o seis. Alguns alunos estudam por curiosidade e outros para ir para o Japão.*

*Esses dois aqui na revista do ACEC de 1999 são os professores que deixaram o internato e foram para o Japão, e aí ela assumiu o internato.*

## **BIBLIOGRAFIA**

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5º ed. São Paulo : Martins Fontes, 2007.
- ADLER, Kurt. **Psicologia do indivíduo de Adler**. In. WOLMAN, Benjamim B. (org). **As técnicas não-freudianas e técnicas especiais e resultados**. (col. Técnicas Psicanalíticas – vol 3) Rio de Janeiro : Imago Editora, 1977, (orig. 1967), pp. 11-51.
- ANASTASI, Anne. **Testes Psicológicos: teoria e aplicação**. São Paulo : Herder, 1967.
- ANCHIETA, Joseph. **Capitania de S. Vicente**. (Coleção Brasileira de Divulgação, série IV, nº3) Rio de Janeiro : Imprensa Nacional, 1946.
- ANDREOTTI, G. **Paesaggi in movimento: paesaggi in vendita, paesaggi rubati**. Trento : Valentina Trentini, 2007.
- ARMONY, Nahman. **Borderline, Identificação e Subjetividade Pós-moderna**. Disponível em: [www.sande.inf.br/nahman/borderlineidentificacao.pdf](http://www.sande.inf.br/nahman/borderlineidentificacao.pdf) . Acesso: 10/09/2009.
- ASSOCIAÇÃO CULTURAL E ESPORTIVA DE CASTRO. **Comunidade nipo-brasileira de Castro e Piraí do Sul – PR**. Castro : Setur, 1999.
- BACHELARD, G. **A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças**. São Paulo : Martins Fontes, 2001, (orig. 1948).
- BALANDIER, Georges. **O Poder em Cena: Pensamento Político**. Brasília : Universidade de Brasília, 1982, pp. 5-21.
- BALANDIER, Georges. **El Desordem: La teoria del caos y las ciencias sociales. Elogio de la fecundidad del movimiento**. Barcelona : Gedisa, 1993, pp. 17-37.
- BAPTISTA, Vera Maria Biscaia Vianna. **Curitibanos dos Campos Gerais**. Curitiba : Fundação Cultural, 2002.
- BARROS, Benedicto Ferri de Barros. **Japão: a harmonia dos contrários**. São Paulo : Quatro, 1988.
- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro : Zahar, 1998.
- BERGER, P. & LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 17ªed. Petrópolis : Vozes, 1999.
- BERGSON, Henri. **Ensaio Sobre os Dados Imediatos da Consciência**. Lisboa : Edições 70, 1927?, (orig. 1889).
- BIGG-WITHER, Thomas P. **Novo caminho no Brasil Meridional: a Província do Paraná, 3 anos em suas florestas e campos**. Curitiba : Imprensa Oficial do Paraná, 1974.
- BLUMER, Herbert. **A Natureza do Interacionismo Simbólico**. (capítulo 8) In. MORTENSEN, David. **Teoria da Comunicação: textos básicos**. São Paulo : Mosaico, 1980, pp. 119-137.
- BOSS, Medard; CONDRAU, Gion. **Psicanálise Existencial**. In. WOLMAN, Benjamim B. (org). **As técnicas não-freudianas e técnicas especiais e resultados**. (col. Técnicas Psicanalíticas – vol 3) Rio de Janeiro : Imago Editora, 1977 (orig. 1967).
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro : Bertrand, 1998.



- BUENO, Fidelis. **Pouso do lapó: contribuição à história de Castro**. Castro : Kugler Artes Gráficas, 2002.
- BURSTEIN, Daniel. **Yen: O Japão e seu Novo Império financeiro**. São Paulo : Cultura Editores, 1990.
- BUTCHER, H. J. **A inteligência humana**. São Paulo : Perspectiva, 1972 (orig. 1968).
- CÁCERES, Florival. **História do Brasil**. São Paulo : Moderna, 1993.
- CARRETERO PASÍN, Ángel Enrique. **La noción de imaginario social em Michel Maffesoli**. *REIS – Revista Española d Investigaciones Sociológicas*. Madri. n. 104, 2003, pp. 199-209.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a Era da informação: economia, sociedade e cultura**. 3ªed. São Paulo : Paz e Terra, 1999.
- CASTRO. **Sesquicentenário da Comarca de Castro**. Curitiba : Mult-Graphic, 2004.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1 Antes de fazer**. 9ªed. Petrópolis : Vozes, 1994, (orig. 1974).
- CERTEAU, M.; MAYOL, P. & GIARD, L. **A invenção do cotidiano: 2 morar, cozinhar**. 5ª ed. Petrópolis : Vozes, 1996.
- CHAFE, Wallace L. **Significado e Estrutura Lingüística**. Vol 2. São Paulo : Livros Técnicos e Científicos Editora, 1979.
- CHRISTOFOLETT, Antonio. (org). **Perspectivas da Geografia**. 2ª ed. São Paulo : Difusão Editorial, 1982.
- CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. 3ª ed. Florianópolis : UFSC, 2007 (orig. 1995).
- CLAVAL, P. **O território na transição da pós-modernidade** In GEOGRAFIA, Revista da Pós-Graduação em Geografia da UFF. Niterói : Rio de Janeiro, 1999, pp. 7-25.
- COLOGNESE, Silvio Antonio. **Associações étnicas de Italianos: identidade e Globalização**. São Paulo : Itália Nova, 2004.
- CUNHA, A. M.; CANUTO, F.; LINHARES, L. & MONTE-MÓR, R. L. **O Terror Superposto: uma leitura do conceito lefebvriano de terrorismo na sociedade urbana contemporânea**. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*. v. 5, n. 2, Novembro 2003, pp. 27-43.
- DE ROBERTIS – HIB. **Bases da biologia celular e molecular**. 3ª ed. Rio de Janeiro : Koogan, 2001.
- DELEUZE, G & GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol 1. Rio de Janeiro : Ed. 34, 1995, (orig. 1980).
- DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. 2ªed. São Paulo : Perspectiva, 1999, (orig. 1967).
- DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **Etnias e culturas no Brasil**. São Paulo : Círculo do Livro, 1976.
- DINIZ, J. M. F.; VILLELA, L. M. C.; MELLO, J. C. & EHALT, E. **Castro Antiga: cronologia**. Curitiba : Imprensa Oficial, 2003.
- DORON, Roland; PAROT, Françoise. **Dicionário de Psicologia**. São Paulo : Editora Ática, 2006.

- EISENSTADT, S. N. **De Geração a Geração**. São Paulo : Perspectiva, s/d (orig. 1956).
- ELIAS, Nobert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro : Zahar, 1994.
- EMILIANI, Francesca. **A realidade das pequenas coisas: a psicologia do Cotidiano**. São Paulo : Senac, 2009.
- ENGELS, Friedrich. **Ludwing Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã**. Brasília : Centelha Cultural, 2010, (orig. 1888).
- ENSEMBLE, C. Art. **Distúrbio Eletrônico**. Coleção Baderna, São Paulo : Conrad, 2001.
- FERREIRA, João Carlos Vicente. **O Paraná e seus Municípios**. Maringá : Memória Brasileira, 1996.
- FEUERBACH, Ludwig. **A Essência do Cristianismo**. Petrópolis : Vozes, 2007, (orig. 1841).
- FREDERICO, Celso. **Cotidiano e Arte em Lukács**. *Estudos Avançados*. v. 14, n. 40, 2000, pp. 299-308.
- FREUD, S. **Projeto de uma Psicologia**. Rio de Janeiro : Imago, 1995, (orig. 1895).
- FREUD, S. **Conferências introdutórias sobre psicanálise: parapraxias, sonhos**. Rio de Janeiro : Imago, 1976.
- FREITAS GIL, Ana Helena Correa. & GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Geografia do Cotidiano: uma leitura da Metodologia Sócio-Interacionista de Erving Goffman**. *Revista Ateliê Geográfico*. v. 2, n. 4, agosto de 2008, pp. 102-118.
- GABRIEL, K. **Geografia do Cotidiano: análise e a representação espacial da zona pessoal cotidiana**. (TCC) Ponta Grossa : UEPG, 2005.
- GAHAGAR, Judy. **Comportamento interpessoal e de grupo**. Curso Básico de Psicologia, unidade B, Vol B2, Rio de Janeiro : Zahar Editores, 1975.
- GOFFMAN, Erving. **A representação do Eu na vida cotidiana** 8ªed. Petrópolis : Editora Vozes, 1999, (orig. 1959).
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4ª ed. Rio de Janeiro : LTC, 1988, (orig. 1963).
- GOLDGRUB, Frankilin. **Trauma, Amor e Fantasia: história lógica da teorização do inconsciente na obra de Freud**. São Paulo : Editora Escuta, 1988.
- GROTSTEIN, James S. **A divisão e a identificação projetiva**. Rio de Janeiro : Imago, 1985.
- GUATTARI, F. **O inconsciente maquínico: ensaios de esquizo-análise**. Campinas : Papirus, 1988, (orig. 1979).
- GUIMARÃES, Cláudio Jorge. **Colonização Alemã na Terra Nova**. Castro : Kugler, 1993.
- HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no nordeste**. Niterói : Eduff, 1997.
- HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte : UFMG, 2006,

410 p.

- HANDA, Tomoo. **O Imigrante Japonês: história de sua vida no Brasil**. São Paulo : T. A. Queiroz, 1987, 828 p.
- HANSEN, Flemming. **Consumer Choice Behavior: a cognitive theory**. New York : The Free Press, 1972.
- HEDBERG, Hakan. **O desafio Japonês: Japão: a superpotência de 1980/90**. 2ªed, Rio de Janeiro : Lia Editor, 1970.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do Espírito**. 5ª ed. Petrópolis : Vozes, 2008, (orig. 1806), p. 249.
- HEIDEGGER, Martin. **Os conceitos fundamentais da Metafísica: mundo, finitude, solidão**. Rio de Janeiro : Forense, 2006.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser y Tiempo**. (trad. Jorge Eduardo Riveira). Santiago : ARCIS, (orig. 1927), 448 p.
- HELLER, Agnes. **Uma Teoria da História**. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1993, (orig. 1981).
- HELLPACH, Willy. **Geopsique**. São Paulo : Edições Paulinas, 1967, 340 p.
- HENSHALL, Kenneth. **A History of Japan: from stone age to superpower**. 2ª ed, New York : Palgrave, 2004.
- HERRMANN, Fabio. **Andaimes do Real: O Cotidiano**. (Biblioteca Vértice – psicanálise), São Paulo : Vértice, 1985.
- HUSSERL, Edmund. **The Shorter Logical Investigation**. New York : Routledge, 2001.
- JUNG, C. G. **Estudos Alquímicos**. Petrópolis : Vozes, 2003a.
- JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis : Vozes, 2000a.
- JUNG, C. G. **O Eu e o Inconsciente**. 17ª ed. Petrópolis : Vozes, 2003b.
- JUNG, C. G. **O Homem e seus Símbolos**. 1ª ed. 18ª impressão. Botafogo : Editora Nova Fronteira, 2000b.
- KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. 5ª ed. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, (orig. 1781).
- KIERS-POT, C. H. L. **Castrolanda 50 anos: 1951 – 2001**. Castro : Kugler, 2001.
- KOOY, Hendrik Adrianus. **Carambeí 75 anos**. Castro : Kugler Artes Gráficas, 1986.
- KUHN, T. S. **La Estructura de las Revoluciones Científicas**. Cidade do México : FCE, 2004, (orig. 1962).
- LAZIER, Hermógenes. **Paraná: terra de todas as gentes e de muita história**. Francisco Beltrão : GRAFIT, 2003.
- LEFEBVRE, Henri. **The Production of Space**. United Kingdom : Blackwell, 2003.

- LEFEBVRE, Henri. **Critique of Every Day Life**. Vol. 1, 2º ed. Londres : Verso, 2000, (orig. 1947).
- LEFEBVRE, Henri. **Critique of Every Day Life**. Vol. 2. Londres : Verso, 2002, (orig. 1962).
- LEFEBVRE, H. **The Urban Revolution**. Londres : Minnesota, 2003a.
- LOPES, José Carlos Veiga. **Fazendas e Sítios de Castro e Carambeí**. Curitiba : Torre de Papel, 2004.
- LORENZ, Konrad. **Falava com as bestas, as aves e os peixes**. Rio de Janeiro : Labor, 1977.
- LOWENTHAL, David. **Geografia, Experiência e Imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica**. In. CHRISTOFOLETTI, Antônio (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo : DIFEL, 1982, pp. 103-142, (orig. 1961).
- LUKÁCS, Georg. **Ontologia do Ser Social – A Falsa e a Verdadeira Ontologia de Hegel**. (Capítulo III). São Paulo : Livraria Editora Ciências Humanas, 1979, (orig. 1971), 112 p.
- LUKÁCS, Georg. **Introdução a uma Estética Marxista: sobre a particularidade como categoria da estética**. (Coleção Perspectivas do Homem, v. 33, série Estética). 2ºed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1970, pp. 262-277.
- MACÁRIO, Epitácio. **Práxis, Indivíduo e Subjetividade em Lukács: Notas Teórico- Metodológicas**. *II Encontro Internacional trabalho e formação dos trabalhadores*. Ceará, Labor UFC, 2008, 21 p.
- MACHADO, Carlos. **Momentos da obra de Henri Lefebvre: uma apresentação**. *Ambiente & Educação*, v. 13, 2008, pp. 83-95.
- MACHADO, Angelo. **Neuroanatomia Funcional**. 2º ed. São Paulo : Atheneu, 1993.
- MAGALHÃES, F. **Dicionário Português-Latim**. São Paulo : LEP S. A., 1960.
- MAFFESOLI, Michel. **O Conhecimento Comum: compêndio de sociologia compreensiva**. São Paulo : Brasiliense, 1988.
- MEAD, George Herbert. **La Génesis del Self y el Control Social**. *Reis – Revista Española de Investigaciones Sociológicas*. n. 55, 1991, pp. 165-186.
- MESQUITA, Zilá & BRANDÃO, Carlos R. (org) **Territórios do cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências**. Porto Alegre : UFRGS; Santa Cruz do Sul : Ed. Universidade, 1995.
- MONROY, Bernardo Sada. **La Tentación del Solipsismo Epistemológico**. *Revista Estudiantil de Filosofía*. (Pontifica Universidad Javeriana Gogotá) n. 15, 12 p., abril 2007.
- MONTAGU, Ashley. **A natureza da agressividade humana**. Rio de Janeiro : Zahar, 1978.
- MORAES, A. C. R. **Geografia: Pequena História Crítica**. 10º ed. São Paulo : Hucitec, 1991.
- MORAIS, Fernando. **Corações Sujos**. São Paulo : Companhia das Letras, 2007.
- MYNLIEFF, Michelle. **Transmissão Sináptica**. In WONG-RILEY, Margaret T. T. **Segredos em Neurociência: respostas necessárias ao dia-a-dia em rounds, na clínica, em exames orais e escritos**. Porto Alegre : Artmed, 2003, pp. 50-67.

- NADALIN, Sérgio Odilon. **Paraná: Ocupação do Território, população e migrações**. (coleção História do Paraná, v. 1), Curitiba : SEED, 2001.
- NETTO, Luiz Romanguera. **O Vau do Iapó**. Castro : Kugler Artes Gráficas, 2000.
- NITOBÉ, Inazo. **Bushido: alma de samurai**. São Paulo : Tahy, 2005.
- OGUIDO, Homero. **De imigrantes a Pioneiros: A saga dos japoneses no Paraná**. 2º ed. Curitiba : Ipê, 1988.
- PADIL, Pedro Calil. **Formações de uma economia periférica: o caso do Paraná**. In. BAPTISTA, Vera Maria Biscaia Vianna. **Curitibanos dos Campos Gerais**. Curitiba : Fundação Cultural, 2002.
- PARANÁ, Secretaria da Cultura. **Cadernos do Patrimônio: Fazenda Capão Alto**. Curitiba : SECE, 1985.
- PARANÁ, Governador do. **Questões de Limites entre Paraná e Santa-Catharina**. Curitiba : Typ. da Penitenciária Ahú, 1909.
- PARANÁ, Governo do. **Páginas Escolhidas: História: 150 anos da Criação da Política do Paraná**. Curitiba : Assembléia Legislativa do Paraná, 2003.
- PATTO, Maria Helena Souza. **O Conceito de Cotidianidade em Agnes Heller e a Pesquisa em Educação**. *Perspectiva*. São Paulo, v. 16, 1993, pp. 119-141.
- PERALVA, Osvaldo. **Um retrato do Japão**. 2ºed, São Paulo : Moderna, 1990.
- PEREIRA, Wellington. **A Comunicação e a Cultura no Cotidiano**. *Revista Eletrônica Temática*. 19/01/2008, 7p. Disponível In: [www.insite.pro.br](http://www.insite.pro.br) Acesso em: 08/11/2010.
- PETRONE, Maria T. S. **O imigrante e a pequena propriedade**. São Paulo : Brasiliense, 1982.
- PLISZKA, Steven R. **Neurociência para o clínico de saúde mental**. Porto Alegre : Artmed, 2004.
- PSICANÁLISE, Sociedade Brasileira de. **Evolução do conceito de Identificação Projetiva: e contribuições teóricas e clínicas**. Rio de Janeiro : Amaral CIA, 1979.
- RAMOS, Arthur. **Introdução à Antropologia Brasileira: as culturas não-européias**. 1º vol. 2º ed. Coleção Estudos Brasileiros. Rio de Janeiro : Casa do Estudante, 1951.
- RAMOS, Arthur. **Introdução à Antropologia Brasileira**. 2º vol. Rio de Janeiro : Casa do estudante do Brasil, 1947.
- REALE, Miguel. **Filosofia do Direito**. 13º ed. São Paulo : Saraiva, 1990.
- RICKLI, João Frederico. **Religião e parentesco na colônia Castrolanda**. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 47, n. 2, jul./dez. 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003477012004000200005&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003477012004000200005&script=sci_arttext). Acesso em: 15 mar. 2010.
- RITTER, Marina Lourdes. **As sesmarias do Paraná no Século XVIII**. Curitiba : IHGEP, 1980.
- ROSAS, José Pedro Novaes. **A fundação da cidade de Castro**. 2º ed. Castro : Imp. Castro, 1993.

- SAFOUAN, Moustapha. **O fracasso do princípio do Prazer**. Campinas : Papyrus, 1988.
- SAHR, Wolf-Dietrich. **Portos e Sertões – Reflexões sobre uma Geografia Cultural à la Bresilienne**. In MENDONÇA, F; LOWER-SAHR, C. L. ; SILVA, M. (orgs.) **Espaço e Tempo: complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico**. Curitiba : Ademadan, 2009, pp. 261-288.
- SAHR, Wolf-Dietrich & GODOY, Marino L. M. **Em Contato com o Espaço do Além: proposta para uma geografia do espiritismo**. *REVER - Revista de Estudos da Religião*. Ano 9, Junho/2009, pp. 1-20.
- SAHR, Wolf-Dietrich. **Signos e EspaçoMUNDOS: a semiótica da espacialização na Geografia Cultural** In. KOZEL, S.; SILVA, J da C. & GIL FILHO, S. F. (org.) **Da Percepção e Cognição à Representação: reconstruções teóricas da geografia cultural e humanista**. São Paulo : Terceira Margem, 2007, pp. 57-79.
- SAHR, Wolf-Dietrich. **Signos e EspaçoMUNDOS: a concretização de espacialidades na Geografia Cultural** In. SERPA, Ângelo (org.). **Espaços Culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador : EDUFBA, 2008, pp. 33-57.
- SAINT-ADOLPHE, J. C. R. Milliet. **Diccionario Geographico, Historico e Descriptivo do Imperio do Brazil**. Vol. II, Paris : J. P. Aillaud, 1845.
- SALINGER, J. D. **O apanhador no campo de centeio**. 16ªed. Rio de Janeiro : Editora do Autor, 2007, (orig. 1945).
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. Coleção Milton Santos; 1, São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 2002.
- SANTOS, M; SOUZA, Maria A. A.; SILVEIRA, Maria L. **Território: Globalização e Fragmentação**. 3ª ed. São Paulo : Hucitec, 1996.
- SANTOS, M. **Por uma Globalização: do pensamento único a consciência universal**. 11ª ed. Rio de Janeiro - São Paulo : Editora Record, 2004.
- SANTOS, Douglas. **A Reinvenção do Espaço: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria**. São Paulo : UNESP, 2002, pp. 155-173.
- SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica**. 12º ed. Petrópolis : Vozes, 2003, (orig. 1943).
- SILVEIRA, Nise da. **Jung: Vida e Obra**. São Paulo : Paz e Terra, 1983.
- SIMMEL, George. **A Metrópole e a Vida Mental**. In. VELHO, Otávio Guilherme. **O Fenômeno Urbano**. 4º ed. Rio de Janeiro : Zahar, 1979, pp. 11 -25.
- SOUSA FILHO, A. **Michel de Certeau: fundamentos de uma Sociologia do cotidiano**. *Sociologia*. v. 2, São Paulo, 2002, pp. 129-134.
- STAUDE, John-Raphael. **O desenvolvimento adulto de C. G. Jung**. São Paulo : Cultrix, 1995.
- TARDAN-MASQUELIER, Ysé. **C. G. Jung: a sacralidade da experiência interior**. São Paulo : Paulus, 1994.
- TEDESCO, João C. **Paradigmas do Cotidiano: Introdução à constituição de um campo de análise social**. 2ª ed. Santa Cruz do Sul : EDUNISC; Passo Fundo : UPF, 2003.

- VACA, Cabeza de. **Comentários**. Curitiba : Farol do Saber, 1995.
- WACHOWICZ, Ruy. **História do Paraná**. Curitiba : Imprensa Oficial do Paraná, 2002.
- WAMBIER, Daily Luiz. **Origens de Ponta Grossa**. Ponta Grossa : UEPG, 1983.
- WERLEN, Benno. **Regionalismo e Sociedade Política**. (trad. Rogério Haesbaert / rev. Wolf-Dietrich Sahr) *Geographia*. Ano II, n. 4, 2000, pp. 7-25.
- WILBER, Ken. **O espectro da consciência**. São Paulo : Cultrix, 1995.
- WONS, I. **Geografia do Paraná: física – humana – econômica**. 5° ed. Curitiba : Ensino Renovado, 1985.
- WRIGHT, John K. **Terrae incognitae: the place of imagination in Geography**. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 37, n. 15, 1947, pp. 1-15.
- YAMASHIRO, José. **Choque Luso no Japão dos séculos XVI e XVII**. São Paulo : IBRASA, 1989.

#### DOCUMENTOS

- Arquivo do Museu do Tropeiro da cidade de Castro, registros da Paróquia Santana, Livro nº 1, Registro 81.
- Jornal Pagina Um, Especial Castrolanda, 2001.
- Registro Geral de imóveis, Tabelionato, nº 1.214.